Diário de Lisboa

CONCURSO 58 ANOS

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Maio 1979
Sábado

ANO 59.°
N.° 19 965
10$00

26

O MAIOR ACIDENTE AÉREO DA HISTÓRIA DOS EUA

272 mortos na queda de um DC-10

Um DC10 das «American Airlines» com 272 pessoas a bordo despenhou-se e explodiu, pouco depois de deslocar do aeroporto internacional de O'Hare, em Chicago, com destino a Los Angeles. Não há sobreviventes deste acidente que se transformou num dos maiores desastres da história da aviação mundial. As chamas elevaram-se a cerca de uma centena de metros e o aumento de temperatura impediu a intervenção imediata das equipas de socorro. A causa da queda do avião foi a avaria num dos seus reactores. (Telefoto UPI/ANOP/DL)

Pág. 16

DIRIGENTES SOCIALISTAS AFIRMAM AO "DL"

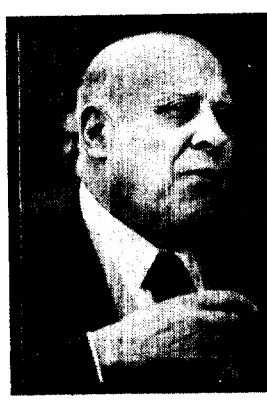
Amnistia não será moeda de troca

O veto presidencial sobre a Lei de Amnistia acentuou nas últimas horas o clima de crise político-institucional que se atravessa. As Forças Armadas são assim mais um dos elementos da crise que opunha até ao momento a Assembleia da Republica ao Governo, arrastando, por tabela o Presidente da República. A proximidade da votação da proposta de Lei do Orçamento, a eventualidade de se desencadearem os mecanismos constitucionais para derrubar o Governo, através de moções de censura e a reunião de amanhã da Comissão Nacional do PS, são os factores que intensificam a expectativa política.

O veto político da Lei da Amnistia, utilizado pelo Presidente da República, produziu um conjunto de reacções nas Forças Armadas que se podem traduzir, exemplarmente, no facto de os comandos da Força Aérea, terem feito saber que a ratificação da lei poderia causar «graves problemas».

O semanário «Expresso» e o matutino «Correio da Manhã» publicam hoje informações de que o PS estaria disposto a negociar o «congelamento» da Lei de Amnistia, da sua iniciativa, contra a negociação de um V Governo de base PS. Nesse sentido, o Partido Socialista, acrescentavam, teria encetado sondagens, nomeadamente com a CAP, no sentido de se escolher um ministro da Agricultura. Moeda de troca seria a exoneração de Mota Pinto pelo Presidente da República.

Contactados pelo «DL» dirigentes do PS desmentiram veementemente estas informações. «A vida política não é uma feira» e «o fomento de um clima de intoxicação da vida democrática» foram frases escolhidas pelas nossas fontes para qualificar o teor e validade das informações que citámos. A Lei de Amnistia, aprovada pelo PS e PCP, fundamentalmente, será remetida de novo ao Parlamento, acompanhada pela fundamentação escrita da razão do veto imposto pelo Presidente da República. O PS declarou-se já aberto à análise dos problemas suscitados pela aprovação da lei e solicitará uma audiência a Belém. Para o PS, o Presidente da República é o único interlocutor válido para transmitir as preocupações



José Magalhães Godinho quer da lei mais autoridade

Pág. 24

Sexualidade feminina foi tema de colóquio

Foi ontem à noite no Centro Nacional de Cultura: Maria Piedade Martins Ferreira, da Bertrand, Maria Belo, psicanalista, e a jornalista Maria Antónia Palla tentaram orientar um colóquio sobre sexualidade feminina.

Pág. 8

CONCURSO DL

HOJE 15.º CUPÃO

ACÁCIO GOUVEIA
ARMANDO ADÃO E SILVA
ARMANDO FÉLIX CASTANHEIRA
FRANCISCO SALGADO ZENHA
GUSTAVO SOROMENHO
JOAQUIM CATANHO DE MENESES
JOSÉ MEDEIROS FERREIRA
JOSÉ PARADELA DE OLIVEIRA
MÁRIO SOARES
MÁRIO SOTTOMAYOR CARDIA
NUNO RODRIGUES DOS SANTOS
RAÚL REGO

em exposição fundamentada renunciaram à candidatura a deputados por LISBOA, VISEU, LEIRIA e PORTO.

Documento integral no CADERNO ESPECIAL

TRIBUNA LIVRE

Uma ética para a RDP

Maria Estrela Serrano

Quem sintonizar hoje a RDP em qualquer dos seus canais, julgará encontrar-se num país estrangeiro onde os problemas sociais não existem e a vida é fácil e pródiga para todos. As dificuldades porventura existentes, limitam-se à escolha do filme a ver ou do disco a comprar. Mas para isso existe a RDP. Bastará sintonizar qualquer dos seus canais para se ficar a conhecer as últimas do mundo do disco. Pode-se até participar num dos concursos que estão sempre a decorrer e, com um pouco de sorte, talvez se ganhe o último álbum dos «Supertramp» ou dois bilhetes para o «Grease».

De manhã à noite a RDP enche os nossos ouvidos de música estrangeira, entre jingles e vozes «quentes», que nos dizem ser a rapariga da capa do disco, sensacional, ou nos previnem com um «acautelem-se que vêm aí as, Frenéticas». É esta a imagem da «nova RDP». Uma imagem que a própria Emissora Nacional se esforçava para não criar. A «nova RDP está de facto ao serviço das editoras de discos. «Passa-se» o que a editora oferece. Chega-se ao desplante de ser o seu «public-relations» quem na cabina «sugere» o próximo disco. Mas vai-se mais longe: entrevistas, concursos e outros complementos, são preparados por esses indispensáveis «assistentes».

A RDP transformou-se assim numa enorme máquina de lançamento dos discos que as editoras oferecem a alguns locutores, hoje os detentores da quase totalidade da antena. O caso é tão escandaloso que levou já um insuspeito funcionário da confiança da hierarquia, a propor a proibição da transmissão dos discos que não existissem na Discoteca da empresa. É evidente que a solução não é essa. Mas os responsáveis da RDP não mostram qualquer interesse em modificar este estado de coisas já que estão sobretudo interessados em impedir o tratamento de temas que façam as pessoas pensar. Pouco a pouco vão-se eliminando os últimos programas onde ainda existia um mínimo de participação. E criam-se novos espaços com mais música mais «tops» mais «hit-parades». E, embora continuem trabalhadores na «bolsa de desemprego» contratam-se mais pessoas que possam à partida garantir o cumprimento daqueles objectivos.

A RDP é hoje apenas uma Rádio com três canais comercialeiros, com todos os inconvenientes e nenhuma das vantagens de uma autêntica estação comercial. A publicidade encapotada que a todas as horas se pratica, mesmo no canal dito não comercial, atesta sobretudo a incapacidade daqueles que hoje estão à frente dos seus destinos. A pretendida «rentabilidade económica máxima» dos seus serviços saldou-se até hoje por um completo fracasso. Nenhum dos problemas financeiros foi efectivamente resolvido. E quanto à mudança de imagem outro dos objectivos deste Governo, ela aí está a falar por si.

Quem ao ouvir hoje a RDP, pensará encontrar-se num País há 5 anos liberto do obscurantismo? Onde estão os programas de formação de pedagogia de cultura? Onde estão os espaços dedicados ao entretenimento e ao lazer? Onde as rubricas que ajudem os mais pobres a orientar os seus consumos, a organizar a sua alimentação, a vigiar a sua saúde? Onde encontrar nas antenas da RDP, resquícios, vislumbres, ou sequer sintomas da nossa cultura, da genuinidade dos nossos valores da nossa gente?

A «mensagem» da «nova» RDP não é para os portugueses. O seu conteúdo é estranho aos seus interesses e desejos. Consulte-se a última sondagem efectuada pela anterior administração e confirme-se isso mesmo. Lá aparecem a Saúde, a Defesa do Consumidor, os Temas Sociais e outros, como os mais solicitados pelo público. A RDP afasta-se cada vez mais dos modelos e dos conceitos hoje aceites e perfilhados internacionalmente. Ainda recentemente a UNESCO reconhecia a importância da comunicação como um processo fundamental do qual depende toda a vida social, política e cultural dos povos. A comunicação é hoje indissociável da realização de objectivos educativos, científicos e culturais. A RDP ao fazer-se constante veículo de conteúdos que nada têm a ver com os interesses mais prementes dos portugueses, está a alienar as suas verdadeiras funções como Rádio pública, ao serviço do povo que a usa e paga. Sabe-se que nenhum outro meio tem a capacidade de atingir tantas pessoas de maneira tão eficaz. Não é lícito que ela esteja, como está a «colonizar» os portugueses com conteúdos estrangeiros e imagens falsas.

Esta Rádio precisa urgentemente de uma ética.

post-scriptum

O nosso leitor V.S., autor da carta publicada no POST-SCRIPTUM de 23 de Maio, não se insurge contra a **suspensão,** o que lhe parece injusto é que não se tenha decidido a anulação.

Por inadvertência de redacção e distracção de revisão, na notícia da edição do «DL» de 9 de Maio, referiu primeiro o Supremo Tribunal de Justiça, em segundo lugar, então acertadamente, o Supremo Tribunal Administrativo. Era, evidentemente, deste tribunal que se tratava.

Quanto aos perigos futuros e aos cuidados a ter com as «cartas», agradecemos a prevenção. Ficamos atentos.

«DL»

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Duzentos jornalistas (mortos ou desaparecidos) ao longo de 20 anos

Com o assassínio de Karl Robert Pfefer, correspondente do «Der Stern», a lista dos jornalistas mortos ou desaparecidos em missão ultrapassa o número de 200 desde 1950.

As guerras do Vietname, Laos e Camboja, só por si, fizeram 72 mortos e desaparecidos, dos quais, para os Estados Unidos, 16 mortos e 4 desaparecidos, pela França 13 mortos e 5 desaparecidos, pelo Japão 6 mortos e 8 desaparecidos, pela Austrália 4 mortos e um desaparecido.

Dezasseis jornalistas foram mortos durante a guerra da Coreia: 10 americanos, 3 britânicos, 2 franceses e um coreano, e 14 durante a guerra civil e os acontecimentos no Líbano (libaneses, belga e um alemão). A guerra da Argélia (6 franceses); os acontecimentos na ilha de Timor (cinco australianos e dois portugueses); a agitação em Chipre (um inglês e um turco); e a guerra no Uganda (4 alemães e suecos) aumentam esta lista.

Enfim, na América Latina, onze jornalistas foram fuzilados no Chile em 1975, 29 mortos e 40 desaparecidos na Argentina desde Março de 1975, e 2 assassinados na Nicarágua.

● Publicamos hoje o décimo quinto cupão da 2.ª série, referente a 1965 e que tem o n.º 15. O leitor deve recortá-lo e, com os novos 29 cupões mais o boletim de identificação ficará com uma colecção completa.

● Esta 2.ª série, também terá 30 cupões, igualmente numerados de 1 a 30 e com os quais pode completar a sua colecção da 1.ª série no caso de ainda lhe faltar algum número. Com efeito, muito embora a miniatura dos jornais seja diferente, os números são iguais e os cupões são válidos para as duas séries. Em resumo, fazemos o possível para não complicar a vida ao leitor!

● Poderá, assim, completar duas colecções **e ficar com** o dobro de possibilidades **no sorteio final, além de que beneficiará da leitura de um jornal que precisa do apoio dos seus leitores, e de 30 cadernos especiais com textos e imagens de um tempo já próximo – 1951 a 1979 – que serão publicados no decurso da 2.ª série.**

● O leitor tem tempo (pelo menos mais de um mês, e meio) mas, se quiser, pode ir enviando as suas colecções. Recorde-se: as colecções que quiser, mas apenas uma em cada sobrescrito e obrigatoriamente pelo correio. **O boletim de identificação deve ser preenchido com letra bem legível, com o nome tal como figura no bilhete de identidade. Se quiser, pode indicar o nome do seu vendedor habitual, e remeta para DL/CONCURSO – Rua Luz Soriano, 44 – 1200 LISBOA**

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO
DOMINGO, 24 DE JANEIRO DE 1965
ANO 44.º NUMERO 15 125
Diario de Lisbôa
DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

UM LUTADOR

F.P.— 14 A LONDRES, 24— SIR WINSTON CHURCHILL FALECEU AS 8 HORAS GMT. (F.P.)

Churchill morreu
após nove dias em coma

WINSTON CHURCHILL

24 PÁGINAS
HOJE EM 2.ª EDIÇÃO

CARTAS DO BRASIL

Ler na página 7
O encontro de Rambouillet
Correspondência de Paris, em exclusivo «LE MONDE»-«DIARIO DE LISBOA»

VISADO PELA CENSURA

15

CONCURSO

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

FEIRA DO LIVRO

"Aumentos consecutivos do papel dão grande intranquilidade aos editores"

-afirma administrador da "Ática"

«Este ano fomos para a Feira com algum pessimismo. O momento actual é para as editoras muito grave, o livro custa muito dinheiro e pensámos que apesar dos 20 por cento de desconto que se faz na Feira do Livro o público não poderia comprar muita coisa».

Assim começou o seu depoimento o administrador da editora Ática, José Sequeira, confirmando as apreensões já manifestadas por outros editores nesta «ronda» do DL a propósito da Feira do Livro e dos problemas que afectam o sector.

«Todavia, no que respeita à Ática, o que aconteceu nos três primeiros dias foi um aumento de vendas em relação ao mesmo período, no ano passado. Penso que isto acontece por uma razão: dado que é muito reduzido o poder de compra, o público é forçado a uma escolha mais criteriosa, encaminhando-se para os livros de qualidade que compra, nesta altura, com os 20 por cento de desconto».

«Nestes três primeiros dias, o êxito do nosso pavilhão está – como sempre, no que respeita a esta editora, em Fernando Pessoa. Levámos duas obras: As «Cartas de Amor», ao preço de 200 escudos, e o primeiro volume de uma trilogia política, organizada por Joel Serrão, intitulado «Sobre Portugal – Introdução ao Problema Nacional», cujo custo é, já com desconto, 256 escudos».

Sobre a situação da Ática, afirmou José Sequeiras:

«A nossa editora, vive, como todo o sector, momentos muito difíceis. Na verdade, os aumentos consecutivos do papel (ainda agora fui avisado por uma tipografia, de que vai haver proximamente um aumento de 57 por cento) dão grande intranquilidade aos editores. Ora imagine: o primeito volume da trilogia de Fernando Pessoa que tem cerca de 300 páginas, pode ficar com o preço de capa de 340 escudos. O segundo «Da República», que tem cerca de 600 páginas, a que preço irá ficar com estes aumentos constantes que não param?»

O terceiro volume da obra política (inédita) de Pessoa, intitula-se «Sociologia Política». Com todas estas ameaças chegará sequer a publicar-se, para, ao menos, poder ser consultado nalguma biblioteca?

PRAIAS 79

Auto Férias (P/DIA) DESDE

ALGARVE	125$
COSTA DEL SOL	380$
BENIDORME	130$

Avião (P/SEMANA) DESDE

PALMA DE MAIORCA	8750$*
BENIDORME	9950$
COSTA DEL SOL	9600$
MAR NEGRO (ROMÉNIA)	15250$*
NICE-CANNES	13950$

*PENSÃO COMPLETA
COMPARE OS NOSSOS PREÇOS
VIAGENS HORIZONTE
OPERADORES TURÍSTICOS
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

SINDICATO DAS INDUSTRIAS ELÉCTRICAS DO SUL E ILHAS

DELEGAÇÃO DE FARO
RUA TENENTE VALADIM Nº36, 1º FARO

MOÇÃO DE APOIO À GREVE DOS TRABALHADORES DA PRAINHA

Os sócios do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas, reunidos em plenário sindical do distrito de Faro, no dia 19 de Maio na sua Delegação, ao terem conhecimento da crítica situação dos trabalhadores da empresa PRAINHA por:

a) Não terem materiais para continuarem a sua laboração normal;
b) Recearem que a falta de garantia dos seus postos de trabalho lhes possa pôr em causa o seu trabalho;
c) Estarem há sete meses sem vencimento;
d) Depois de esgotadas todas as formas de diálogo com a administração para a resolução da sua tão delicada situação;
e) Iniciaram uma greve do dia 11 ao dia 18 de Maio;
f) Perante a intransigência da administração da PRAINHA em resolverem a sua situação, resolveram prolongar a greve até verem satisfeitas as suas reivindicações.

Os trabalhadores sócios do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas — S.I.E.S.I. — neste plenário, decidem solidarizar-se integralmente com os seus camaradas da PRAINHA em luta, apelando aos mesmos para que se mantenham unidos, firmes e vigilantes perante as atitudes fascizantes da administração desta empresa.

Decidem ainda os trabalhadores presentes dar conhecimento desta moção aos seguintes orgãos:

COMISSÃO DE TRABALHADORES DA PRAINHA.
CONCELHO DE GERÊNCIA DA PRAINHA.
DELEGAÇÃO DE FARO DO MINISTÉRIO DO TRABALHO.
MINISTÉRIO DO TRABALHO.
ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA.
PRESIDENTE DA REPÚBLICA.
CONCELHO DA REVOLUÇÃO.
GRUPOS PARLAMENTARES DO PARTIDO SOCIALISTA E DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS.
IMPRENSA DIÁRIA (DIÁRIO, DIÁRIO DE NOTÍCIAS, DIÁRIO DE LISBOA, DIÁRIO POPULAR, ETC.).
SINDICATO DA CONSTRUÇÃO CIVIL, MADEIRAS E MÁRMORES DO DISTRITO DE FARO.
SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS E OPERÁRIOS METALÚRGICOS E METALOMECÂNICOS DO DISTRITO DE FARO.
SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CERÂMICA, CIMENTOS E SIMILARES DO DISTRITO DE SETÚBAL.
SINDICATO LIVRE DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO E CAIXEIROS DO DISTRITO DE FARO.
UNIÃO DOS SINDICATOS DO DISTRITO DE FARO.
SECRETARIADO NACIONAL DA C.G.T.P./INTERSINDICAL NACIONAL.

Esta moção foi aprovada por maioria dos trabalhadores presentes, com duas abstenções e nenhum voto contra.

FARO 19 DE MAIO DE 1979

ponto a ponto

O major Vasco Lourenço, presidente da Comissão Oficial das Comemorações do 25 de Abril, recebeu ontem dois representantes das comemorações em Angola da histórica data da libertação do povo português. Os dois portugueses residentes na RPA, o pintor Pimentel Domingos e o médico Cadete Leite, transmitiram a Vasco Lourenço o modo entusiástico como decorreu o 25 de Abril em Luanda, Huambo, Lobito e Lubango. Problemas da cooperação entre os dois países foram ainda abordados no decorrer da audiência.

IX congresso

A destruição de propaganda do IX Congresso do PCP, por iniciativa da Câmara Municipal do Porto, é tema de um comunicado da SIP daquele partido que sublinha ser «intolerável o recurso a posturas e decisões camarárias como cobertura a acções claramente violadoras dos direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos».

O PS irá recuar nas alterações, previstas no seu diploma (avançado há dias) de alteração à Lei Barreto? O «Expresso» avança com a hipótese de contactos com a CAP para tal efeito, sendo facto (testemunhado por um redactor do «DL») a presença activa e diligente de José Casqueiro, anteontem, nos «Passos Perdidos» da Assembleia. Será possível?

O 12.º Juízo Cível decidiu, anteontem, a manutenção de congelamento dos bens do ex-banqueiro Jorge de Brito, após pedido nesse sentido formulado pela Finasgest, empresa parabancária que administra as empresas e bens pertencentes ao ex-proprietário do BIP e de «O Século».

Congratulando-se pelo «apoio incontroverso que tem recebido de todos os pontos de Portugal, o major Sanches Osório, secretário-geral do PDC, tornou público um comunicado relativo à anunciada fusão do seu partido com o CDS no qual considera ainda, que tomou «sobre si o compromisso de interpretar aqueles desejos de unidade bem como de alcançá-la». Sabe-se entretanto, que os delegados de Viseu do PDC não querem fusão mas apenas participação em coligação eleitoral. Por outro lado, está marcado, para terça-feira próxima, um encontro entre Freitas do Amaral e Sanches Osório para ultimar o «casamento».

PARA A HISTÓRIA DO COOPERATIVISMO EM PORTUGAL

ALFREDO CANANA

O papel a desempenhar pelo cooperativismo no mundo de hoje é de importância fundamental na vida dos povos. Muitos são os países cujos governos reconhecem essa importância e têm acarinhado os movimentos cooperativos, convictos de que assim contribuem para o bem-estar das suas populações, sobretudo daquelas cujo nível de vida oferece motivos de preocupação.

Verdadeira escola para a democracia, o desenvolvimento do cooperativismo num país processa-se tanto mais rapidamente quanto mais democrático for o regime que o governe.

Em Portugal, o cooperativismo foi introduzido em meados do século passado, tendo papel importante na sua propaganda o Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, associação intimamente ligada à difusão das ideias socialistas no nosso país.

A sua implantação deve-se sobretudo à acção desenvolvida por Francisco Maria de Sousa Brandão, que, segundo Costa Goodolfim, «de direito pertence o primeiro lugar na lista dos apóstolos de associações» (em Portugal) e «que sempre soube explicar as vantagens e utilidade prática das sociedades cooperativas».

No Congresso das Cooperativas, realizado em 1894, foram exaltadas as suas qualidades e os serviços prestados às cooperativas, sendo aprovado, por unanimidade, um voto de sentimento pela sua morte.

Um outro homem que nessa época foi um paladino constante da nova cruzada e um dos mais dedicados apóstolos do cooperativismo: José Fontana, é considerado pelo mesmo autor «um moço simpático, inteligente e trabalhador, de palavra eloquente e formosa; que em seu torno reuniu a classe operária e soube insuflar-lhe uma vida que ela ainda não tinha sentido palpitar no seu seio».

Na propaganda e implantação do cooperativismo em Portugal contribuiram igualmente nomes como os de Antero de Quental, Magalhães Lima, Azedo Gneco, o citado Costa Goodolfim, Alexandre Fonseca e tantos outros lutadores da causa operária.

Não foram necessários muitos anos para que os governantes da época reconhecessem o que o cooperativismo representava de positivo na economia popular.

Assim, em Fevereiro de 1867, foi apresentado um projecto de lei sobre as sociedades cooperativas, assinado pelo então ministro das Obras Públicas, João de Andrade Corvo, que mereceu um parecer favorável da Comissão de Comércio e Artes, habilmente redigido por João António dos Santos e Silva. A 2 de Julho do mesmo ano foi publicada a carta de lei sobre as sociedades cooperativas.

No dizer do cooperador eng.º Vasco de Carvalho, a lei «foi ao encontro dos desejos dos associativistas mais progressistas e auxiliou as classes operárias a procurarem a sua defesa económica através do cooperativismo, que então iniciara a sua irradiação pela Europa».

Esta lei foi promulgada dois anos depois de a França ter aprovado a sua lei das cooperativas.

Os documentos que serviram de base à aprovação e a própria lei foram editados em folheto em 1871 e distribuído pelas associações, são documentos valiosos, redigidos com competência, onde as doutrinas socioeconómicas são expostas com clareza. Em 1883, o «Diário do Governo» assinalava já os efeitos da lei, publicando a lista das primeiras cooperativas, as quais, em 1889, se cifravam em 29, na sua maioria de crédito e consumo; sem contar 12 cooperativas militares.

No início do nosso século existiam em Portugal cerca de uma centena de cooperativas dos mais diversos ramos.

Após a implantação da República e até 1926 registou-se um grande incremento no movimento cooperativo. Em 1924, as estatísticas do Ministério do Trabalho registavam a existência de 365 cooperativas, com mais de 72 mil associados e um movimento de 41 000 contos.

Data desse período a criação da primeira Federação Nacional das Cooperativas, teve a sua sede na Rua de Alves Correia, 32, em Lisboa, e em 1924 congregava 168 cooperativas, na sua maioria de consumo. O ministro do Trabalho, de então, Rodolfo Xavier da Silva, considerando que as cooperativas se destinam não a um fim especulativo e mercantil, mas à defesa económica dos consumidores, reconheceu as cooperativas federadas como exercendo uma função económica de utilidade pública.

Outra vergonha foi terem silenciado o «Boletim Cooperativista», fundado por António Sérgio em 1951.

Os anos que vão desde o início da ditadura fascista até ao fim da II Guerra Mundial foram talvez os mais sombrios para o cooperativismo, tal como o foram igualmente para todo o povo português.

A Federação das Cooperativas, criada em 1920, foi extinta e o governo de Salazar decretou a célebre «lei garrote» como a denominou Raul Tamagnini Barbosa, remeteu as cooperativas para um «ghetto», transformando-as em meros instrumentos dos intermediários do capitalismo monopolista.

Viveu-se uma época em que ser cooperativista representava estar sob vigilância da PIDE/DGS, prática que se estendeu até à extinção daquela famigerada polícia política.

Após um período de estagnação, o cooperativismo volta à ordem do dia. O próprio Estado Novo, depois do fracasso dos Grémios da Lavoura, começou a desenvolver esforços para incrementar o cooperativismo agrícola, promovendo a criação, primeiro, de Adegas Cooperativas e depois de cooperativas polivalentes de agricultores, mas subordinando a sua acção aos Grémios e tutelando-as através da Secretaria de Estado da Agricultura, impedindo assim a criação de um verdadeiro movimento cooperativo agrícola.

O sector do consumo, de tradições democráticas e mais implantado na classe operária, começou, novamente, a ganhar forma de um movimento organizado, em 1952, com a criação da «Junta de Compras», que iria dar origem à fundação da Unicoope – União Cooperativa Abastecedora, em 1955. Primeira cooperativa de 2.º grau criada em Portugal, a Unicoope tinha como finalidade promover a colaboração económica das cooperativas no sentido da defesa dos seus interesses gerais e adquirir os artigos necessários para o abastecimento das cooperativas associadas junto das entidades produtoras, propondo-se igualmente fomentar a acção de propaganda do cooperativismo, mediante a utilização de todos os meios legais e úteis a tal fim.

António Sérgio, principal mentor da ideia que levou à criação da Unicoope, escreveu nos seus primeiros estatutos:

«As cooperativas de consumo, enquanto se encontrarem descoordenadas, não poderão empreeender uma vasta obra de emancipação económica do Povo, criando um «sector cooperativo» na economia do País. Por «sector cooperativo» designamos nós uma série de instituições cooperativas coordenadas (lojas distribuidoras, oficinas, granjas, organismos de crédito, residências, escolas, casas de espectáculos, etc.) que permitam a cada indivíduo satisfazer as principais necessidades dele próprio e da sua família (alimentação, vestuário, habitação, mobília, crédito, etc.) recorrendo o menos possível a instituições capitalistas e lucrativistas, e aplicando o mais possível o princípio fraterno do auxílio mútuo, essencialmente pacífico e independente do Estado.

Porém, uma vez unidas as cooperativas em Federação adquirem capacidade financeira suficiente para comprarem directamente aos produtores, dispensando os grandes intermediários, que tanto concorrem no nosso País para o encarecimento de todas as coisas; para tentarem elas próprias a produção, realizando esta segundo um plano geral (planificação económica); para construirem edifícios onde os cooperadores habitem; para criarem o seu banco cooperativo; para auxiliarem os lavradores a unirem-se em cooperativas de transacções em comum, etc. Nada disto se poderá fazer enquanto as cooperativas se conservarem dispersas; tudo isso se poderá fazer como obra da Federação das Cooperativas. Ora o primeiro passo para essa Federação foi a fundação da Unicoope, cujos estatutos aqui se publicam.

É uma união abastecedora de um certo número de cooperativas, que ambiciona construir um modesto início para a futura federação de todas elas. Vê-se assim a importância que esta iniciativa poderá assumir, se se souber caminhar com muita prudência e atrair a simpatia e a colaboração de um grande número de trabalhadores. Destes depende que o 19 de Dezembro de 1-se que foi fundada a Unicoope, venha a ser uma data importante na história do Povo português».

Embora a Unicoope viva uma situação precária e em risco de desaparecer, o sonho de António Sérgio foi, de certo modo, cumprido, pois a instituição que idealizou, se não deu aso à criação da Federação das Cooperativas, muitos foram os ensinamentos que ministrou no campo da cooperação.

De lamentar, no entanto, que governos ditos «socialistas» tenham contribuído para a ruína da Unicoope, destruído o seu projecto de integração cooperativa, levando à falência o «Plano Ames», que procurava colocar o cooperativismo português de consumo ao nível dos países europeus mais avançados, como a França, Suécia, Alemanha Democrática.

Digo de lamentar, porque, esses Governos poderiam ter evitado (e ainda estão a tempo) a falência da Unicoope, pelo menos como instituição histórica do movimento cooperativista português, que soube resistir às investidas do fascismo, corre agora o risco de acabar por «morrer» às maõs da democracia burguesa.

Homenagear António Sérgio, dando o seu nome a um instituto cooperativo: é pomposo, bonito; destruir a sua principal obra prática no campo do cooperativismo de consumo, é algo vergonhoso.

Outra vergonha foi terem silenciado o «Boletim Coopearativista», fundado por António Sérgio em 1951, e que teve grande implantação junto das cooperativas de consumo, chegando a atingir uma tiragem de 14 000 exemplares, «morreu» às mãos de um seu directo discípulo (Fernando Ferreira da Costa) seu último director, hoje honorável presidente do Instituto António Sérgio.

A Unicoope, quando do 25 de Abril, integrava cerca de 90 cooperativas de 1.º grau, e era a mais prestigiada organização do movimento cooperativo português, a nível nacional e mundial, filiada na Aliança Cooperativa Internacional.

Antes da Junta de Compras, outros passos para a reorganização do movimento cooperativo de consumo foram dados na Caixa Económica Operária, por iniciativa de José de Sousa, então presidente da AG daquela centenária instituição cooperativa.

José de Sousa, antigo dirigente comunista, afastado da militância política, era da opinião que se tornava importante essa reorganização. Numa reunião efectuada em 1947, a que presidiu, foi decidido trabalhar nesse sentido, ao mesmo tempo que se considerou que nessa data, embora o ambiente não fosse ainda favorável ao bom desenvolvimento das cooperativas as coisas haviam mudado e sempre era um pouco melhor que nos primeiros vinte anos do regime fascista.

Num documento-base aprovado, que serviu para uma ampla discussão e troca de pontos de vista foi preconizada a «criação de uma Comissão Executiva de Lisboa e Arredores, a qual deveria ser constituída por nove membros e cujas tarefas principais seriam assegurar uma estreita solidariedade entre todas as cooperativas da região, or-

Continua na pág. 4

PODER LOCAL

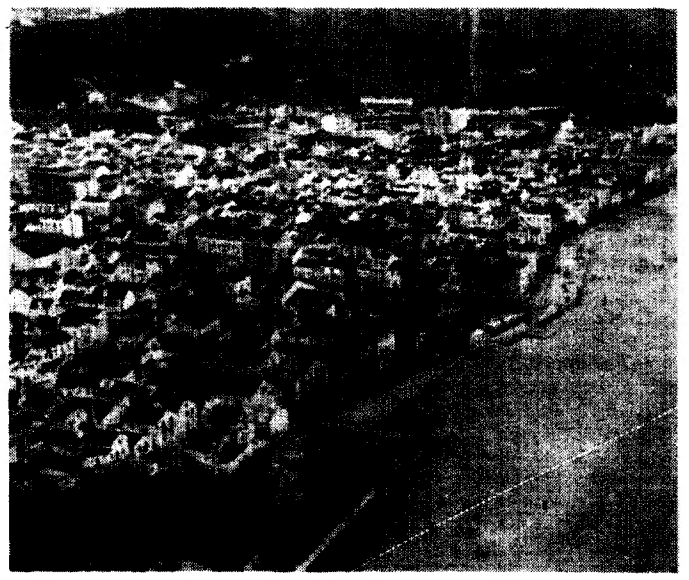
Estrada para Nazaré afasta os turistas

Durante todo o ano (e em especial na época alta do turismo), a vila da Nazaré é visitada por milhares e milhares de turistas nacionais e estrangeiros.

Esses turistas utilizam obrigatoriamente a Estrada Nacional 242 entre Nazaré e Caldas da Rainha.

Só que a referida estrada encontra-se em péssimo estado, nomeadamente o troço compreendido entre Nazaré e Famalicão da Nazaré, construído há cerca de 50 anos e nunca devidamente reparado.

Urgia, pois, que as entidades competentes tivessem em conta os prejuízos que tal situação representa para aquela vila, e procedessem, o mais rapidamente possível, ao arranjo daquela via de acesso a um dos pontos mais procurados pelos turistas.



Nazaré: para lá chegar, a estrada é difícil...

Totalmente electrificados só três distritos

Apenas três distritos estavam inteiramente electrificados em Portugal. Em 1977 revelam as «Estatísticas de Energia» agora publicadas pelo Instituto Nacional de Estatística.

O distrito de Santarém tornou-se em 1977 o terceiro a ter todas as freguesias electrificadas, juntando-se aos de Lisboa e Setúbal. No resto do País, a percentagem das freguesias rurais portuguesas electrificadas não excede 93,5 por cento.

O distrito em pior situação é o de Viana do Castelo, com 21,4 por cento das freguesias por electrificar.

Noutro capítulo do volume agora publicado dá-se conta de uma subida significativa, da ordem dos 110 por cento, na produção de electricidade de origem hídrica, enquanto na de derivados do petróleo bruto o incremento foi de cerca de 30 por cento. A extracção de carvão não acusou alterações, tal como a produção de gás de fábrica.

No capítulo respeitante aos consumos, destaca-se o de electricidade, que aumentou cerca de 13 por cento. Esse aumento deu-se em todos os sectores, excepto no de cozinha e aquecimento, onde se registou uma baixa de 48 por cento.

Quanto à gasolina, o seu nível de consumo não subiu, ao contrário do gasóleo (10 por cento).

Moradores de Loures festejam AIC

A Comissão de Moradores da Rua 1.º de Maio, de Loures, dá hoje o seu contributo para o Ano Internacional da Criança através de provas desportivas (gincana de bicicleta, atletismo e futebol feminimo), a efectuar no Campo do Atlético Clube do Tojal, compreendendo palhaços, desenhos animados e... um beberete.

Bandeira nacional é um "farrapo" numa escola de Aveiro

O péssimo estado da Bandeira Nacional dè que a Escola Preparatória João Afonso, de Aveiro, se serva para assinalar os feriados e domingos, impõe a necessidade de uma substituição, não apenas por uma questão de decoro, «mas porque as crianças poderão pensar (diz um nosso leitor) que o símbolo da Pátria se reduz a um trapo tremulando, de vez em quando, no cimo de um pau...»

É de crer que, por falta de meios (diz por sua vez o nosso correspondente naquela cidade), a actual comissão de gestão e o conselho directivo protelem a aquisição de nova Bandeira. Mas talvez os próprios alunos pudessem, nas suas aulas de trabalhos manuais, proceder à confecção da Bandeira que os gestores não foram capazes de conseguir pelas vias normais.

Porque (voltando ao leitor), «a Bandeira Nacional não é um farrapo...»

Cochofel

O poeta e crítico musical João José Cochofel foi exonerado a seu pedido das funções de director-geral do património cultural.

A exoneração, por motivos de saúde, vem publicada no «Diário da República» de hoje, por despacho do secretário de Estado da Cultura.

Grupo de trabalho procede à reorganização dos Serviços Médico Sociais

Por deliberação de 26/3/79, a comissão instaladora dos Serviços Médico-Sociais constituiu, na dependência directa do seu presidente, um grupo de trabalho encarregado de proceder à reorganização do serviço distrital de Lisboa do SMS, tendo como objectivo a atingir a maximização do aproveitamento dos recursos humanos disponíveis e por outro lado, permitir a racionalização dos serviços prestadores de cuidados médicos.

O grupo de trabalho prossegue como objectivo fundamental o levantamento completo dos recursos humanos existentes no serviço distrital de Lisboa dos SMS, quer ao nível da sede administrativa, quer ao nível das unidades prestadoras de cuidados de saúde.

Está igualmente prevista a racionalização administrativa dos processos de trabalho, com vista à obtenção de melhores índices de produtividade. A determinação do índice de absentismo, tem como objectivo melhorar a eficiência dos serviços.

Está igualmente prevista a responsabilização da cadeia hierárquica, a todos os níveis de funcionamento, a criação de instrumentos que permitam uma adequada redistribuição dos efectivos, por transferência, de acordo com as necessidades. A temática em estudo está a ser, neste momento, objecto de teste no serviço distrital de Lisboa dos SMS.

A lista «A», constituída por elementos da UEC e «independentes de esquerda» venceu as eleições para os corpos gerentes da Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa.

A lista vencedora, que se candidatou sob o lema «trabalhar e unir-prosseguir Abril», obteve 713 votos, enquanto a sua mais directa concorrente, a «B», apoiada por JSD, CDS e PDC angariou 652.

Por seu turno, a lista «E», afecta ao PS, que se apresentou às eleições com a palavra de ordem «alternativa precisa-se» teve 88 votos e a «C» «contra o dirigismo burocrático» apoiada pelo MRPP/PCTP, obteve 40.

Sindicalistas denunciam "esquadrão incendiário"

CASTELO BRANCO, 26 – O executivo distrital de Castelo Branco do Sindicato dos Professores da Zona Centro pronunciou-se, publicamente, sobre as ameaças de fogo posto efectuadas por um grupo que se autointitula «esquadrão incendiário».

De acordo com um texto emitido pelo sindicato, esta ameaça é apenas uma provocação totalmente alheia aos professores. O executivo distrital ao condenar estes métodos pronuncia-se pela defesa, por via sindical, das justas reivindicações dos professores.

Diálogo luso-marroquino

Para conversações com os responsáveis do Governo português em matéria de comércio e turismo, chegou esta manhã a Lisboa o ministro marroquino do Turismo, Abdeslam Znided.

O ministro de Marrocos e seus acompanhantes iniciarão o diálogo com as autoridades portuguesas no próxima segunda-feira, dia 28 de Maio. No mesmo dia, o delegado do Governo de Marrocos visitará «zonas típicas» de Lisboa, após o que almoçará no Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira. As conversações serão retomadas à tarde, estando previsto que o actual Primeiro-Ministro, Mota Pinto, receba, na sua residência oficial, o visitante. No dia seguinte, 29, o ministro marroquino fará uma visita de trabalho a Troia, onde almoçará. Nesse mesmo dia, visitará o Museu Gulbenkian, em Lisboa, acto que precederá a sessão solene de encerramento dos trabalhos.

Para a história do cooperativismo em Portugal

Continuação da pág. 3

ganizando uma sistemática permuta de experiências e ajuda mútua no trabalho diário; ensaiar um sistema de compras comum; treinar quadros para a futura organização nacional de cooperativas; estudar as possibilidades da organização de sectores de produção; manter permanentes relações entre os sindicatos nacionais e outras organizações de massas; conduzir esforços junto do Governo, no sentido de reduzir os obstáculos legais ao seu desenvolvimento».

Preconizava-se ainda a criação de uma escola técnica cooperativa, a publicação de um jornal e a realização de um congresso cooperativo.

Algumas destas ideias foram postas em prática através da Unicoope.

Por volta dos anos 60, ressurgem na margem sul, as cooperativas operárias de produção, que por razões diferentes, se iriam desenvolver gigantescamente, depois do 25 de Abril em todo o país.

Nessa década uma das primeiras cooperativas culturais: a «Pragma», cuja actividade de animação cultural não agradou ao regime fascista, acabou por ver as suas instalações encerradas pelo Ministério do Interior. Este tipo de cooperativas desenvolveram-se, principalmente, nos fins dos anos 60, após eleições para então Assembleia Nacional, por iniciativa da oposição democrática. Embora vinculadas a pequenos núcleos, o aparecimento deste tipo de cooperativas foi encarado com muita desconfiança pelos governantes e deu origem ao famigerado «decreto Rapazote», através do qual se procurava amordaçar, ainda mais, o cooperativismo em geral, obrigando-as a submeter os seus estatutos à apreciação do poder central, tutelando-as arbitrariamente através dos Governos Civis.

A revolução de Abril, pôs fim a certas situações degradantes para as cooperativas e estas têm hoje na Constituição Portuguesa o reconhecimento da função económica de utilidade pública, que a I República lhes havia concedido. Embora os apoios oficiais não sejam muitos, o cooperativismo ganhou novo e gigantesco incremento.

Um novo tipo de relações intercooperativas deu origem à criação de, pelo menos, duas federações nacionais: as de produção e de consumo.

Surgiu, entretanto, uma nova forma de cooperativismo agrícola: as cooperativas de produção constituídas por trabalhadores rurais, em terras da zona de Intervenção da Reforma Agrária.

Mas, apesar de tudo, estamos ainda muito longe de acompanhar, nomeadamente no sector do consumo, os principais movimentos cooperativos europeus. Aumentou o número de cooperativas de consumo (cerca de 470 actualmente); aumentaram os cooperadores - consumidores; existe uma Federação Nacional; mas os circuitos de distribuição e produção alimentar cooperativos dependem inteiramente da produção capitalista e estão na mão dos intermediários.

Num movimento cooperativo progressista, não é o número de cooperativas que conta, mas sim o eficiente e integrado sistema intercooperativo, que permita organizar uma boa rede de distribuição, que as cooperativas de consumo a produzir muitos dos produtos alimentares e bens de consumo que vendem.

Pensarão os nossos cooperadores e aqueles que têm responsabilidade de gestão, accionar no futuro os mecanismos para que o cooperativismo português possa ter uma participação assinalável no sector do comércio de retalho em Portugal ou continuarão a prática «passadista e de bairrismo» que têm caracterizado o nosso movimento cooperativo, sobretudo nas sociedades de consumidores ou irão eles optar pela integração cooperativa, reformulando o «Plano Ames»?. Esperamos que sim, porque o tempo das **capelinhas** ou de cada cooperativa fechada no seu **casulo** está ultrapassado. Esperamos também que a Fenacoop possa atingir a dimensão e a actividade desejada, para que possa ser a continuadora da obra que a Unicoope viu sabotada. De contrário será apenas mais um instrumento, sem qualquer poder de intervenção na vida económica portuguesa.

FIM-DE-SEMANA PARTIDÁRIO

Comissão Nacional do PS reúne amanhã no Largo do Rato

Com início às 10 horas, tem lugar amanhã, nas instalações do Largo do Rato, a anunciada reunião da Comissão Nacional do PS que irá analisar a actual situação e definir a orientação política daquele partido face à nova «arrumação» parlamentar e, às posições a assumir em relação ao Governo Mota Pinto e, ainda, à política de alianças, interpartidárias designadamente face à nova realidade criada pela aproximação PSD-CDS.

Entretanto, dirigentes do PS, Soares, António Reis, Manuel Alegre, Guterres, Vítor Constâncio, Tito de Morais e Herculano Pires participaram esta tarde, numa festa-convívio na Escola de Regentes Agrícolas de Santarém, promovida pela secção local dos Socialistas.

OCTÁVIO PATO EM ALVERCA

O dirigente do PCP, Octávio Pato presidirá a um comício do seu partido, esta tarde em Alverca do Ribatejo. A sessão integra-se no programa da «.ª Festa Popular», que tem vindo a decorrer no jardim do Bairro, naquela localidade ribatejana.

Entretanto, na Damaia, decorre durante o dia de hoje a «Festa de Maio», com tarde infantil e canto livre, além de comício às 21 horas, com Manuel Pedro, do CC do PCP.

COMÍCIO CDS NO PORTO

Por sua vez, o presidente do CDS, Freitas do Amaral, participa hoje no Porto, no jardim do Passeio Alegre (à Foz do Douro) num comício do seu partido, sendo de prever na sua intervenção a referência ao próximo «casamento» dos centristas com o PDC de Sanches Osório.

Quanto ao PSD, Sá Carneiro participou esta manhã na sessão de encerramento do II Encontro dos Trabalhadores Sociais-Democratas da Área Metropolitana de Lisboa, que tem vindo a decorrer num hotel da capital.

As conclusões do encontro serão apresentadas ao fim da tarde, numa sessão aberta à imprensa.

FESTA DA UEDS

Decorre por outro lado, esta noite, o comício-festa da UEDS, na Voz do Operário, que registará intervenções de Lopes Cardoso e Melina Mercouri (PASOK grego), além de um momento musical, com a participação de Sérgio Godinho.

Entretanto, na Marinha Grande, a APU debaterá hoje problemas relacionados com a sua actividade a nível da autarquia.

Na Amadora a OUT promove um «Encontro dos Povos Oprimidos do Mundo» com representações da Frente Polisário, Fretilin, Swapo, e de alguns países latino-americanos.

Finalmente o Movimento Democrático das Mulheres (MDM) promove na Cruz Quebrada um encontro para debate de alguns problemas como o aumento do custo de vida, o desemprego, etc.

Comandante N'Dalo (MPLA) no IX Congresso do PCP

António dos Santos França (N'Dalo), membro do Bureau político do MPLA e do Secretariado para a Cultura e Desporto, representará o Partido do Trabalho no IX Congresso do PCP. Antigo estudante em Coimbra, onde representou ainda a Académica. N'Dalo, é um dos mais destacados chefes militares das FAPLA, tendo comandado as forças do MPLA que nas vésperas da independência (8 de Novembro de 1975), desbaratara o batalhão do exército zairense, mais FNLA e mercenários portugueses (coronel Santos e Castro) que tentavam chegar a Luanda, via Quinfandongo.

De Moçambique estará presente o seu embaixador em Lisboa, Armando Panguene, membro destacado do CC da Frelimo. Outros representantes já conhecidos, de partidos comunistas ou irmãos, que estarão no Barreiro no próximo fim-de-semana são Pencho Kubadinsky (do CC do PC búlgaro e presidente do Conselho Nacional da Frente da Pátria), Jeno Fock (do CC do Partido Socialista Operário Húngaro e ex-primeiro-ministro), Blas Roca (PC cubano), Tran Hu Duc (membro do CC e presidente do Supremo Tribunal do Vietname), Pietro Conti (PCI), Francette Lazard (PCF).

Confirmaram já a sua presença delegações da Síria, Iraque, Argentina, Afeganistão e do PAIGC (Guiné-Bissau).

Recorde-se que estarão no pavilhão da Quimigal cerca de 60 delegações estrangeiras convidadas pelo PCP.

Entretanto, e a assinalar o Congresso, terão lugar no dia 1 de Junho, próxima sexta-feira pelas 21 e 30, vários comícios com a participação de delegações estrangeiras, nas seguintes localidades: «Alhandra» (Sociedade Euterpe Alhandrense); «Linda-a-Pastora» (nos Bombeiros Voluntários); «Cova da Piedade» (União Artóstica Piedense); «Évora» (Teatro Garcia de Resende); «Benavente» (Casa do Cinema) e no «Seixal» (na Sociedade Filarmónica Operária Amorense).

Mais dois barcos de pesca apresados em Marrocos

Dois barcos de pesca portugueses apresados em Marrocos, no passado dia 17, foram condenados a pesadas multas. Repete-se, assim, embora de forma diferente, o que já tem acontecido com barcos espanhóis apresados naquele país. Os proprietários dos barcos Calipso e Garotinho estão a fazer diligências no sentido dos pagamentos das multas, para que os navios possam regressar a Portugal. Alguns armadores portugueses têm feito contratos com Marrocos a fim de poderem pescar naquele país. Ultimamente, os marroquinos exigem que a tripulação dos barcos portugueses inclua 50 por cento de naturais daquele país e que sejam pagos três por cento da receita líquida apurada à entidade fretadora. Estas condições têm afastado os barcos portugueses das águas marroquinas.

FORÇA AÉREA APOIA PESCAS NOS AÇORES

A Força Aérea tem efectuado diversas pesquisas no mar dos Açores para a detecção de cardumes de tunídeos (Atum) cuja época de pesca se inicia. Uma equipa da Base Aérea de Sintra, estacionada na ilha de Santa Maria, tem efectuado cruzeiros de investigação a bordo de um aviocar.

A equipa tem efectuado investigações desde 10 de Maio, transmitindo os dados colhidos para as capitanias dos portos da região que, depois, informam as embarcações de pesca da localização dos cardumes. Os resultados têm sido encorajadores tendo sido avistados numerosos cardumes, principalmente nas ilhas de S. Miguel, Santa Maria e Terceira.

A elevação da temperatura da água do mar, que este ano se verificou mais cedo que nos anos anteriores, permite estimar que o melhor período de pesca deverá ocorrer a partir de Junho, altura em que a temperatura rondará os 19 graus.

NA ÁFRICA DO SUL: UMA PESCA DIFÍCIL

O director-geral das Pescas considerou que o facto de Portugal não ser tão discreto como os países ocidentais nas intervenções que tem tido acerca do «apartheid» pode prejudicar as suas pretensões de pescar naquele país. Estaves Cardoso afirmou que as diligências de Portugal para aumentar a sua quota de captura de pescada nas águas da Africa do Sul não tiveram êxito, embora os pedidos portugueses relativos a outras espécies pescatórias, como a lula, não tivessem sido totalmente indeferidos.

O director-geral das Pescas parte dentro de dias para o Canadá, a fim de negociar as quotas portuguesas na pesca do bacalhau.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Descongelamento de contas bancárias suspenso por larga maioria parlamentar

O decreto-lei através do qual o Governo em funções previa o descongelamento das contas bancárias e bens de dirigentes do fascismo e de sabotadores económicos a partir da próxima terça-feira, foi suspenso por decisão da Assembleia da República.

A iniciativa da suspensão partiu dos deputados do PS, apoiados pelos votos do PCP, CDS e independentes ex-PS. O decreto-lei em causa só entrará em vigor após a publicação de alterações, pelo que o documento do Governo baixou à comissão parlamentar competente, para discussão na especialidade.

A responsabilidade do pedido de ratificação do diploma governamental pertenceu ao PCP, que se absteve na votação. As razões desta abstenção foram explicadas pelo deputado comunista Veiga de Oliveira. Para os comunistas, e sem prejuízo de, para o futuro, dever apenas ser utilizado a via judicial «não se pode permitir que, com uma esponja cega, se apague tudo o que está para trás, sem cuidar de saber em que casos é que se justificou ou não o congelamento dos bens e contas bancárias».

NOVOS EMPRÉSTIMOS

Também por iniciativa do PCP, foram, entretanto, aprovados dois projectos de lei que alteram disposições do direito administrativo em vigor. O PCP, pela voz de Lino Lima, visa «o reforço dos meios de defesa dos cidadãos perante os actos ilegais da administração e do reforço dos meios destinados à legalidade administrativa».

Os projectos de lei em causa incidem sobre o processo administrativo não contencioso e a orgânica dos tribunais administrativos e discais. O primeiro projecto mereceu a oposição dos nove deputados do CDS presentes e o segundo, além dos votos contra o CDS, teve os do PPD/PSD.

Na mesma assembleia, o actual Governo foi autorizado a contrair mais dois empréstimos externos: um de 45 milhões, de dólares junto do BIRD (Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento), outro de 300 milhões de dólares, sem menção da entidade que empresta, e que o Governo diz estarem destinados, ao «financiamento de investimentos no sector público».

A votação mereceu a abstenção do PCP e dos deputados «independentes» do PPD/PSD.

Começaram entretanto a ser estudados os projectos de lei do PPD/PSD relativos à criação do Instituto Universitário de Trás-os-Montes e Alto Douro e do Instituto Universitário da Beira Interior. Estes projectos deverão ser votados na próxima segunda-feira.

GNR: A violência em números

No período de 1 de Janeiro a 31 de Março de 1979, a Guarda Nacional Republicana registou 10.599 casos de criminalidade em geral. Cerca de 55 por cento destes casos (5.707) implicaram violência.

Ainda segundo a GNR, no campo da alteração da ordem e tranquilidade pública (375 casos) detectaram-se 58 casos relacionados com a posse ilegal de armas e explosivos e 46 incidentes em campos desportivos.

Contra a propriedade privada, houve naquele período 4.729 crimes, com destaque para 2906 casos de furto, 1237 de dano, 34 ocupações de habitações e 67 casos de fogo posto.

Adianta a GNR que, em matéria de crimes contra a autoridade, há a registar uma agressão a um cabo da Guarda e quatro atropelamentos voluntários de militares da Guarda em serviço nas estradas, de que resultaram três soldados feridos gravemente e um morto.

Do balanço da Guarda Republicana no primeiro trimestre do ano constam 4.781 acidentes de trânsito (estradas do continente) na origem de 363 mortos e 4249 feridos. Em todo o território continental, a GNR verificou 3843 manobras perigosas e apreendeu 1563 cartas de condução.

COIMBRA

Colóquio da Comissão de Defesa da Liberdade de Informação

Na sala 17 de Abril, da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, realizou-se ontem uma sessão-debate organizada pelo Executivo de Coimbra da Comissão Nacional para a Defesa da Liberdade de Cultura.

Apresentados pelo jornalista Soares Rebelo, do Executivo de Coimbra, usaram da palavra os membros da Comissão Nacional Igrejas Caeiro, João Paulo de Oliveira, Vital Moreira e Fernando Piteira Santos. Seguidamente, o diálogo generalizou-se com a participação de vários assistentes. Foram pedidos esclarecimentos e informações complementares aos oradores, e, pelos participantes, adiantadas opiniões sobre a acuidade do problema da defesa da liberdade de Informação, não só no que se refere à Imprensa, como aos restantes meios de Comunicação Social.

Na mesa: Soares de Melo, Vital Moreira, Piteira Santos, Igrejas Caeiro, João Paulo de Oliveira e Hermano Manuel

Presente, também, um representante do Executivo do Porto, Hermano Manuel.

Dê-nos sugestões!

Talvez não possamos corresponder a todas, mas faremos sempre o possível para que o nosso jornal vá ao seu encontro: escreva-nos e diga o que pensa.

PROFESSORES — ZONA NORTE:

Adiada escolha dos estatutos

PORTO, 26 – Dado que, nas votações de ontem, nenhum dos cinco projectos de estatuto para o Sindicato dos Professores da zona Norte obteve a maioria prevista (75 por cento), os associados daquela organização sindical terão que voltar às urnas no próximo dia 6 de Junho, desta vez para escolher entre os dois projectos ontem mais votados. O «A», proposto pela actual direcção, e «F», afecto ao PCP, que obtiveram, respectivamente, 67,3 por cento (1531) e 22,6 por cento (514) dos votos entrados nas urnas. Os restantes projectos obtiveram as seguintes percentagens: «B» - 2,3 por cento; «C-E» - 4,7 por cento e «D» - 0,3 por cento.

RELATÓRIO E ORÇAMENTO REPROVADOS

Entretanto, na última assembleia geral, a actual direcção sofreu mais uma derrota, ao ver reprovado, por larga maioria, o relatório de actividades, as contas do exercício de 1978 e o orçamento para o ano corrente. Registe-se que já no ano transacto o orçamento fora rejeitado.

Apesar da direcção fazer por vezes alardes da sua actividade, auto-elogiando-se, chamam-nos a atenção para o facto de, no orçamento de 1979, haver uma redução da ordem dos 5000 contos, nas receitas respeitantes às quotas, em relação ao orçamento anterior. Com efeito, enquanto o orçamento de 1978 apontava 15 mil contos de quotas, o deste ano indicava apenas dez mil.

A que se deve esta desmobilização dos associados?

Sangue na "boite"

Cerca das três horas da manhã de ontem, um agente da Guarda Fiscal baleou dois indivíduos (João José Pedroso, de 30 anos, e Luís Manuel Beltrão Silva, de 23) numa «boite» sita no Largo D. João, à Amadora.

Em consequência, foram três parar ao hospital: os dois baleados e o próprio «GF» que, segundo consta, teria sido linchado se não fosse a chegada «providencial» de agentes da PSP da Reboleira.

AGORA NO DESBARATO

Av. JOÃO XXI, 12 D. Vendemos quase de graça. Mais "Desbarato" ainda. Esperamos por si.

Estores Metálicos Interiores

Preços especiais para revenda.
Caixas de chapa e plástico.
Reparações em todo o tipo de estores.
Telef. 634576

Pub

SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL DE DELEGADOS

Convocam-se os Delegados Sindicais de todos os sectores de ensino para uma Assembleia Geral a realizar no próximo dia **28 de Miao — segunda-feira, às 21 horas** com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1 — Revisão da Tabela Salarial (balanço das reuniões ao abrigo da Lei Sindical)
2 — Plataforma Reivindicativa Nacional (Ponto da situação)

LOCAIS DE REUNIÃO:

Distrito de Santarém — Edifício do Seminário — sala 2

Palmela, Sesimbra, Setúbal, Sant. do Cacém, Grândola e Sines — Escola Ind. e Com. de Setúbal

Almada, Seixal, Barreiro, Moita, Montijo, Torres Vedras, Caldas da Rainha, Distrito de Lisboa — Sindicato dos Trabalhadores na Imprensa (Lg. da Trindade 16 - 1.º)

A DIRECÇÃO

Ordem dos médicos agita o seu "corpo" contra a integração no funcionalismo

PORTO, 26 – Em conferência de imprensa dada ontem na secção do Norte da Ordem dos Médicos, foi afirmado que aquela secção regional se sente «profundamente chocada com a actuação da Secretaria de Estado da Saúde, actuação que não só viola os legítimos direitos da classe médica como tem efeitos negativos na qualidade dos cuidados de saúde». A direcção da secção regional disse que o Governo «tem oportunisticamente explorado a nossa paciência», pelo que a classe médica «está motivada para iniciar formas de luta mais radicais», realizando-se na próxima segunda-feira à noite um plenário no Hospital de S. João. Particularmente atacado, no encontro com a Imprensa, foi o Decreto-Lei 124/79 referente à integração do pessoal da Previdência no funcionalismo público, acusando-se a S. E. da Saúde de ter actuado à «revelia dos acordos estabelecidos com a Ordem» e de, com aquele diploma, «ao invés de melhorar as condições de trabalho e dos vencimentos», piorar essa situação com a tentativa da sua integração na função pública.

Em resumo, os dirigentes da secção da O. M. atacaram aquele decreto com base nas seguintes razões: foi publicado sem os representantes dos médicos serem ouvidos («no que aquela Secretaria de Estado é useira e vezeira»); pela altura em que sai deixa ver que a intenção é «funcionalizar todas as pessoas nas Caixas, incluindo os médicos»; não se contemplam as chefias de postos e as direcções clínicas («vamos ficar sob as ordens dos enfermeiros?») e os vencimentos são iguais aos dos médicos acabados de formar; os médicos não vêem tratado o problema das carreiras e «todo o futuro à sua frente, sobretudo dos mais jovens, é duvidoso e incerto; finalmente, não se dá ao lugar de «generalista», que é «a pedra base de todo o qualquer SNS», a importância que se devia dar, dado «que é com eles que se faz a cobertura de saúde do País e não com Caixas».

Por outro lado, o projecto aprovado do SNS foi considerado «totalitário e burocratizante, desmotivador dos médicos e da própria população», pois a intenção clara, disseram ainda, «é fazer uma bipolarização com os meios e as estruturas existentes no País: uma medicina boa para os privilegiados e outra de qualquer maneira para a maioria do povo». Pelo que «o que nós defendemos é uma articulação, em vez de bipolarização».

Atacando a actuação do secretário de Estado («em resumo, joga hoje com um pau, amanhã com outro»), aquela secção regional disse também que a anunciada voluntariedade para a prestação de serviços nas Caixas só se aplica àqueles «que já lá estão, porque os outros serão forçosamente funcionários públicos» e verão todos os seus vencimentos baixados em 40 por cento.

REACÇÕES NO CENTRO E SUL

Por sua vez médicos do distrito de Faro aprovaram uma proposta na qual manifestam a «firme decisão» de não acatar o decreto número 124/79, que introduz alterações ao regime em que prestam serviço nas Caixas de Previdência (serviços médico-sociais).

Esta decisão foi ontem comunicada à Imprensa pelo secretário do Conselho Regional do Sul da Ordem dos Médicos, que se deslocou a Faro para participar numa reunião promovida pela Organização Distrital da Associação.

Os médicos decidiram ainda exigir o adiamento do decreto em causa, até à instituição das carreiras médicas e à aprovação do estatuto do médico, afirmando-se na disposição de lutarem contra ela até às últimas consequências.

Os médicos contestam a publicação do decreto com base no facto de «desrespeitar o estatuto da ordem», dado que este «organismo não teve conhecimento prévio do diploma».

Quanto ao Conselho Regional do Centro da Ordem dos Médicos, a sua posição em relação ao Decreto-Lei 124/79 é de suspensão imediata. Num comunicado divulgado, afirma-se que o diploma é «intempestivo» porquanto surgiu antes da promulgação do estatuto das carreiras médicas apresentado pela Ordem e da «definição concreta do futuro Serviço Nacional de Saúde».

O conselho regional considera ainda que o decreto não consigna em estatuto especial de funcionalismo para os médicos e que a sua imposição à classe, «sem prévia audição dos interessados, os coloca numa situação difícil, obrigando-os a uma opção que não poderá ser devidamente ponderada».

ESTATIZAÇÃO DA MEDICINA

De acordo com declarações prestadas por António Arnaut a um matutino, a criação do SNS é um imperativo constitucional que resulta do facto de a saúde ser hoje um «direito fundamental dos cidadãos». Isso pressupõe que o Estado tem a «obrigação social» de garantir, através dos seus serviços, o exercício efectivo desse direito, aliás intimamente ligado à concretização dos demais direitos económico-sociais (trabalho, habitação, cultura, segurança social).

Relativamente à questão de saber se o SNS implica ou não «estatização da medicina», Arnaut especificou que não se verificará a «estatização» pois ao lado dos serviços públicos, continuarão a existir a medicina liberal, e os serviços privados. «O que importa» especifica Arnaut, «é que o Estado garante, através dos seus serviços, a protecção da saúde, a todos os portugueses sem qualquer discriminação económica, social e geográfica».

SOLTAS

Prendas para Ana

A princesa Ana de Inglaterra e o marido visitaram ontem a Lisnave e o Museu da Marinha. Nos estaleiros foi-lhes ofertada uma sela de confecção manual e uma raridade bibliográfica portuguesa sobre temas equestres.

Sempre acompanhados pelo embaixador inglês em Lisboa visitaram ainda a Torre de Belém e antes da partida para Inglaterra, almoçaram no Palácio das Necessidades. No aeroporto, a apresentar despedidas, estiveram o Presidente da República e a mulher e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Freitas Cruz.

Mondlane revivido

«Os heróis não ficam no cemitério, os heróis não ficam enterrados», disse Samora Machel no acto da entrega de documentos, que pertenceram a Eduardo Mondlane, ao reitor da Universidade que tem o nome do primeiro presidente da FRELIMO.

Dos documentos entregues para o Museu da Revolução a funcionar naquela Universidade, constam vários livros e actas das intervenções de Mondlane nas Nações Unidas. Samora entregou também o telefone utilizado no 7 de Setembro 1974 para comunicar com o general Spínola, advertindo-o da acção contra-revolucionária levada a efeito por alguns colonos na capital moçambicana.

Árabes na agenda

Mota Pinto, Primeiro-Ministro, vai receber em audiência, na próxima segunda-feira, às 15 e 30, na sua residência oficial de S. Bento, o ministro de Turismo de Marrocos, Abdeslam Znined.

O Primeiro-Ministro aproveita a circunstância de o responsável pelo turismo marroquino se deslocar a Lisboa a chefiar uma delegação que vem participar na primeira reunião da comissão mista luso-marroquina de Turismo, criada pelo acordo de 1978, assinado entre os dois países.

A Jugoslávia em Evora

Abriu ontem ao público no Palácio D. Manuel, em Évora, uma exposição de Arte Contemporânea Jugoslava, com a presença do embaixador daquele País em Lisboa que se manifestou «extremamente satisfeito» com a visita que fez à cidade e também, na expressão do diplomata, «pelo facto de os cidadãos de Évora terem agora a possibilidade de conhecer os trabalhos de pintores e escultores jugoslavos». A exposição foi organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian, em colaboração com a Câmara Municipal de Évora.

Estão patentes trabalhos de 14 pintores, 6 escultores, 10 autores de gravuras e várias tapeçarias de Jagoda Buic.

FORNECIMENTO DE GÉNEROS ALIMENTARES AO HOSPITAL DISTRITAL DA FIGUEIRA DA FOZ

CONCURSO N.º 34/79 PARA O 2.º TRIMESTRE DE 1979

1. PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL
1. 1 – Batatas
1. 2 – Frutas
1. 3 – Hortaliças e vegetais
1. 4 – Legumes secos e cereais
1. 5 – Massas alimentícias
1. 6 – Arroz
1. 7 – Açúcar
1. 8 – Pão
1. 9 – Doçaria e confeitaria
1.10 – Especiarias e diversos

2. PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL
2.1 – Carnes de talho
2.2 – Carnes de criação
2.3 – Produtos de charcuteria
2.4 – Lacticínios
2.5 – Ovos
2.6 – Peixe

3. PRODUTOS DE ORIGEM MINERAL
3.1 – Sal

4. PREPARAÇÕES CULINÁRIAS
4.1 – Sopas, purés, pudins e doces

5. GORDURAS ALIMENTARES
5.1 – Óleos e gorduras vegetais,
Óleos e gorduras animais

6. BEBIDAS E OUTROS PRODUTOS
6.1 – Águas minerais
Sumos de frutas
Cerveja
Vinho branco
Vinagre

Os cadernos de encargos estão patentes na Secção de Compras e serão enviados a quem os solicitar, indicando as referências dos géneros que se propõem fornecer. As propostas, em papel selado, devem ser entregues no Serviço de Compras até ás 15 horas do dia 12/6/79, em sobrescrito lacrado, com referência do concurso no exterior, sendo abertas às 15 horas do dia seguinte, perante os concorrentes que queiram assistir.

SÓ HAVERÁ LICITAÇÕES VERBAIS EM CASO DE IGUALDADE DE PREÇOS

H.D.F.F. 21/5/79

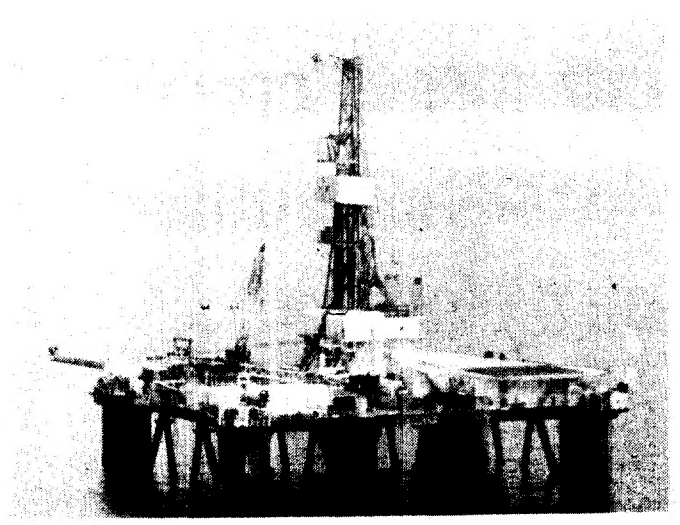
O CHEFE DOS S. DE APROVISIONAMENTO
João Luís Marques Moreira

CENTRO COMERCIAL GUÉRIN

COMUNICADO

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, SARL. tem o prazer de comunicar que contratou o planeamento, montagem e administração do "CENTRO COMERCIAL GUÉRIN", na Av. da Liberdade, n.º 12 em Lisboa, com a IMAVIZ-IMOBILIÁRIA AVIZ, SARL. única empresa nacional especializada em Centros Comerciais e como tal,membro de pleno direito do "International Council of Shopping Centers".
Os lojistas devidamente qualificados e interessados em se integrarem neste novo empreendimento são convidados, desde já, a efectuar a sua inscrição nos escritórios da IMAVIZ, na Av. Fontes Pereira de Melo, n.º 30-7.º em Lisboa.
Informamos ainda que o "CENTRO COMERCIAL GUÉRIN" iniciará a sua actividade no último trimestre do ano em curso.

IMAVIZ



Álvaro Barreto a bordo de Sedneth-701

GASTA DOIS MIL CONTOS POR DIA

Plataforma de Setúbal visitada pelo ministro

A plataforma de prospecção petrolífera Sedneth-701 foi ontem visitada pelo ministro da Indústria e Tecnologia, Álvaro Barreto que quis tomar contacto com os trabalhos de prospecção que se estão a realizar ao largo de Setúbal.

O ministro referiu-se ao facto de Portugal ter importado petróleo no valor de 45 milhões de contos durante o ano transacto.

Salientou, também, que a campanha de prospecção no «onshore» (terra) será activada, uma vez que 85 por cento da energia primária depende do petróleo. A campanha do «offshore» é mais dispendiosa custando cada prospecção cerca de 120 mil de contos, pelo que o ministro considerou que não ia ser muito desenvolvida.

Desta forma enquanto parecem continuar as pesquisas na zona do Barreiro, a plataforma Sedneth-701, construída em estaleiros canadianos, cujo funcionamento diário custa dois mil contos, tem uma capacidade de perfuração de 7600 metros e acomodações para 80 pessoas, iniciou as pesquisas de petróleo no mar, a 13 quilómetros ao largo de Setúbal.

Os trabalhos começaram há uma semana e por enquanto são prematuras quaisquer notícias sobre a possibilidade de encontrar «ouro negro». Definitivos são os resultados sobre as pesquisas efectuadas ao largo de Viana do Castelo onde não foi encontrado nenhum tipo de «rocha mãe» capaz de conter uma toalha petrolífera.

A plataforma «Golfinho» que veio da Noruega e passou por Viana do Castelo, termina agora na Arrábida o programa imediato da Companhia norte-americana, Texaco, na costa portuguesa. Entre os tripulantes da plataforma, que trabalham 14 dias e descansam um período idêntico, encontram-se 30 portugueses, uma percentagem que tem aumentado por ser cada vez maior a participação de mão-de-obra nacional nestes trabalhos.

Se vier a ser encontrado petróleo, o Estado português terá direito a 12,5 por cento, e a metade dos lucros, pois participa também em 50 por cento dos direitos e obrigações inerentes à fase de exploração.

SÓB A "TUTELA" DA GNR

MAP soma e segue na entrega de reservas

Trabalhadores espancados

Sete trabalhadores, cinco homens e duas mulheres, foram espancadas pelos elementos da GNR que acompanhavam os técnicos dos Serviços de Gestão e Estruturação Fundiária de Évora que, ontem, se deslocaram à UCP «A Luta é de todos», em Mora, para fazerem entrega de uma reserva com 72 mil pontos ao agrário José Eduardo Mexias de Almeida.

Os referidos agentes da Guarda Republicana deram, entretanto, o prazo de uma hora, até à noite, para que quatro famílias despejassem as casas que habitavam na herdade da Pereira; famílias, essas, de dois trabalhadores da UCP, de um reformado e de um operário da «Sopragol» (concentrados de tomate).

Entretanto, em Beja, técnicos do SGEF daquele distrito, também acompanhados por forças da GNR, entregaram, na UCP «Ou vai ou Racha», de Canhestros (Ferreira do Alentejo), duas reservas num total de 610 hectares e 105 mil pontos.

As herdades, situadas em Porto Mouro, foram entregues aos agrários João Henrique Vilhena de Andrade (70 mil pontos) e a Maria Adelaide de Sousa Vilhena de Andrade (cerca de 35 mil pontos).

Neste (mais um) cerimonial de entregas de terra numa bandeja, registaram-se também incidentes entre as forças da GNR (ditas da «ordem») e de trabalhadores cujo único «crime» era o de se dirigirem para os seus postos de trabalho, no local onde iam ser entregues as reservas.

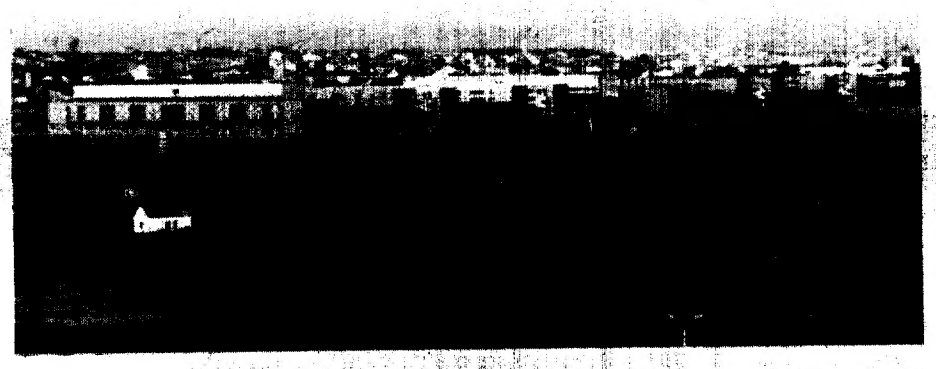
A fúria anti-Reforma Agrária não ficou por aqui; também no distrito de Portalegre, os técnicos dos SGFF, mais uma vez acompanhados por agentes da GNR, procederam a uma majoração na UCP «Sete Estrelas», de Cabeço de Vide, concelho de Fronteira. A majoração foi feita, neste caso, a favor do agrário João Palmeiro Mota que já recebera, só, em 1977, 50 mil pontos, agora acrescidos de 21 mil.

ENTRETANTO...

Entretanto, no Couço, distrito de Santarém os trabalhadores da UCP Vasco Gonçalves e da UCP da Texugueira chegaram a acordo com os reservatários. Mais uma vez se registou o facto insólito de serem mais papistas que o Papa certos funcionários do MAP. No caso da Texugueira, os funcionários estavam «socorridos» por cerca de cem agentes da GNR, cuja presença se tornou ridícula, já que, após diálogo com o latifundiário, se manteve a exploração das terras pelos trabalhadores, em princípio até final do ano agrícola.

Não aconteceu o mesmo em Coruche, onde MAP e GNR participaram numa atrabiliária entrega de uma reserva aos herdeiros do agrário João Lopes Teles Branco. Neste caso, foram desviadas da posse dos trabalhadores 76 vacas, 11 novilhas, dois bois, 110 cabras, dois tractores, uma debulhadora, um reboque, uma grade, um jipe, 450 quilos de aveia e 150 fardos de palha.

URBANIZAÇÃO DA
QUINTA DA FONTE DA PRATA
a sua casa à beira-rio



COMITUR S.A.R.L.
AO ABRIGO DO CONTRATO de DESENVOLVIMENTO DO FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO. HABITAÇÃO SOCIAL
ESCRITÓRIOS: AV. INFANTE SANTO, 23-7B LISBOA 1300 TEL: 670274 - 675007
VENDAS NO LOCAL: QUINTA DA FONTE DA PRATA - MOITA - 2860
TEL: 239244 - 239723 e SERVIÇOS MUNICIPAIS de HABITAÇÃO - CAMÂRA MUNICIPAL DA MOITA

ENCONTRO DOS POVOS OPRIMIDOS DO MUNDO

com a presença de delegações de:

Mundo Arabe:
OLP Palestina
Organização de Libertação da Palestina
FDLP Palestina
Frente Democrática de Libertação
FPLP Palestina
Frente Popular de Libertação
FPLE Eritreia
Frente Popular de Libertação

Europa:
EA País Basco
Herri Batasuna País Basco
Sinn Fein Irlanda

Africa Austral:

Extremo Oriente:
Fretilin Timor Leste

América Latina:
FSLN Nicaragua
MIR Chile

encontro promovido por OUT organização unitária de trabalhadores

FESTA INTERNACIONALISTA

Pavilhão da Amadora 26 de Maio/1979 às 21.00 H

com a participação de:

GRUPO HAIZEA — País Basco
PEOPLE'S MUSIC — Irlanda
LOS OLIMAREÑOS — Uruguai
Coro da Fretilin — Timor Leste
JOSE AFONSO
FAUSTO
e de Espanha
LUIS PASTOR

bilhetes à venda nas Livrarias Espaço, Ler, Opinião, Ulmeiro e Agência ABEP além das sedes da OUT

FEIRA DO LIVRO

Um editor por dia fala ao "DL"

A Livraria Sá da Costa é uma das editoras que considera positiva a tónica colocada pela Feira do Livro deste ano na literatura infantil, campo que no nosso país tem merecido muito pouca consideração por parte dos responsáveis.

Entre as mais recentes novidades desta editora contam-se 4 livros de histórias para crianças, de António Sérgio e a Colecção «Cadernos de Iniciação Científica», organizados pelo professor Rómulo de Carvalho, para jovens de 9 aos 15 anos.

«Penso que a Feira do Livro regista este ano uma melhoria e que o facto de ter sido dedicado à criança é um benefício. Apesar de ser precário fazer previsões com tão poucos dias de feira, creio que as vendas não vão diminuir porque o interesse pelo livro supera o poder de compra». Esta é a opinião do director comercial da editora, Manuel Sá da Costa, que acrescentou:

«A Feira não é ainda a festa do livro que todos gostavamos que fosse. Mas penso que temos que fazer por isso. Isto não é questão de inconsciência. Conhecemos a situação precária de algumas editoras e a carestia das matérias-primas. Mas trabalhamos para superar a crise e entendo que este é o caminho certo».

A Sá da Costa lançará durante a Feira do Livro uma nova colecção a «Noroeste», sobre temas da Galiza e Portugal. O primeiro volume será «Estudos galego-portugueses», de Rodrigues Lapa. Outras obras que aparecerão, neste lapso de tempo são dois volumes de poesia de Alexandre O'Neill, «A Faca de Orelhas» e «Feira cabisbaixa».

A sala é pequena; quase encheu

Sexualidade feminina tema para debate com base no "Relatório Hite"

«Penso que o Relatório Hite é um livro «monstruoso» embora seja para muitos de nós uma leitura importante. Mas atira com uma quantidade enorme de factos relacionados com a actividade sexual que acabam por impedir que se veja que a questão exualidade, do prazer e do o se situa para além desses os tomadas assim isoladate». Esta apreciação, ortando-se à obra agora lana pela Bertrand foi feita em pela psicanalista Maria o, que dirigiu no Centro Nanal de Cultura um colóquio bre sexualidade feminina. Maria Belo salientou a certa tura ser um facto que «a realidade actual é na quase totalidade de opressão da sexualidade das mulheres (o que é tão desastroso para elas como para eles) mas que isso é sintoma da inexistência social das mulheres como grupo e como força social. O facto de não nos podermos sentir individualmente como parte de um grupo social, dessexualiza-nos, limita-nos a sexualidade à única relação sexual com o homem e não nos permite ser pessoas sexualizadas em toda a nossa vida social».

Ainda sobre o Relatório Hite, obra que revela depoimentos de três mil mulheres sobre os problemas da sexualidade feminina, Maria Belo diria que a obra «não dá resposta a nada» mas «é um livro necessário que reporta um certo número de testemunhos e que para muitas mulheres é uma quebra do isolamento libertando-as de viver no terror da anormalidade pois verificam que os problemas que elas têm são de todas as mulheres».

O colóquio despertou vivo interesse levando às instalações do Centro Nacional de Cultura cerca de duas centenas de pessoas incluindo muitos homens, o que provocou um debate extremamente vivo. Muitas questões marginais deram origem a controversos mas activos debates e a maioria dos problemas queatraíram os participantes ficaram sem resposta. Mas os dados estão lançados e o mais importante de tudo é que um grupo de pessoas, ainda que restrito, se tenham reunido para discutir questões tão fundamentais para o equilíbrio psíquico do homem e da mulher, questões que, na era espacial, e neste País da «Europa em que nos inserimos» são ainda tabu para a maioria das pessoas e a sua discussão pública considerada frequentemente pelo poder como crime.

FÉRIAS NA COSTA VERDE

✧✧✧✧

O HOTEL DO PARQUE em Viana do Castelo, convida-o a passar as suas férias desfrutando das belezas naturais do Alto Minho, oferecendo-lhe condições especiais em estadias de 7 dias, desde 2.310$00.

Venha assistir às Romarias do Norte, consultando-nos através do telefone 24151/5, ou no seu habitual Agente de Viagens.

«2 piscinas climatizadas — discoteca».

Electricidade de Portugal, EDP /Empresa Pública

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo, 27 de Maio, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE SESIMBRA: Azoia, Facho da Azoia e Serra da Azoia, das 08h30m às 11h00m.

CONCELHO DE SETÚBAL: Praias do Sado, das 07h00m às 14h00m.

CONCELHO DE PALMELA: Craveiras, das 06h00m às 18h00m. Vinha da Bicha, das 06h00m às 09h00 e das 18h00m às 19h00m.

Lisboa, 26 de Maio de 1979

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E.P.
ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL
Manuel Fernandes Camacho

BICICLETAS «VILAR»

CAMPANHA DA PRIMAVERA

— PREÇOS ESPECIAIS —

para homem, senhora e criança

DISTRIBUIDORES

CICLO AREEIRO

Av. Alm. Gago Coutinho, 1-C/3-B — Tel. 886870-890342 — LISBOA

Era uma vez um saco de favas... ou a história de um plástico com instintos homicidas

Os telefones da Redacção só não são verdes na cor. Mas se – ao que dizem – a esperança é mesmo verde – ah !... então os nossos telefones são do mais puro e genuíno verde na hora em que, do outro lado do fio, se levantam as vozes dos que lamentam, reclamam ou exigem justiça. Nem sempre os problemas se resolverão com a publicação desses lamentos, reclamações ou exigências. Porque não depende de nós, mas sim das «autoridades competentes» tão evocadas pelos leitores que habitualmente nos telefonam. Mas... porque toda a esperança é legítima, não costumamos regatear trabalho e espaço.

Como provamos pela conversa (telefónica) que se junta.

– Está, é do Diário de Lisboa?

– Sim, é da Redacção, faça o favor de dizer...

– Sou uma velha leitora do jornal, sabe? Vocês fizeram agora 58 anos, não é? Então, eu comecei a lê-lo quase desde o primeiro número, ou mesmo desde o primeiro, uma vez que tenho mais de 70 e sempre me lembro de o ter lido... Agora já estou reformada, fui professora de Inglês... Pois bem, gostava que vocês publicassem uma coisa que me aconteceu há uns dias. Estive quase à morte, por isso queria que alertassem as pessoas... enfim, que fizessem chegar às autoridades competentes o conhecimento de um perigo muito grande que todos correm... ou melhor, que todos corremos.

– Pois de certo, minha senhora, pode contar o seu caso... mas antes quero agradecer-lhe a forma tão amável como se referiu ao nosso jornal. É muito importante, mesmo muito importante para o nosso trabalho, saber que gostam de nós. Muito obrigado em nome do Diário de Lisboa.

– Não tem de quê... mas não vai haver problema, não? Ah! é verdade, agora já não há censura... podemos dizer tudo, não é assim?

– Felizmente, minha senhora, esse foi um dos direitos que recuperámos com o 25 de Abril...

– É verdade, é verdade... Ora, como lhe disse, há dias ia morrendo. Não fora a minha boa constituição física, que apesar da idade é mesmo muito boa, e a esta hora não estava para aqui a falar... mas deixe-me contar do princípio.

– Com certeza, pode começar a contar que eu tomo nota.

– Foi tudo por causa das favas, sabe?... ou melhor, por causa da embalagem, que era de plástico... era esse mesmo o perigo a que eu há pouco me referia... ao enorme perigo que todos corremos ao ingerirmos alimentos embalados em plástico.

– Mas parece-me que o uso de embalagens de plástico está mais ou menos generalizado... pelo menos, é assim que os supermercados... e outras lojas... os costumam apresentar. Não concorda comigo?

– Lá concordar... concordo, mas olhe que o uso e abuso de certos plásticos, quando eles são postos em contacto com os alimentos, começa a ser contestado pelos cientistas... bom, e os ecologistas... não é?... também acusam os plásticos de mil e um malefícios.

– Sem dúvida, minha senhora, mas... se não se importa, gostaria que voltasse às favas...

– Pois é, as favas... desculpe, é este meu vício de me deixar embalar pelas palavras. Portanto, as favas comprei-as naquele lugar da... bem, é aqui em Alvalade, não vale a pena mencionar o local exacto... é que eles, coitados, não podem ser acusados de nada, a não ser de ignorância... eles sabiam lá que o saco de plástico podia estragar as favas? Eu sou freguesa do lugar há muito tempo, acho que são pessoas honestas, não estou interessada em lhes arranjar complicações.

– ???

– Então levei as favinhas... tão lindas que elas me pareciam através do maldito plástico... e utilizei-as na sopa que fiz para o almoço daquele mesmo dia... longe de supor que podia ter sido o último. O que me valeu foi não ter perdido os sentidos... e, está a ver... a minha boa construção. A cabeça começou a andar à roda, o ar a faltar-me, mas lá consegui, à base de exercícios respiratórios e de muita concentração, manter-me consciente... até deitar cá para fora tudo o que havia comido.

– Uma intoxicaçãozinha, digamos assim?

– Não tão zinha como isso, mas a minha construção, sabe? ajudou muito.

– Diga-me então: acha que o culpado foi o plástico?

– Posso garantir que foi... foi mesmo o saco de plástico que deteriorou as favas ao ponto de quase me matarem. Por isso eu digo que os alimentos não deveriam ser metidos em embalagens de plástico, ou pelo menos em qualquer plástico. Mas não são os comerciantes os responsáveis, não me parece nada que sejam. Agora o que eu sugeria, se me desse licença...

– Pois não, minha senhora...

– O «Diário de Lisboa» podia muito bem alertar os responsáveis, os investigadores, a fiscalização... enfim, para que dedicassem a este assunto das embalagens de plástico a melhor das atenções. A saúde pública não pode estar à mercê da indiferença, digamos mesmo do desleixo... de quem tem por obrigação defendê-la. Não será assim?

– Completamente de acordo. minha senhora. O «Diário de Lisboa» não deixará de corresponder à sua sugestão. As suas melhoras. Boa tarde e muito prazer.

Rodrigues Borges

SILVA PAIS FRENTE A TIENZA

Santa Clara regressa "em branco" de Caxias

Um frente a frente, em termos jurídicos designado por acareação, levou, ontem à tarde, à prisão de Caxias um movimento desusado, com o Terceiro Tribunal Militar Territorial transportado em peso desde Santa Clara até à antiga «cela forte» da PIDE, para ali realizar a 46.ª sessão do julgamento do assassinato do general Humberto Delgado e da sua secretária Arajarir Campos. Como apontamento de reportagem à margem: o facto de todos os jornalistas terem ficado de «sentinela» à entrada principal dos ainda (em memória) sinistros portões à excepção da enviada da ANOP (uma sessão rigorosamente vigiada e selectiva, como se vê) em consequência, justifica-se o tribunal, do mau estado de saúde do antigo chefão da António Maria Cardoso. Resultado real da «espectacular» operação, pela voz de Luís Saias, o único advogado presente pela parte acusatória: «Nada de especial. Apenas a certeza, há muito confirmada em nosso entender, de que tanto Tienza como Rosa Casaco mentem».

Mas vejamos o que estava em causa, para justificar esta acareação. Sobretudo a existência de duas versões contraditórias sobre o duplo crime de Melos Pasos: a de Agostinho Tienza, única testemunha ocular dos factos; e o primeiro relato que teria sido feito por Rosa Casaco a Silva Pais. O primeiro pretende que foi Casimiro Monteiro quem matou o general e a secretária, mal Humberto Delgado chegou ao local em que supunha vir encontrar-se com correligionários seus, atraído pelo «pide» Ernesto Ramos. Silva Pais, por seu turno, conta que Rosa Casaco lhe disse terem as mortes ocorrido mais tarde, quando procuravam atingir a fronteira portuguesa e o general desconfiou ter caído numa armadilha. Então Casimiro Monteiro teria puxado de uma arma matando-o e liquidando, em seguida, a secretária.

Já dentro do forte, os membros do Tribunal (em primeiro plano) trocam impressões antes do início da insólita acareação. Cá fora os jornalistas, à excepção da enviada da Anop, tiveram de esperar três horas, para não prejudicarem com a sua presença «a má saúde» de Silva Pais. Estas formas subtis de fazer censura...

Luís Saias ao «DL», no final da sessão: «Nada de especial aconteceu, apenas ficando a certeza definitiva de que tanto Casaco como Tienza mentem»

TELEVISÃO PRIVATIVA PARA SILVA PAIS

De acordo com Luís Saias, Silva Pais, apesar dos seus setenta anos, apresentou-se em boa forma parecendo assim excessivos, diremos, os cuidados publicitados pelos serviços médicos militares, na pessoa do clínico Cortez. Registe-se que o homem que chefiou a polícia terrorista de Salazar e Caetano, durante longos anos, ocupa uma cela provida de televisão privativa, com água quente e fria, e outros requisitos mais ou menos sofisticados (que diferença major, das celas utilizadas pelas centenas de homens caídos sobre a sua alçada)...

Mas vejamos o que se passou durante a sessão efectuada numa sala de audiências improvisada no parlatório da prisão, através de elementos recolhidos junto da jornalista da ANOP e de Luís Saias.

O juiz-auditor Gonçalves Pereira deu o «mote» e Agostinho Tienza iniciou o seu depoimento, afirmando: «Eu só sei que não minto. Se a versão de Casaco contradiz a minha é porque Rosa Casaco é um mentiroso». Silva Pais, pelo seu lado confirmaria a versão que diz ter recebido de Casaco, admitindo, porém, que o chefe de brigada que deu a morte ao general pudesse querer «irresponsabilizar-se». «Um bom rapaz, incapaz de mentir, até por não ter imaginação», eis como Silva Pais definiu Agostinho Tienza. No entanto, diria custar-lhe admitir que Casimiro Monteiro tivesse matado tão rapidamente o general Delgado e Arajarir Campos, sem ter recebido ordem de ninguém. «Se o fez, desrespeitou as ordens que a brigada levava», referiu. Estas ordens eram, frisou Silva Pais, de trazer o general para Portugal, induzindo-o de que junto à fronteira o esperavam oficiais fiéis, dispostos a entrar em acção, e uma vez aqui prendê-lo «desportivamente». E desportivamente terminaria este diálogo entre o chefe Pais e o seu «pouco imaginativo» subordinado Tienza, sem que, como Luís Saias sublinharia aos jornalistas no final da sessão, tivesse ficado determinado um ponto importante neste processo: a determinação do local e do tempo onde terá sido abatido o general, de forma a determinar se o seu assassínio estava premeditado e se foi executado mal se encontrou com a brigada da PIDE ou se o que estava previsto era o rapto e a morte teria ocorrido porque, entretanto, Humberto Delgado desconfiara da traição de Ernesto Ramos.

Pelo que na opinião da maioria dos jornalistas presentes, findo este frente a frente entre Tienza e Silva Pais os juízes do 3.º TMT teriam regressado a Santa Clara praticamente «em branco», ou seja sem novos elementos que justificassem (fortemente) esta deslocação a Caxias.

Para a próxima quarta-feira: de novo o depoimento, em segundo andamento, do chefe de brigada Gonçalves Semedo, o «pide» que antes de funcionar como «abre-te sésamo» da equipa de Rosa Casaco, como chefe do posto fronteiriço de S. Leonardo, fora guarda pessoal de Salazar em S. Bento. Com ele outros «pides» que certamente irão ter muito que mentir.

Manuel Geraldo

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 33318 Arquivo 5460 para o estabelecimento no concelho de Portimão, da Modificação da linha a 15 kV Subestação de Porto de Lagos-Portimão pela Substituição dum troço aéreo por um troço Subterrîneo com 870 metros; e montagem de dois novos apoios. Haverá um aumento de cerca de 117 metros.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 21 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

O DIA DA MÃE
NA
FEIRA POPULAR DE LISBOA

AMANHÃ, DIA 27
15 HORAS — MATINÉE — 19 HORAS

SESSÃO ESPECIAL DE FILMES INFANTIS
TODAS AS MÃES
DESDE QUE ACOMPANHADAS
DE SEUS **FILHOS** TÊM
ENTRADA LIVRE

CRIANÇA — NO ANO QUE TE É DEDICADO —
OFERECE A TUA MÃE UMA INÉDITA PRENDA

UMA TARDE BEM PASSADA
NA FEIRA POPULAR DE LISBOA
A COLÓNIA BALNEAR INFANTIL
DE «O SÉCULO» COLABORA CONTIGO

TU — QUE NÃO TENS MAIS DE 12 ANOS —
TAMBÉM NÃO PAGAS

MELINA MERCURI
SÉRGIO GODINHO
AO VIVO

GRANDE COMÍCIO FESTA
DE UNIDADE/UEDS-PASOK
VOZ DO OPERÁRIO
SÁBADO 26·5·79-21 HORAS

LOPES CARDOSO
KAROULOS PAPOULIAS

MELINA MERCURI
SÉRGIO GODINHO
FRANCISCO FANHAIS

ENTRADA LIVRE

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 63/79
«EMPREITADA DE CONSERVAÇÃO DE PAVIMENTOS E ESGOTOS — 1979 — ZONA OCIDENTAL»

Faz-se saber que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República», são aceites na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente à Empreitada acima referida, com a base de licitação de 40 000 000$00. (Processo n.º 30/79/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 1 000 000$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere o n.º 10.5 da parte 10.º do programa do concurso acima referido.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na Direcção dos Serviços de Obras — 2.ª Repartição, sita na Rua da Palma, 169, das 9,30 às 12 e das 14,30 às 17,30 horas, onde se prestam todos os esclarecimentos técnicos.

Também estão patentes as peças do referido concurso na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal, Avenida 24 de Julho, 171, dentro das horas de expediente.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de Obras Públicas na IV e V categorias ou 1.ª subcategoria da IV categoria e 4.ª subcategoria da V categoria e da classe correspondente ao valor da sua proposta.

A abertura das propostas realiza-se às 15 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 21 de Maio de 1979

O Presidente da Câmara Municipal
Aquilino Ribeiro Machado

TRÁS-OS-MONTES:

«Morro descansado: já vi os pobres comprarem terras aos ricos. O velho, muito velho, falava dos emigrantes que não conseguiram deixar de permanecer camponeses e foram comprando terras a todo o custo, quase sempre a preços mais altos que o seu valor real, no Douro Superior, onde a pobreza, o analfabetismo duma população envelhecida, o isolamento e desertificação progressiva das terras são a realidade que de imediato mais choca o visitante abrigado de tamanha dureza pelas más estradas e pelo secular silêncio feito à volta destes 2.200 quilómetros quadrados, áridos, dum clima mediterrânico sem água, de encostas abruptas e esqueléticas.

A amendoeira e a oliveira são as duas produções, a par da vinha, com maior ascendente na região. Só que os cuidados que lhes são devidos se vão degradando de ano para ano

Douro Superior: Mediterrâneo sem água

O velho, muito velho, pensava como os seus. Para o camponês do Douro Superior a terra é o seu único centro de gravidade.

O emigrante ainda não descobriu que há outras formas de investimento diferente do fundiário. À excepção do dinheiro que investiu na Torralta e que nunca mais viu...

E eram séculos que se condensavam na fala moribunda do velho.

O QUE É O DOURO SUPERIOR

A região do Douro Superior é sobretudo uma divisão geográfica, não coincidente com a divisão administrativa definida através dos tempos pelos sobressaltos da História. Compõem-na 5 concelhos, Meda e Vila Nova de Foz Côa (distrito da Guarda) e Moncorvo, Freixo de Espada à Cinta e Mogadouro (distrito de Bragança).

É uma região árida, que pertence à Meseta Ibérica, tem a altitude média de 700 metros, e é de certa forma diversificada, pois integrada, na sua maior extensão, na Terra Quente, atinge, contudo, em Mogadouro, o princípio do planalto mirandês.

É uma zona de pequenas famílias, onde o vinho é considerado um estímulo (25 por cento do orçamento alimentar nesta região é gasto em vinho), e em que procuram tirar da terra, num esforço inglório, o que ela não tem. As áreas de utilização agrícola (e mesmo esta condicionada) não passam dos 6 por cento. Contudo, tal é a fome de terra, que é cultivada 66,4 por cento da sua superfície total. A população envelheceu. Em 1976, a região tinha 44.495 residentes, registando um ligeiro aumento em relação a 1970, porque a emigração estancou e muitos retornados fixaram-se nas suas terras de origem. Mas a população de hoje é inferior à de 1940.

A dimensão média da família é de 3,2, inferior à média de Trás-os-Montes e do País. A população vai envelhecendo como a terra obrigada a ficar mais tempo, cada vez mais tempo, de pousio. Os grupos masculinos de 30-34 e 35-39 constituem somente 1,6 por cento e 1,8 por cento da população.

Com o êxodo rural, a fertilidade da terra, já de si escassa, diminuiu. O grupo dos 65 e mais anos foi o único que na década de 60 manteve o crescimento anterior.

Deu-se, em suma, o despovoamento da terra, com a fuga dos mais válidos. O número das crianças em idade escolar diminuiu. Os pais emigrantes vão já educando os filhos à francesa. Assiste-se a uma desculturalização progressiva.

As próprias casas que os emigrantes constroem são já outras, aberrantes na arquitectura da aldeia, fugindo à estrutura tradicional da comunidade, situadas geralmente fora da aldeia, à sua entrada ou saída. E como alguns diziam e foi glosado depois pelos habitantes da região, o que pretendiam era construir casas estilo «maison».

E os que ficaram e vão envelhecendo, sem nada a esperar, amam a terra, mas olham para a agricultura como uma actividade não meritória. Ser agricultor ali é sobretudo uma fatalidade.

Os materiais de construção estão caros. Nunca conseguirão ter uma casa com algum conforto, aquele que quotidianamente lhes é apregoado pela televisão.

Que poderão desejar se em nada alteraram a estrutura fundiária, se a mecanização é inexistente, se os apoios do MAP não se notam, se os preços que lhes pagam pelos produtos não acompanharam a alta de preços do trabalho e da terra, se ignoram o que seja o crédito agrícola?

A estrutura fundiária, abolido o morgadio, pouco se alterou – os bens pertencentes aos pais são, por morte destes, adquiridos pelos filhos que os repartem por si. Alguns transitam, para outros sectores, outros emigram mas a estrutura da exploração mantém-se.

METADE DOS AGRICULTORES NÃO SABE LER

Há ao todo no Douro Superior 10.057 explorações agrícolas, sendo a sua área média de 9,49 ha. Há uma distribuição desigual de propriedade: 9,2 por cento das explorações agrícolas correspondem a 52,6 por cento da superfície total; as restantes 90,8 das explorações só dispõem de 47,4 por cento da superfície.

Um trabalhador duma aldeia desta zona, emigrou. Após alguns anos começou a vir passar férias. Já não necessitava de trabalhar a terra dos outros. Não conhecia uma letra do tamanho dum carro.

O filho do proprietário onde trabalhara desde criança, como criado das vacas, licenciara-se. «Formou-se com as oliveiras que eu plantei e com a amêndoa que eu colhi».

Já em 1968, no período áureo da emigração, estas terras que se precipitam para o Douro nos seus 122 quilómetros de percurso internacional, correndo em descidas bruscas até se abandonar ao mar, viviam quase exclusivamente das culturas permanentes – a amendoeira que cresce espontânea, a oliveira que se fixa nos melhores terrenos e a vinha que exige maiores cuidados. Hoje o mato vai asfixiando as culturas. Não há braços nem máquinas que tratem terras, quase todas de sequeiro. Em 1968, 60 por cento dos agricultores da região tinham mais de 55 anos e somente 16 por cento menos de 44.

O analfabetismo é a grande praga – 44,8 por cento dos agricultores de explorações com menos de 20 ha. são analfabetos.

Quanto à mão-de-obra utilizada, 55,81 por cento é totalmente familiar nas explorações com menos de 20 ha. Nas explorações com mais de 20 ha a mão-de-obra assalariada é já da ordem dos 82,26 por cento.

PEDEM ÀS PEDRAS QUE DÊEM FRUTO

A velocidade do carro é menor. As estradas estão esburacadas pela dura invernia, o traçado é estreito e sinuoso. Instala-se o cansaço. Chegamos ao cruzamento da Meda. Seguimos em frente. Passamos mesmo ao lado de Foz Côa, descemos perigosamente até ao Pocinho e, olhando do nosso lado direito o abismo, subimos para Moncorvo. Circundamos a praça e prosseguimos em direcção a Freixo. Paramos no cruzamento a 15 quilómetros da vila de Junqueiro e dos missionários do Oriente e encaminhamo-nos para Mogadouro. Chegamos ao fim da nossa viagem. Das grandes vinhas da região do Douro atingimos o planalto, onde a pecuária se vai desenvolvendo. E a cada passo, na ladeira mais íngreme, na nesga de terra mais pedregosa, vemos três elementos comuns à paisagem, que, como presença, se perdem nos tempos – o homem, a besta e a charrua ou arado. Ali, em pequeno e ruim espaço, em trabalho de muitas e muitas horas, continuam a esperar o milagre da transformação da pedra em fruto.

Não existem regadios colectivos. A água que é obtida em poços ou pequenos cursos de água, serve substancialmente para a cultura de produtos hortícolas, para o autoconsumo.

Perante tal aridez, o aumento da área dedicada à pecuária poderá contribuir para o combate à desertificação, fenómeno este, em franca progressão no Douro Superior.

A própria produção de amêndoa, o produto mais rico da zona (basta dizer que há cerca de um mês uma arroba daquele fruto em miolo era comprada a três mil escudos), é fraca e irregular, devido às más condições em que tem sido implantada, à geada e má distribuição das chuvas.

Em relação à oliveira, os baixos preços do azeite têm levado um pouco ao seu abandono.

SE HOUVESSE ÁGUA...

Se houvesse água, poderiam ser integralmente aproveitadas as características mediterrânicas do Douro Superior.

Assim, a realidade é esta: o isolamento dos agricultores, o baixo nível de vida, o excesso de trabalho, o analfabetismo, pressões de vária ordem, com o grande proprietário de mãos dadas com o clero, cujo poder não é só espiritual, como já bastaria que fosse, o próprio isolamento físico, a má e deficiente informação política, têm contrariado até este momento todo o tipo de organização de classe.

Inúmeras têm sido as dificuldades que lhes são postas para que o voto tenha sido uma manifestação de liberdade, a direita joga com o seu individualismo e com o sentido quase sagrado da propriedade. Mas a propriedade não lhes dá para viver. Permite-lhes ir morrendo, com a lentidão da velhice e dos dias marcados de sol a sol.

Existem cooperativas mas são de iniciativa estatal e não o de-

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONSTRUÇÃO DE UM PAVILHÃO PARA AMPLIAÇÃO DA CRECHE DO HOSPITAL DE SANTA MARIA

Concurso Público 29/79-IE

TORNO MECÂNICO PARA S. I. E.

Concurso Público 30/79-IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17.30 horas, excepto aos Sábados das 9 ás 12.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições (I. E.).

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados nos Cadernos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 23 de Maio de 1979.

Pel'O DIRECTOR DO SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO

a) **J. d'Almeida Ribeiro**

Admissão de enfermeiros de 2.ª classe

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Para conhecimento de possíveis interessados se publica que se encontram abertas até ao dia 29 do corrente mês, inscrições para enfermeiros de 2.ª classe neste organismo.

Poderão candidatar-se os indivíduos habilitados com o curso de enfermagem geral ou curso de promoção profissional de enfermeiros de 3.ª classe.

Os candidatos deverão dirigir-se ao Serviço de Pessoal dos Hospitais Civis de Lisboa, sito no Campo dos Mártires da Pátria, n.º 91 - 2.º Esq. LISBOA, onde lhes serão prestados todos os esclarecimentos.

Ministério dos Assuntos Sociais

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANÚNCIO

Torna-se público que se encontra aberto o Concurso Público n.º 2/79-D, para fornecimento de GÉNEROS ALIMENTÍCIOS, durante o 3.º Trimestre de 1979.

O caderno de encargos, está patente nos aludidos Serviços de Aprovisionamento e será enviado a quem o solicitar, indicando as referências dos Géneros que pretendem fornecer.

As propostas devem ser entregues nos aludidos Serviços até às 17 horas do dia 4 de Junho de 1979, em sobrescrito fechado e lacrado, com a indicação do número do Concurso, no exterior, sendo abertas no dia seguinte, pelas 15 horas, perante todos os concorrentes que desejem assistir.

SÓ HAVERÁ LICITAÇÕES VERBAIS EM CASO DE IGUALDADE DE PREÇOS.

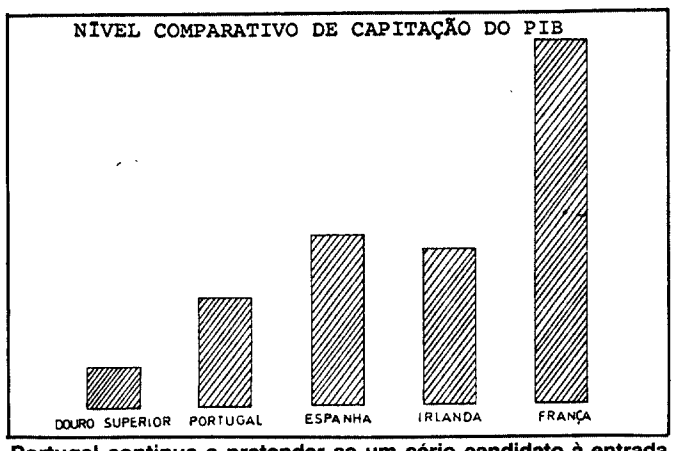
Para os géneros a fornecer, conforme as necessidades dos H.U.C., é necessário efectuar na nossa Tesouraria, um depósito provisório de Esc. 5.000$00.

Coimbra, 23 de Maio de 1979

O Chefe dos Serviços de Apoio Geral
(Aprovisionamento)
(assinatura ilegível)

QUE FUTURO (5)

ROGÉRIO RODRIGUES



Portugal continua a pretender-se um sério candidato à entrada na Comunidade Económica Europeia

sejo dos agricultores. Na generalidade, servem de preferência o grande proprietário e por este são controladas.

E a terra vai-se degradando. Velhos nostálgicos desabafam: «Ninguém quer trabalhar a terra. Não há-de faltar muito que não haja nada para comer. Todos fogem para a cidade». E o coveiro da aldeia lamenta-se: «Agora só morre um velho de quando em quando, lá para o cair da folha. Bom, é ser coveiro na cidade».

Os filhos ou fugiram para a França ou demandaram a cidade. Sabem já que nada há-de ser como antigamente. Mas ninguém sabe o que vai ser.

As amendoeiras e as oliveiras só já são podadas de 3 em 3 anos.

«É como quem me corta a alma», revolta-se o velho.

A capacidade de armazenamento em cereais e adubos é apenas de 900 toneladas.

Adubos.. «Mas ao preço a que estão, quem lhes chega?».

As cooperativas de viticultores e olivicultores têm uma capacidade para 71.500 hectolitros de vinha e 10.000 hectolitros de azeite.

As aldeias e as vilas vão-se despovoando. Mais e mais. E envelhecendo.

Poucas são as terras com mais de mil habitantes; 86,9 por cento têm menos de mil; 44 por cento menos de 500.

Muitos povoados, com um impulso nos sectores secundário e terciário (hoje apenas ocupa 8 e 16,8 por cento respectivamente da população activa) e um novo ordenamento territorial, em que a Geografia prevaleça à História, estão irremediavelmente condenados a desaparecer.

QUE SOLUÇÃO?

Com o PIB mais baixo do país, qualquer solução que pense no Douro Superior, deve ter, como objectivo prioritário, a elevação do padrão de vida da população local.

Assim, será necessário incrementar a produtividade e reduzir os circuitos comerciais, valorizando ao mesmo tempo os produtos agrícolas locais. Estes objectivos pressupõem uma reconversão da agricultura, a qual passa pelo abandono de algumas terras a favor da intensificação da pecuária ou povoamento florestal e pela mecanização possível face às dificuldades do terreno. Passa também por melhoria de preços pagos ao produtor e diminuição substancial dos lucros escandalosos dos intermediários.

Passa ainda pela melhoria das ligações rodoviárias, pelo incentivo ao emparcelamento por meio de medidas legais adequadas, pela criação de isenções fiscais que fomentem a deslocação de indústrias para o interior.

As condições de vida degradam-se. A necessidade de fixar população activa à região é uma urgência. Uma chegada de Abril pode não tornar as terras mais férteis, mas pelo menos torna as pessoas mais livres. E as pessoas mais livres, podem exigir mais do Poder central e melhor escolher os seus representantes no Poder local

A população vai envelhecendo, sem acesso a um bem estar e à satisfação das necessidades básicas

AÇORES
ÀS 6as FEIRAS E SÁBADOS DE MAIO A OUTUBRO
S. Miguel - 1 SEMANA
Açores · Madeira
Circuito Açoreano
TERCEIRA · FAIAL · S.MIGUEL
7 OU 8 DIAS
6250$
CONDIÇÕES ESPECIAIS P/GRUPOS
COMPARE OS NOSSOS PREÇOS
VIAGENS HORIZONTE
OPERADORES TURÍSTICOS
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

PROFISSÕES LIBERAIS
MARTINS CORREIA
Prof. Aux. Fac. Ciências Médicas - Ex-Director do Serviço de Medicina II e da Secção de Cardiologia do Hospital Universitário de Luanda
Médico especialista em Cardiologia e Medicina Interna
RETOMA A CLÍNICA
Consultórios:
Rua António Enes, 16-5.º C -1000 LISBOA
Telef. 553964
R. Projectada à Rua Gil Eanes, lote-4-1.º D
2675 Odivelas

Caminhos de Ferro Portugueses - E. P.
AVISO AO PÚBLICO
Modificação em horários em 27 de Maio de 1979 (Horário de Verão)
Consulte os cartazes com os novos horários afixados nas estações.

Pub

Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Metalurgia e Metalomecânica do Distrito de Setúbal

VERTICALIZAÇÃO

AOS ASSOCIADOS DO SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA, TURISMO, RESTAUTANTE E SIMILIARES DO SUL; QUE TRABALHAM EM EMPRESAS DO SECTOR DA METALURGIA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE SETÚBAL (SOCIEDADE REPARAÇÕES NAVIOS, LISNAVE, COMETNA).

CAMARADAS,

No seguimento das reuniões já efectuadas, convocam-se os filiados do Sindicato da Hotelaria, que trabalham nas empresas S.R.N., Lisnave, e Cometna, para a Assembleia de Voto a realizar no **dia 5 de Junho** de 1979, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS:

PONTO ÚNICO — Deliberação por voto directo e secreto, da integração dos filiados do Sindicato dos Trabalhadores da Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul, que trabalham em empresas do Sector da Metalurgia e Metalomecânica do Distrito de Setúbal, no Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Metalurgia e Metalomecânica do Distrito de Setúbal.

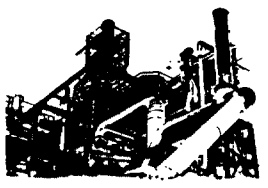
Para o efeito funcionam Mesas de Voto nos seguintes Locais:

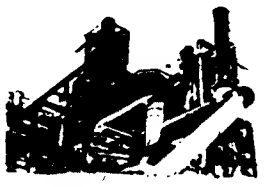
SOCIEDADE REPARAÇÕES DE NAVIOS NO REFEITÓRIO
LISNAVE NO REFEITÓRIO
COMETNA NO REFEITÓRIO

— PELO REFORÇO DA UNIDADE E ORGANIZAÇÃO!
— NUMA EMPRESA, UM SÓ SINDICATO!

AS DIRECÇÕES,

Pub





SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO SUL

PROJECTO DE LEI SINDICAL

— Dada a importância fundamental para todos os trabalhadores, de que se reveste a discussão do projecto de Lei 230/I (Projecto do PS sobre a lei sindical), estão em curso plenários gerais de trabalhadores Químicos, promovidos pelo nosso Sindicato, para esclarecimento e debate dessa matéria.

MOÇÃO

Considerando que:

1.º — A Liberdade sindical, condição e garantia da construção da unidade dos trabalhadores para a defesa dos seus direitos e interesses, é reconhecida na Constituição da República Portuguesa e insere-se no objectivo mais vasto do seu artigo 2.º, da criação de condições para o exercício democrático do poder pelas classes trabalhadoras.

2.º — O Partido Socialista, através do seu grupo Parlamentar acaba de apresentar à Assembleia da República o Projecto Lei n.º 230/I sobre Associações Sindicais, que representa mais uma provocação ao movimento Sindical Unitário.

3.º — O projecto-Lei 230/I é claramente inconstitucional, viola a convenção 87 da OIT rectificada por Portugal e visa dar cobertura legal à divisionista U.G.T.

4.º — O projecto 230/I visa retirar aos trabalhadores a participação activa na vida dos seus órgãos de classe e representa um feroz ataque ao Movimento Sindical Unitário, tendo como objectivo retirar aos trabalhadores algumas das mais importantes conquistas no domínio da liberdade sindical.

5.º — O projecto-Lei 230/I visa ainda estimular a pulverização sindical (20 trabalhadores podem promover a constituição de um Sindicato), institui um sistema de constituição de associações sindicais de forma antidemocrática, secreta, e não participada, não assegurando aos trabalhadores o direito de defender os seus interesses.

6.º — O projecto-Lei 230/I, é uma ingerência no Movimento Sindical, já que visa regulamentar, à margem dos Estatutos das Associações Sindicais e até ao pormenor, o funcionamento dos seus órgãos.

7.º — O projecto-Lei 230/I, admite que entidades estranhas às organizações sindicais as possam subsidiar e apoiar financeiramente, o que vem pôr em causa o princípio constitucional da Independência do Movimento Sindical face ao patronato, partidos políticos, Estado e confissões religiosas.

Os trabalhadores Químicos da Portucel:
Reunidos em plenário no dia 23/5/79 decidem:

1.º — Denunciar, junto dos órgãos do Poder, Comissão de Trabalho da Assembleia da República, Comissão Constitucional e ainda dos órgãos de informação, o carácter inconstitucional do referido projecto-Lei.

2.º — Repudiar o projecto-Lei 230/I e manifestar a sua firme determinação em desmascarar junto dos trabalhadores o conteúdo deste projecto que se insere na escalada ofensiva do patronato e das forças reaccionárias contra as organizações dos trabalhadores.

3.º — Dar o seu apoio inequívoco ao projecto-Lei 60/I por ser ele que contém, no essencial, as propostas do Movimento Sindical Unitário, aprovadas no Congresso de Todos os Sindicatos em Janeiro de 1977.

Aprovada por unanimidade

Setúbal, 23/5/79

A TIA HELENA

Hoje vou contar-vos uma história, mas uma história em que não há qualquer espécie de fantasia, porque fala rigorosamente do comportamento normal de um animalzinho muito engraçado e que concerteza todos vocês já viram, quanto mais não seja, em gravuras: é o Pinguim.

Os Pinguins são aves, mas aves com características muito especiais que as distinguem de todas as outras: Mantêm a posição erecta, o que os faz parecer homenzinhos pequenos, vestidos a rigor, pois a parte da frente branca e as costas e a cabeça pretas dão-nos a impressão de que têm vestido um fraque, que e como vocês sabem um traje de cerimónia.

Os Pinguins perderam há muito a capacidade de voar, mas em contrapartida são capazes de dar enormes saltos, quando saem da agua.

Ha 17 **espécies conhecidas de pinguins e todas elas habitam o hemisfério sul.**

Ha Pinguins **grandes e** pinguins **pequenos. Os** maiores, **os magestosos** «imperial» **chegam a atingir** mais de um **metro de altura** e a pesar à **volta de 40 quilos** Mas **os mais numerosos** sao os **«adélies» que** atingem **pouco mais de 60** centimetros **e pesam mais** ou menos **cinco quilos.**

Os pinguins **são muito** curiosos e **também grandes viajantes.**

Chegam **a encontrar-se** pinguins **a mais de 1 500** km de casa, **quer dizer, dos seus viveiros antárticos.**

Os pinguins **vivem em grandes comunidades, que têm o nome de colónias,** com **milhares e milhares destas simpáticas aves** – porque **os pinguins são extremamente simpáticos.** E **e no meio de uma grande** aparente **confusão que eles** organizam **as suas vidas,** namoram, **constroem os** ninhos **cuidam dos filhos e** divertem-**se brincando uns** com os **outros.**

E agora, **que já vos falei um pouco do muito que há para dizer acerca dos pinguins, vamos à nossa peçazinha de hoje.**

«ORA TOME LÁ UMA PEDRINHA»

Como vocês podem imaginar a acção passa-se numa grande colónia de pinguins e portanto há-os espalhados pelo «palco» em grande quantidade. Claro que podem ser pinguins feitos em cartolina, por exemplo, e pintados. O chão tem muitas pedrinhas que também podem ser a fingir (bocadinhos de esferovite servem perfeitamente). E não se esqueçam que os pinguins vivem no Antárctico, onde e claro, está sempre tudo gelado. Terão, por isso, que inventar uma paisagem que dê essa ideia. Parece difícil, mas estou certa que a vossa imaginação os ajudará a montar um cenário perfeito.

I CENA

Entram os dois pinguins em cena (que está cheia de pinguins a fingir) um pela direita e o outro pela esquerdade o 1° Pinguim põe uma pedrinha aos pés do 2° Pinguim, dizendo:

1° Pinguim – A menina desculpe o meu atrevimento, mas... aceita esta pedrinha?

2° Pinguim – Menina?! Menina será você, não querem lá ver o atrevido, anh!

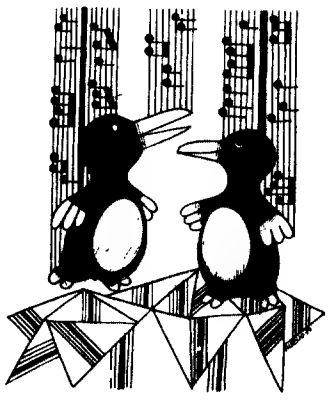
1° Pinguim – Oh! o amigo queira desculpar, não foi por mal!
É que eu... sabe... eu julguei...

2° Pinguim – Você julgou... você julgou!
Eu lhe digo o que é que você julgou! Menina?!
Mas que grande atrevido!

1° Pinguim – Então, não se irrite dessa maneira! Que coisa!
Você sabe muito bem como é difícil, entre nós pinguins, distinguir os machos das fêmeas!...

2° Pinguim – Pois sim, pois sim... Mas fique sabendo que eu sou muito ho... quer dizer, muito pinguim! E não admito que me confundam com as rapari... isto é... com as fêmeas.

1° Pinguim – Pronto, está



bem, acalme-se, eu vou-me embora.
Eu levo a pedrinha e não se fala mais nisso!
Ora esta, que azar o meu! Logo a primeira vez que tento namorar acontece-me uma destas!
Bom... vou tentar para outro lado! Oxalá não me engane outra vez!...
-me uma destas!
Bom... vou tentar para outro lado! Oxalá não me engane outra vez!...
-me uma destas!
Bom... vou tentar para outro lado! Oxalá não me engane outra vez!...

2.° Pinguim – Oxalá, oxalá! Não vá encontrar outro pinguim com menos paciência que eu e que lhe dê uma valente sova! É o que costuma acontecer quando «acontecem» enganos destes, você bem sabe.

1.° Pinguim – Eu sei, eu sei!
Uma destas anh! Já um pobre pinguim não pode procurar uma companheira sem estar sujeito a enganar-se.
Isto de ser pinguim é um bocado complicado, isso é!

O segundo Pinguim sai a resmungar e entra outro Pinguim em ar de passeio.

1.° Pinguim (para o público) – Vamos lá ver se desta vez não me engano.
(para o outro Pinguim) – Boa tarde, menina. Quer aceitar esta pedrinha?

Pinguim Fêmea – Ora essa, porque não? Você é tão simpático!

1.° Pinguim – Até que enfim! Estava tão nervoso!..

Pinguim Fêmea – Nervoso? Mas nervoso porquê?!
Aconteceu-lhe alguma coisa?

1.° Pinguim – Se aconteceu! Imagine que ainda há pouco me enganei e ofereci a pedrinha a um macho!... Nem queira saber!

Pinguim Fêmea – (Rindo) Ele bateu-lhe?

1.° Pinguim – Não, bater não bateu. Mas foi por pouco. Estava furioso!

Pinguim Fêmea – (Muito divertida) Se lhe parece! Que grande ofensa para um macho ser confundido com uma fêmea! Acontece constantemente entre nós, pinguins, mas vocês não se conformam! **(Ri de troça) (Mudando para sério)** Mas você é um pinguim cheio de sorte, sabe?

o!... Nem queira saber!

Pinguim Fêmea – (Rindo) Ele bateu-lhe?

1.° Pinguim – Não, bater nã) Mas você é um pinguim cheio de sorte, sabe?

1.° Pinguim – Cheio de sorte, eu?! Bom... só se foi por a ter encontrado, a si!...

Pinguim Fêmea – Ora, diexe-se disso! Teve sorte porque eu não fiz o que a minha mãe me ensinou.

1.° Pinguim – E o que foi que a sua mãe lhe ensinou?

Pinguim Fêmea – A minha mãe disse-me que, quando um pinguim me viesse oferecer uma pedrinha, começasse por lhe bater e que só depois de lhe ter dado uma boa tareia, aceitasse a pedrinha.

1.° Pinguim – Realmente tive sorte! Mas... por que é que você não fez como a sua mãe lhe ensinou? Achou-me assim tão simpático que não teve coragem de me fazer mal?

Pinguim Fêmea – Ora, não querem lá ver! Não seja convencido! Já estou arrependida de não ter seguido os conselhos da minha mãe! Mas o meu pai contou-me que nem todas as pinguins batem nos seus pretendentes, que algumas os recebem com meiguice... e como eu sou meiga por natureza!...

1.° Pinguim – Ah! Você é meiga?! Que bom, ainda bem! E agora, quer casar comigo?

Pinguim Fêmea – Bom... eu... quer dizer...

1.° Pinguim – Você aceitou a pedrinha, não se esqueça!...

Pinguim Fêmea – Pois foi... Está bem, caso consigo!

1.° Pinguim – 012 1.° Pinguim – Então vamos fazer a cerimónia do nosso casamento? A cerimónia do casamento dos pinguins?

Pinguim Fêmea – Claro que vamos! Vamos dançar a «dança do amor»; a dança que é a cerimónia do casamento dos pinguins!

1.° Pinguim – Abracemo-nos! Vamos dançar a «dança do amor»!

Abraçam-se e começam a dançar. Assim termina esta cena I.

II CENA

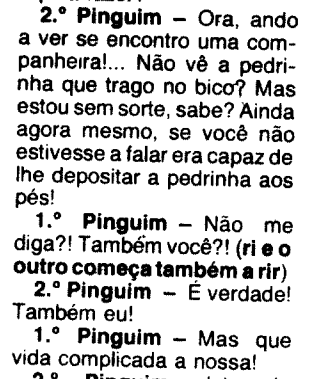
O primeiro Pinguim está em cena e enquanto diz a primeira fala vem chegando o segundo Pinguim.

1.° Pinguim –

1.° Pinguim – Ah! isto é que é uma responsabilidade! Agora sou um Pinguim respeitável! Sou um Pinguim casado!

2.° Pinguim – Muito bem, muito bem! Pela sua conversa vejo que conseguiu arranjar companheira.

1.° Pinguim – Claro que



consegui, era essa! Um Pinguim bem parecido e simpático como eu, não tem dificuldade em arranjar companheira!

2.° Pinguim – Evidentemente! Ninguém diz o contrário! Mas você não parecia tão convecido quendo eu, há bocado, estive quase para lhe dar uma sova. Lembra-se?

1.° Pinguim (Atrapalhado) – Bom...
claro que me lembro... Mas... o que lá vai, lá vai. O melhor é não falar mais nisso... um engano qualquer tem... E o meu amigo, o que é que anda por aqui a fazer?

2.° Pinguim – Ora, ando a ver se encontro uma companheira!... Não vê a pedrinha que trago no bico? Mas estou sem sorte, sabe? Ainda agora mesmo, se você não estivesse a falar era capaz de lhe depositar a pedrinha aos pés!

1.° Pinguim – Não me diga?! Também você?! **(ri e o outro começa também a rir)**

2.° Pinguim – É verdade! Também eu!

1.° Pinguim – Mas que vida complicada a nossa!

2.° Pinguim – Isto da moda unissexo é uma complicação! Não se distinguem os machos das fêmeas e depois é o que se vê!

1.° Pinguim – Bom, agora se me dá licença vou ter com a minha mulher. Ela não gosta nada de esperar e a verdade é que temos imenso que fazer.

Entra o Pinguim Fêmea que se dirige ao «marido».

Pinguim Fêmea – Então, estás muito demorado?

2.° Pinguim – Bom, eu vou andando. Não posso perder tempo. Tenho que arranjar uma companheira o mais depressa possível.

1.° Pinguim – Tenha cuidado, não se engane!

2.° Pinguim – I são pedrinhas e seixos. Verás que num instante teremos o bastante para construir o ninho.

Pinguim Fêmea – Vê lá não te ponhas para aí a roubar as pedras dos ninhos dos nossos companheiros!

1.° Pinguim – E porque não? É muito mais divertido, muito mais emocionante roubar as pedrinhas do que apanhá-las por aí.

Pinguim Fêmea – Tu é que sabes. Mas se apanhares uma bicada, depois não te queixes...

1.° Pinguim – Qual fibaca, qual carapuça! Não apanho bicada nenhuma! Eu sei muito bem o que faço!

III CENA

A um lado da cena está a 2.ª Pinguim Fêmea no choco (de pé em cima de um montinho de pedras – os ovos é pressuposto estarem debaixo do corpo –) muito quieta e como se não desse pela presença do 1.° Pinguim, que entra muito encolhido como que a fazer-se muito pequenino.

1.° Pinguim – (Falando para si mesmo) Ora, deixa-me encolher bem para passar despercebido. No meio desta multidão, ninguém dará por mim. Ainda bem que as colónias de pinguins têm muita gen... quer dizer... muitos pinguins! Deve haver por aqui uns cinquenta mil! Quem irá dar por mim?! **(Reparando na Pinguim que está no choco)** Olha! ali está um ninho com uma pinguim no choco! Vou aqui por detrás dela e zás!

2.ª Pinguim Fêmea — Que é lá isso?! Ponha já aí a pedrinha, seu ladrão!

1.° Pinguim — (Disfarçando) Ladrão?! Onde é que está o ladrão?!

2.ª Pinguim Fêmea — Não disfarces!...
Vocês gostam muito de disfarçar!... Ou não fossem pinguins! Mas eu bem vos conheço! Ponha já aí a pedrinha que tirou! Vamos, ponha já aí a pedrinha, não ouviu?!

1.° Pinguim – Pronto, pronto, não se irrite! **(Sempre fingindo que não é nada com ele)** Eu não sei do que é que está a falar, isso com certeza não é comigo, mas... está bem, vou-me embora. O que é preciso é que a senhora dona Pinguim não se enerve, pode fazer-lhe mal... asim... no choco...

2.ª Pinguim Fêmea – Você tem uma grande conversa, não haja duvida! Mas agora, rua daqui! Ponha-se a andar antes que eu perca a paciência e lhe dê uma bicada! Ladrão e ainda por cima mentiroso, não querem lá ver, hem!

1.° Pinguim – (Afastando-se) Safei-me de boa! Estava mesmo irritada a amiga Pinguim! O melhor é apanhar as pedrinhas do chão e deixar-me de roubos. Hoje estou com pouca sorte e ainda arranjo problemas. Ah! mas é muito mais divertido roubar as pedras dos ninhos do que apanhá-las somplesmente do chão, lá isso é!

IV CENA

Está agora em cena a 1.ª Pinguim Fêmea, no choco, e o «marido» ao pé dela.

1.° Pinguim Fêmea – O ninho está pronto, os ovos estão postos e eu estou farta de estar aqui a chocá-los. Fica tu aqui agora no choco, enquanto eu vou passear um bocadinho.

1.° Pinguim – Não sejas maçadora! Então eu já tinha combinado com um grupo de amigos ir nadar um bocado e tu agora queres que eu fique no ninho?!...

Pinguim Fêmea – Pois claro que quero. Agora é a tua vez. De resto eu também combinei com uns amigos e amigas ir nadar um bocado e tenho todo o direito de ir. Porque é que vocês, pinguins machos, estão sempre a descarregar todo o trabalho para cima de nós, as fêmeas?! Sim, porquê?!

1.° Pinguim – Ora, o que para aí vai! Isso não e bem assim, estás a exagerar! Mas estar no ninho é tão aborrecido!

Pinguim Fêmea – Se é aborrecido para ti, também é para mim, ora essa! O ninho é dos dois, as obrigações são iguais. Tal como os direitos, claro! Portanto, como é a minha vez de sair, saio!

1.° Pinguim – Pronto, está bem, sai! Acabas sempre por levar a tua avante! Agora vê lá se te demoras, porque eu também tenho os meus direitos.

Pinguim Fêmea – Não te preocupes! Eu voltarei para te substituir quando for a tua vez de saires. Eu nunca falto aos meus deveres!

1.° Pinguim – Pronto, vai lá nadar um bocado e diverte-te!

Pinguim Fêmea – E vê lá, cuida bem dos ovos!

A Pinguim Fêmea sai e fica o 1.° Pinguim no choco com um ar muito aborrecido.

1.° Pinguim – Uff! isto é que é uma maçada! Oxalá ela não se demore!

Ouvem-se «pius» fininhos como se fossem pinguins bebés.

1.° Pinguim – (Muito aflito) Mas... mas o que é isto? Os filhotes estão a nascer! E agora o que é que eu faço?! E ela que não vem!

Pinguim Fêmea – (Entrando) Pronto já cá estou! Não estava sossegada, nem sei porquê!... Não me demorei nada, pois não?

1.° Pinguim – Não te demoraste nada?! Demoraste uma eternidade! Eu estou aqui aflitíssimo!

Pingium Fêmea – Aflitíssimo?! Mas porquê, aconteceu alguma coisa? os ovos não estão bem?!

1.° Pinguim – Os ovos? Os ovos estão bem, sim senhora! Tão bem que os nossos filhotes estão a começar a nascer. Por isso é que eu estava a ficar aflito, nunca me vi numa situação destas!...) Pronto já cá estou! Não estava sossegada, nem sei porquê!... Não me demorei nada, pois não?

1.° Pinguim – Não te demoraste nada?! Demoraste uma eternidade! Eu estou aqui aflitíssimo!

Pingium Fêmea – Aflitíssimo?! Mas porquê, aconteceu alguma coisa? os ovos não estão bem?!

1.° Pinguim – Os ovos? Os ovos estão bem, sim senhora! Tão bem que os nossos filhotes estão a começar a nascer. Por isso é que eu estava a ficar aflito, nunca me vi numa situação destas!...

Pinguim Fêmea – (Muito excitada) Os filhotes estão a nascer? Sai já daí! Tenho que os ajudar! Os meus queridos filhotes! E eu que não me lembrei!... Pois é, passaram 40 dias, é isso mesmo!

1.° Pingium – Credo, mulher! Que excitação! Acalma-te! Não és a primeira pinguim a ter filhotes!...

Pinguim Fêmea – Dá-me o teu lugar e deixa-te de conversas! Uma mãe deve estar sempre junto dos filhos! Podes ir passear que eu trato de tudo. Que bom, vão finalmente nascer os meus filhotes!

1.° Pinguim – Não, não, agora não saio daqui. Quero assistir ao nascimento dos meus filhos! Eu sou o pai! Podes precisar de alguma coisa e eu quero estar presente para te ajudar! Estaremos os dois juntos para cuidar dos nossos filhos!

Pinguim Fêmea – É isso mesmo: os dois juntos para cuidar dos nossos filhos!

1.° Pinguim – Cuidar e amar!

Pinguim Fêmea – Claro, cuidar e amar!

FIM

E agora só mais uma coisa: os pinguins das ilustrações não são precisamente iguais aos que alguns de vocês já viram no Jardim Zoológico. São capazes de me dizer qual é a diferença? Escrevam, está bem?

Helena Moedas

Ilustrações de A. Santos Almeida

LITERATURA INFANTIL ● O QUE DIZEM OS AUTORES

Resposta do dr. António Quadros do Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian

Inquérito orientado por Soledade Martinho Costa

P. – Há quanto tempo foi criado o Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian e quantas são, actualmente, as unidades que percorrem o País?

R. – Foi criado em 1958, funcionando actualmente 63 Bibliotecas Itinerantes e 166 Bibliotecas Fixas. Destas últimas 130 resultam de uma colaboração entre a Fundação Gulbenkian e as autarquias locais, o mesmo se passando em relação à Biblioteca Itinerante de Sintra (Câmara Municipal).

Cada uma das Bibliotecas Itinerantes trabalha a partir de um centro e realiza mensalmente cerca de 20 itinerários. Em cada um dos itinerários a Biblioteca visita um certo número de localidades, cumprindo rigorosamente os seus calendários e horários de tal modo que os leitores sabem sempre a hora exacta em que chega à sua terra.

As Bibliotecas Itinerantes servem fundamentalmente os meios rurais.

Quanto às Bibliotecas Fixas, foram abertas pouco a pouco em cidades, vilas ou localidades mais desenvolvidas, onde o afluxo de leitores exigia um horário diário de abertura.

Queria salientar que todas as nossas Bibliotecas são de leitura domiciliária, servindo 3930 povoações e beneficiando directamente 5 milhões de pessoas, isto é, sensivelmente metade da população portuguesa.

Não trabalhamos nas grandes cidades pois têm já numerosas formas de apoio cultural.

P. – Como forma inovadora de comunicação cultural quais as medidas adoptadas em relação às populações no sentido da divulgação do objectivo das Bibliotecas Itinerantes?

R. – Nos primeiros anos desta obra fez-se uma certa promoção, colocando folhetos explicativos e pequenos cartazes, em locais frequentados das povoações que seriam visitadas. Mas a obra das Bibliotecas da Fundação é hoje de tal modo conhecida nas suas zonas de actuação que todos os interessados sabem não só o que são as Bibliotecas mas até o seu dia e hora de chegada em cada mês.

P. – No meio rural, onde a criança tem particular dificuldade de acesso ao livro, qual a sua resposta e, nomeadamente, a dos pais e educadores, quanto a esta relevante iniciativa?

R. – Devo dizer que a grande maioria dos nossos leitores são crianças e jovens. É um público leitor que nunca nos falta e para o qual trabalhamos prioritariamente.

Será interessante observar que a leitura dos adultos tem diminuído um pouco nos últimos anos, por razões de vária ordem, enquanto a leitura infantil e juvenil tem conhecido um aumento muito acentuado.

Quanto à segunda parte da sua pergunta, tanto pais como educadores compreendem e apoiam a frequência das Bibliotecas pelos seus filhos ou educandos. Certas dificuldades que houve a princípio por parte de uns e outros, sobretudo nas épocas de estudo, em que alguns consideravam perda de tempo uma leitura de recreio, encontram-se hoje praticamente superadas, para o que muito contribuiu a profícua acção de esclarecimento dos nossos Encarregados e Ajudantes, bem como dos nossos Inspectores.

P. – Que tipo de actividades conjuntas se têm efectuado através das unidades do Serviço de Bibliotecas Itinerantes aproveitando o contacto directo com a Criança e o público leitor em geral?

R. – A total ocupação dos Encarregados e Ajudantes das Bibliotecas no cumprimento dos horários e as horas de trabalho nos armazéns, que lhes ocupam o dia todo, não permite, ou dificulta muito, outra actividade que não seja aquela para que as Bibliotecas foram criadas, o empréstimo domiciliário de livros. Contudo, algumas Bibliotecas Fixas, com instalações que o permitam, têm tido iniciativas do maior interesse, organizando colóquios, conferências, exposições, etc. Por outro lado, distribuímos através da rede das nossas Bibliotecas um Boletim que publica alternadamente números dedicados às crianças e números dedicados aos adultos, estes de formação cultural.

P. – Qual a totalidade de títulos de obras para crianças e adolescentes adquiridos anualmente por esse departamento?

R. – Posso responder-lhe com exactidão que em 1977 adquirimos 90 títulos para crianças e adolescentes, correspondendo a 68 059 exemplares, e que em 1978, adquirimos 137 títulos para crianças e adolescentes, correspondendo a 125 335 exemplares.

Devo esclarecer que estas aquisições constituem reforços do Fundo Bibliográfico que as bibliotecas acumularam ao longo de 21 anos, e que conta neste momento com cerca de três milhões e meio de livros.

P. – Relativamente ao processo de selecção de obras infantis nota-se um critério de escolha favorável aos livros de autores portugueses?

R. – Tanto a Comissão de Apreciação de Livros como a Comissão de Aquisições e a Direcção do Serviço, dão por princípio, preferência aos livros de autores portugueses, não só para estimular a actividade literária neste campo, entre nós ainda com muitas lacunas e deficiências, mas também porque os leitores sentem e compreendem mais profundamente as obras pensadas e escritas originalmente em português e com temas que lhes são naturalmente mais familiares.

No entanto, não podemos deixar de seguir um critério de qualidade, tanto no que se refere ao texto, como no que se refere à apresentação gráfica e às ilustrações. Em suma, um mau original português não pode ter prioridade sobre uma boa tradução de um bom original estrangeiro.

P. – Fala-se que a verba concedida actualmente pela Fundação e destinada a requisição de obras para o Serviço de Bibliotecas Itinerantes não será já suficiente, atendendo ao preço elevado do livro. Esta circunstância, a ser real, terá criado dificuldades quanto à manutenção e renovação de títulos das referidas bibliotecas?

R. – A verba orçamentada para as aquisições de livros tem sido aumentada de ano para ano, e por vezes reforçada. A maior dificuldade reside nos grandes aumentos do preço dos livros, que ultrapassam as previsões feitas na altura da elaboração do orçamento.

Contamos ainda, como dissemos, com o nosso Fundo Bibliográfico, bem como um trabalho constante de recuperação de livros em melhor estado, através de novas encadernações.

Temos feito o possível por corresponder da melhor maneira à espantosa avidez de leitura dos pequenos frequentadores das bibliotecas.

Para fazer uma ideia da grandeza deste problema basta que lhe diga que as Bibliotecas Itinerantes e Fixas atenderam, em 1978, 1 490 784 leitores e emprestaram 4 615 535 livros.

E já que estamos no campo da estatística queria apontar que a maioria dos livros foram requisitados por crianças e adolescentes, nesta proporção: cerca de 2 milhões de livros foram requisitados por crianças e cerca de 1 250 000 livros por adolescentes, sendo os restantes por adultos.

P. – No inquérito que o «DL» publicou recentemente e ao qual responderam escritores de literatura infantil, foi focada várias vezes a mudança de critério da Fundação Gulbenkian relativamente à aprovação de obras infantis apresentadas ainda manuscritas. A compra assegurada de algumas centenas de exemplares a partir de um parecer favorável sobre a leitura dos referidos manuscritos dava uma certeza decisiva ao autor ou editor para editar confiantemente a sua obra ao mesmo tempo que possibilitava a edição regular de originais de autores portugueses. Ao passar esta a ser feita mediante o livro já editado esse facto condicionaria, especialmente o autor a uma menor actividade literária visto não poder contar, antecipadamente, com o apoio desse departamento.

Posteriormente e tendo em conta a criteriosa orientação dessa Fundação no sentido de apoiar a actividade cultural neste País alguns autores terão solicitado ao Serviço de B. I. o retorno à anterior modalidade de selecção. O que nos pode adiantar sobre este assunto?

R. – A este respeito é com muita satisfação que posso informá-la de que, no novo Regulamento, da Comissão de Apreciação de Livros, muito recentemente elaborado pela Direcção deste Serviço e já aprovado superiormente, ficou estatuído que a mesma Comissão apreciará não apenas as obras já publicadas, mas também «os manuscritos originais em português de livros para crianças e adolescentes, que lhes forem distribuídos». Muito embora o afluxo de originais possa sobrecarregar o trabalho de uma Comissão já muito assoberbada, a verdade é que somos os primeiros interessados em estimular a actividade criadora dos escritores portugueses num campo que consideramos de fundamental importância para a formação da infância e da adolescência.

P. – No âmbito das celebrações do Ano Internacional da Criança a Fundação Gulbenkian prevê algum projecto inovador visando assinalar de forma especial este ano de 1979?

R. – Respondendo apenas pelo Serviço de Bibliotecas Itinerantes, dedicámos inteiramente ao Ano Internacional da Criança o nosso último Boletim, tendo ainda publicado um cartaz sobre os Direitos da Criança. Distribuímos estas publicações pelas nossas bibliotecas, com uma tiragem total de 60 mil exemplares. O nosso próximo Boletim-Crianças será um complemento do que já publicámos.

Em resumo e conclusão, posso dizer-lhe que a obra da Fundação Gulbenkian no capítulo da expansão do livro junto da população infantil do nosso País, através do Serviço de Bibliotecas Itinerantes, constitui um apoio hoje indispensável e insubstituível do sistema de ensino.

É o exercício da leitura, após a saída da escola primária ou do ciclo preparatório, que mantém vivos não só a capacidade de ler e de fixar a atenção, mas também o crescimento intelectual indispensável para a passagem à idade adulta, para a aprendizagem de uma profissão e para a preparação cultural a que todo o cidadão português deve ter direito.

É pois uma obra cujo alcance social é incalculável.

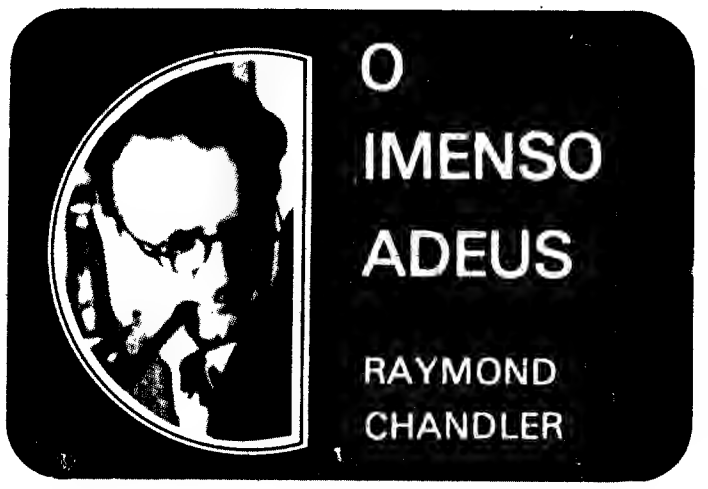
Biblioteca Infantil da Madeira

Desde o dia 5 de Maio corrente que o Funchal possui uma biblioteca para crianças, instalada numa pequena moradia situada dentro do jardim que circunda o Conservatório de Música da Madeira. Foi uma iniciativa da Escola do Magistério, dr.ª Maria Margarida Macedo Silva, a quem o Governo Regional da Madeira concedeu todo o apoio para a realização desta obra.

A biblioteca, que se intitula «O JARDIM», foi inaugurada com a presença da escritora Alice Gomes que, propositadamente, se deslocou à cidade do Funchal, a convite da Secretaria Regional da Educação e Cultura, e a quem as crianças prestaram uma carinhosa homenagem, tendo a escritora brindado os presentes com uma animada sessão de conto.

Mais tarde, Alice Gomes pronunciou uma palestra sobre «Teatro para Crianças e Jovens», no Salão Nobre do Conservatório de Música, perante membros do Governo e numeroso público.

A acção da biblioteca «O JARDIM», que contém, já, mais de dois mil volumes, vai tornar-se extensiva a todas as freguesias da Ilha da Madeira, sob a direcção e animação de alunos-mestres da Escola do Magistério Primário do Funchal.



© – Livros do Brasil College Trustees

— Parabéns.

Fez um barulho estranho com a garganta, voltou-se e saiu. Bebi o resto da bebida e acendi um cigarro. O criado chegou e olhou para o dinheiro.

— O senhor quer beber mais alguma coisa?

— Não. O dinheiro é todo para si.

Ele pegou na nota lentamente e disse:

— Isto é uma nota de vinte dólares. O outro senhor enganou-se certamente.

— Ele sabe ler. Já lhe disse que o dinheiro é seu.

— Muito obrigado, se tem a certeza...

— Não há qualquer dúvida, é todo seu.

O criado baixou a cabeça e foi-se embora, com um ar preocupado. O bar começava a ficar cheio.

Fumei metade do cigarro, e levantei-me para sair. Já estava dentro do carro quando me lembrei de ver o cartão que a Eileen Wade me tinha dado. O cartão não era de tipo formal porque tinha a morada e o número de telefone: sr.ª Roger Stearns Wade, 1247 Idle Valley Road; Tel. Idle Valley 5-6324.

Eu conhecia Idle Valley bastante bem: gente de dinheiro tinha transformado aquela parte da cidade num paraíso. Havia um lago que era propriedade do clube local e se não se era membro do clube não se podia mergulhar nas águas. Era tão exclusivo que ultrapassava o mero poder do dinheiro.

O Howard Spencer telefonou-me ao fim da tarde. Já não estava zangado e queria pedir desculpa e dizer-me que não tinha conduzido a situação com grande tacto. E não estaria eu disposto a reconsiderar?

— Eu vê-lo-ei se ele me pedir pessoalmente. Nunca de outra maneira.

— Muito bem. Mas olhe que seria devidamente recompensado...

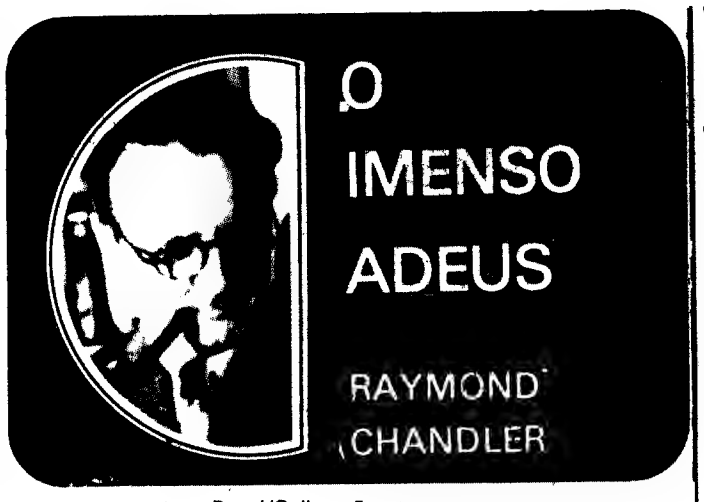
— Oiça, sr. Spencer — disse-lhe com impaciência — o senhor não pode comprar o destino. Se a sr.ª Wade tem medo do

89

FÉRIAS de VERÃO
•TRÓIA
•MONTECHORO
•AQUAZUL
•AÇOTEIAS
•COSTA BRAVA
•COSTA DEL SOL
•MAIORCA
•MENORCA
•IBIZA
•AÇORES
•MADEIRA
faça férias
Capristanos
Av. Duque de Loulé 47 A - 1000 LISBOA
T. 560171
R. Mouzinho de Albuquerque 47
8500 PORTIMÃO - T. 23136/7
R. de Santa Catarina 500 - 4000 PORTO
T. 20208 24571
Terminal - Centro Comercial do Rossio - Loja 101/2 - 1200 LISBOA T. 368164/368131/371695

CURSOS
MECANOGRAFIA
Conseguir uma profissão que lhe dê a independência económica, está agora ao seu alcance com um dos cursos de PERFURAÇÃO, VERIFICAÇÃO ou GRAVAÇÃO/VERIFICAÇÃO DISKETTES.
Sistemas: IBM E UNIVAC
Início dos cursos: 1 JUNHO
DACTILOGRAFIA
Início todos os dias
Inscrições limitadas
EXTERNATO CONTINENTAL
Telf. 325652 — R. do Arsenal, 100 - 1.º

Sr. Camionista
Muitos acidentes com veículos pesados têm como causa excesso de carga.
Respeite sempre os limites.



© – Livros do Brasil/College Trustees

tipo pode sempre ir-se embora. O problema é dela. Ninguém pode protegê-la do marido durante vinte e quatro horas por dia. Em todo o mundo não há protecção que chegue para isso. Mas não é tudo que o senhor pretende: quer conhecer exactamente porquê, como e quando o tipo sai dos eixos e arranjar as coisas por forma que ele não repita a graça, pelo menos até o livro estar acabdo. Se o tipo está realmente interessado em acabar o livro, descanse que não tocará na pinga até o acabar. E o senhor pede-me o impossível.

—Eu compreendo-o perfeitamente. Tudo isto é demasiadamente subtil para o seu género de trabalho. Bom, adeus. Volto esta noite de avião para Nova Iorque.

—Boa viagem.

Ele agradeceu-me e desligou. Esqueci-me de lhe dizer que tinha dado a nota de vinte ao criado. Pensei em lhe telefonar para lhe dizer mas depois achei que o tipo já estava suficientemente chateado. Fechei o escritório e dirigi-me ao Victor Bar para beber um *gimlet*, como o Terry me pedira na carta. Mas a meio do caminho desisti. Não estava nos meus dias de sentimentalismos.

Já estava pronto para me meter na cama quando o telefone tocou. Era o sargento-detective Green, da secção de homicídios.

—Pensei que talvez lhe interessasse saber que enterraram o seu amigo Lennox há dois dias na própria cidade mexicana onde morreu. Quem tratou de tudo foi um advogado que representava a família. Você teve muita sorte desta vez, Marlowe. Na próxima vez que lhe passar pela cabeça ajudar um amigo a fugir é melhor desistir logo.

—Quantos buracos de balas tinha?

—Que diz?—gritou-me, e depois ficou calado durante algum tempo. E disse com um ar demasiadamente cauteloso: —Acho que um. Geralmente chega, quando os miolos ficam de fora. O advogado vai trazer tudo que ele tinha nas algibeiras. Quer saber mais alguma coisa?

90

ERA UMA VEZ...

"A Raposa Sem Rabo"

A prima Raposa andava à caça. Era noite fechada e não se via um palmo adiante do nariz. Mas a prima Raposa sabia ver de noite e por isso aproveitava essa hora para fazer as suas caçadas. De dia cuidava dos arranjos caseiros, do asseio da sua linda pele e sobretudo, do seu lindo rabo. Tinha o maior orgulho nele e, na verdade, passava por ter uma das caudas mais bonitas da família e das redondezas.

A caminho da capoeira que pretendia visitar, a prima Raposa atravessou um quintal, depois outro e outro e, sem saber como, foi cair numa ratoeira e ficou presa pelo rabo!

– Isto só a mim havia de acontecer! – começou ela a lamentar-se. – Mais me valia não ter rabo! Se aqui me deixo ficar é morte certa...

Mas, por mais que fizesse, por mais voltas que desse, não se libertava da ratoeira nem esta vinha atrás de si. Na ânsia porém de se ver livre, tanto puxou, tanto puxou, que o ferro da ratoeira lhe cortou a felpuda cauda e ela pôde fugir sim, mas... sem o seu lindo rabo!

Ao chegar a casa, tristíssima por se ver privada da sua bela cauda, a nossa amiga Raposa ao reparar nas primas e nos primos todos ostentando o seu formoso complemento ficou ainda mais triste e começou a sentir uma certa inveja. Todos tinham cauda – uma cauda tão linda! – menos ela!

Ora além disto começou ela própria a ser objecto de grande admiração: é que nunca tinham visto uma raposa sem rabo!

– Mas então o que foi isso?! – perguntavam os amigos. – Como foi que ficou sem cauda?!

– Como foi que fiquei sem cauda, não! Porque é que a tirei! – emendava ela resolvendo mentir para não contar o que lhe acontecera.

– Tirou-a?! – indagavam espantados.

– É a última moda – explicava ela. – É o que se usa agora entre as raposas distintas da melhor sociedade. E vocês devem fazer o mesmo. Isso de rabo é uma moda muito antiga que já só se vê entre os velhos...

Os primos, as primas e os amigos mais jovens, zelosos da sua elegância, começaram logo a mirar-se com desgosto convencidos de que a prima Raposa tinha razão. Só que uma parente velha, que sabia perfeitamente como as coisas se tinham passado cheia de bom senso falou, no meio de todos, à Raposa matreira:

– Minha querida amiga, acredito na sua moda e nas conveniências dela, mas digo-lhe já que nós não cortaremos os nossos rabos apenas para lhe dar prazer. Se um dia nos encontrarmos na mesma situação em que a prima se viu então, deitaremos fora o rabo. Mas antes disso, não. Que os mal intencionados como a prima queiram que os outros os acompanhem, compreende-se, mas que os outros se dispenham a seguir o que lhes propõem sem pensar, é que não. Quando o mal por cá tocar, veremos... Fique a prima já sem o seu rabo, que nós tomaremos conta dos nossos de forma a que continuem bem inteirinhos...

É claro que a nossa amiga Raposa teve de calar-se e conta-se que nunca mais quis convencer a família e os amigos de que o ideal era as raposas não usarem rabo.

(FÁBULA)

Cooperativas de consumo reúnem-se em Congresso

Iniciou-se esta manhã, na Gulbenkian, o 2.º Congresso Nacional das Cooperativas de Consumo, numa iniciativa da Comissão Instaladora da Fenacoop, de acordo com as deliberações tomadas no 1.º Congresso de Março de 1977 e do Encontro Nacional de Junho de 1978.

O congresso foi organizado sob o lema «união é força» e tem por objectivo a «organização do sector cooperativo de consumo e a defesa dos consumidores». No decorrer do encontro serão analisadas diversas questões nomeadamente a organização do sector cooperativo de consumo; o projecto de desenvolvimento económico para as cooperativas; a organização do sector, o movimento cooperativo, o movimento sindical e o movimento popular de massas, e ainda a educação e formação cooperativa.

Entre os problemas que afectam o sector destaca-se a ausência de medidas legislativas e fiscais. Basicamente o sector continua a ser regulado num capítulo do Código Comercial, ao lado das Sociedades Comerciais e há toda uma série de leis e decreto-leis pontuais e dispersos.

Quanto ao apoio do Governo tem sido praticamente nulo. Pensam os organizadores do Congresso que após cuidada melhoria de organização do sector, será reivindicado o apoio ao Governo a que está obrigado constitucionalmente. Este congresso poderá ainda contribuir para a constituição de uma Comissão Parlamentar para o Sector Cooperativo na Assembleia da República, para além da sua efectiva representação nos Orgãos do Estado onde se definem as políticas que respeitem ao sector.

Expressionismo alemão no Teatro D Maria II

A época do expressionismo alemão foi ignorada durante muito tempo na Europa, e em Portugal também, por diversos motivos culturais, políticos e religiosos. No entanto nas obras teatrais, fílmicas e culturais produzidas na época está patente, de certa forma, o futuro «holocausto» que ensombraria a Alemanha e faria da Europa uma fogueira que ardeu durante anos: a Segunda Guerra Mundial.

Estas são algumas das razões que podem levar as pessoas a ir ao teatro D. Maria II, a partir do dia 31 de Maio ver uma exposição documental sobre o teatro expressionista alemão. A exposição abrange os anos que vão desde 1916 a 1930 e documentará, de algum modo, um certo «transbordar» da vida para uma arte que fez história. Vai reunir cerca de meia centena de painéis reproduzindo peças, cenários, fotografias, gravuras que oferecem uma certa penorâmica do teatro expressionista.

Documentos históricos de alto valor sobre encenações, algumas ainda controversas, de homens como Falchenberg, Richert, Max Reinhardt, Barnowsky, Merck, Heinz, Martin, sobre textos de Shakespeare. Ibsen, Schiller, Von Kleist ou mesmo de dramaturgos contemporâneos, vão ser apresentados. Destacam-se obras do pintor dramaturgo e encenador Oscar Kokoschka, dos compositores Hindemith e Schonberg, de Alan Berg e de Brecht. Por outro lado aparecerão também encenações de Strindberg, Weedkind, Toller, Sorge etc.

A exposição vai ser inaugurada às 18 horas pelo director do Instituto Alemão dr. Egon Olessak, pelo conselheiro cultural da Embaixada Alemã dr.ª Irene Grunder e pelo presidente da direção do teatro Nacional D. Maria II.

Vai estar aberta ao público todos os dias úteis, excepto segunda-feira, das 17 às 19 e 30 e durante os espectáculos do Teatro Nacional. Vai estar patente até 1 de Julho.

MDP/CDE saúda 58.º aniversário do "DL"

«Neste País de Abril, onde a liberdade se abriu em cravos rubros, saudamos fraternalmente o «Diário de Lisboa» por ocasião da comemoraçõ do 58.º aniversário» – afirma-se numa saudação do MDP/CDE que foi enviada à nossa redacção.

O documento sublinha, depois, a «dificuldade de afirmar todos os dias as regras da tolerância e da conviência democrática e de manter as promessas de Abril para que o novo País prometido a todos venha a pertencer».

"A Noite" adiada

Por doença súbita do actor Luís Alberto, o «Grupo de Campolide» vê-se obrigado a adiar a antestreia da peça «A Noite» de José Saramago, marcada para hoje.

Face às circunstâncias, também a estreia da peça, anunciada para terça-feira, 29, foi adiada.

Ministério das Finanças e do Plano

EDITAL

José de Jesus Vences Cordeiro, 1.º verificador do Quadro Técnico-Aduaneiro, faz saber que corre trâmites na Direcção-Geral das Alfândegas um processo administrativo para importação com isenção de direitos da viatura motociclo.

Marca Vespa; Tipo simples; Modelo 150

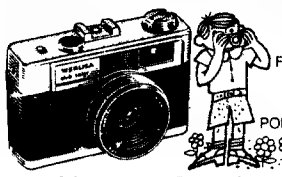
Matrícula AAD-98-87; Cor branca; 2 Lugares; procedente da ex-colónia de Angola, e cuja propriedade, desde 1975, se arroga José Guerreiro de Sousa, residente que foi em Luanda, no Bairro Nossa Senhora de Fátima Rua I, n.º 105, e que actualmente reside em 8375 S. Bartolomeu de Messines, na Rua Heróis do Mucaba, n.º 21.

Convidam-se, pelo presente edital, todos aqueles que disponham de elementos de impugnação de tal direito a que, no prazo de (15) quinze dias, deles dêem conhecimento.

Direcção-Geral das Alfândegas, em 25 de Maio de 1979

o 1.º Verificador do Quadro Técnico-Aduaneiro

WERLISA



A MÁQUINA FOTOGRÁFICA 35 mm QUE VOCÊ PODE COMPRAR

SIMPLICIDADE DE MANEJO = BOAS FOTOGRAFIAS

profoto LDA ASSISTÊNCIA GARANTIDA

APARTADO 2799 – 1119 LISBOA – CODEX

A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Pub

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TRANSPORTES FLUVIAIS

MOÇÃO

NÃO AO PROJECTO DE LEI 230/I ORGANIZAÇÕES SINDICAIS

— Considerando que o Projecto de Lei Sindical 230/I é inconstitucional;

— Estimula a polverização sindical;

— Visa eliminar a participação directa dos trabalhadores na Vida das suas Associações de Classe «elimina as Assembleias Gerais»;

— Retira aos trabalhadores o direito de defender os seus interesses;

— Não permite a liberdade de auto-organização das Associações Sindicais;

— Regulamenta, de forma antidemocrática até ao pormenor, a vida interna das Associações Sindicais;

— Impõe um modelo único de Organização;

— Considerando que este Projecto de Lei visa subordinar o Movimento Sindical ao controlo do Poder Político-Económico, e permitir ingerência do Estado e do patronato nas Organizações da Classe dos Trabalhadores.

— Considerando que este Projecto de Lei é um ataque ao Movimento Sindical Unitário e a algumas das mais importantes conquistas dos trabalhadores no domínio da Liberdade Sindical.

— Considerando que a Constituição da República Portuguesa, Lei Fundamental do País, consagra o direito dos trabalhadores livremente determinarem a sua forma de organização.

Os Delegados Sindicais do Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes Fluviais, reunidos em Assembleia Geral de Delegados, no dia 24 de Maio de 1979,

— EXIGEM: —

— O respeito pela Constituição;

— O respeito pelos princípios do Movimento Sindical Unitário, definidos pelos Trabalhadores Portugueses;

— Repudiam o Projecto de Lei 230/1, por ser contrário aos interesses dos trabalhadores, violar a Constituição e dar cobertura aos projectos divisionistas.

Lisboa, 24 de Maio de 1979

APROVADA POR UNANIMIDADE

CABELEIRAS DINABEL

MOD. DIANA

A moda das cabeleiras não é um luxo mas um adorno fascinante para conservar um lindo penteado, dando à mulher actual uma nova e encantadora aparência. Completo sortido de perucas e postiços para senhoras e próteses capilares para homens em cabelo natural. Preços acessíveis e assistência técnica permanente.

Visite a CASA DINABEL, Rua Morais Soares, 82-2.º F – Lisboa 1900 Tel. 83 44 34

OLHE O PERIGO DE FRENTE!

ACUSA A CGTP-INTERSINDICAL

Projecto de lei sindical PS visa promover as forças divisionistas

O projecto de nova lei sindical apresentado pelo Partido Socialista à Assembleia da República tem como finalidade, segundo um conumicado ontem divulgado pela CGTP-IN, «promover as forças divisionistas e provocar a desunião dos trabalhadores».

Mas, acrescenta a confederação, com esse projecto pretende-se, «sobretudo, enfraquecer o Movimento Sindical a sua capacidade de intervenção, a todos os níveis, em defesa dos interesses dos trabalhadores, do regime democrático e das transformações económicas e sociais realizadas pela Revolução do 25 de Abril».

A apresentação daquele projecto (número 230-I), com discussão já marcada para o dia 15 do próximo mês, suscitou um amplo debate por parte das organizações de trabalhadores, com uma recusa generalizada, de que são provas bastantes as inúmeras moções que diariamente nos chegam.

Fazendo-se eco deste movimento de repúdio a nível de estrutura sindical unitária, a CGTP-IN afirma que este projecto PS «reproduz as opções de fundo do texto desqualificado conhecido pelo nome de «documento Gonelha» e que é, «no plano sindical, o mesmo que a «Lei Barreto» representou, em 1977, com as consequências que hoje se podem ver contra a Reforma Agrária».

Os objectivos, na sequência dos declarados pelo «documento Gonelha», seriam pois «quebrar a espinha ao Movimento Sindical», o que representa na prática, para a Inter, «um antentado afrontoso contra os trabalhadores e contra os próprios fundamentos do regime democrático e constitucional».

Além do mais, acrescenta o comunicado a que nos referimos, o projecto do PS para as associações sindicais «contraria grave e qualificadamente, em muitos aspectos, as disposições constitucionais e as Convenções 87, 98 e 135 da Organização Internacional do Trabalho, aplicadas em matéria de liberdade sindical».

CONSEQUÊNCIAS

De uma análise feita ao projecto de lei 230-I, a CGTP-IN retirou já algumas conclusões centrais de que damos nota em síntese:

- caracteriza-se por uma profunda antidemocraticidade até por impor ao Movimento Sindical um único figurino de organizaçõ interna e de estatutos, os quais são decalcados dos adoptados pela UGT;
- atenta contra a unidade dos trabalhadores e visa a pulverização sindical;
- limita a liberdade sindical individual, por exemplo, ao impedir a participação directa e activa em todos os actos e níveis da vida sindical;
- no plano colectivo é igualmente limitativo, por exemplo, ao contrariar os princípios de auto-organizaçõ, auto-regulamentação e gestão democrática das associações sindicais;
- diminui as garantias de protecção aos representantes sindicais e exercício das suas funções;
- reduz o direito à acção sindical nos locais de trabalho;
- anula direitos conquistados depois do 25 de Abril;
- questiona a independência das associações sindicais face ao Estado, patronato e organizações políticas, fomentando, desse modo, a partidarização do Movimento Sindical;
- como objectivo de fundo provavelmente, temos o de criar cobertura legal de que a UGT carece, devido à inegável ilegalidade do seu acto constituitivo e estatutos.

COM O PATRONATO E NÃO SÓ

De tudo isto, conclui a CGTP-IN que, «da aplicação do projecto como lei, resultaria a limitação dos direitos actualmente exercidos pelas associações sindicais, o estímulo à divisão perante o inimigo de classe e um sem-número de dificuldades susceptíveis de enfraquecer o Movimento Sindical».

Ou seja, trata-se de uma identificação com os objectivos expressos do «grande patronato, da reacção interna e do imperialismo». E isto quando, em 1980, se atravessará um período «tão importante para a democracia portuguesa» – leia-se eleições –, sendo previsível para essa altura a «intensificação dos ataques aos direitos dos trabalhadores e das conspirações contra o regime democrático».

E, então, estariam as associações sindicais empenhadas em «infindáveis alterações de estatutos, com toda a inerente burocracia».

Resumindo, «o projecto Gonelha não pode corresponder ao pensamento autêntico de um partido antifascista e democrático, empenhado na defesa da Constituição de que foi um dos principais autores e, muito menos, à vontade dos seus militantes, aderentes e votantes que sejam trabalhadores e democratas».

SOLTAS

Pelo caderno

Os reformados do Porto concentrar-se-ão, esta tarde, na Praça da Trindade, naquela cidade, exigindo do Governo o cumprimento do caderno reivindicativo oportunamente apresentado. Em suma, os reformados pretendem acabar com as pensões de miséria e pronunciam-se desde logo pela defesa da Constituição e de Abril. A concentração de hoje, no Porto, efectua-se a partir das 15 horas e a sua convocatória foi feita pela Associação União dos Reformados da Previdência, Comissões de Reformados dos Sindicatos e MURPI do Porto.

COLECTIVOS

Mais um sindicato aderiu à Federação dos Transportes Rodoviários. Trata-se, desta vez, do Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes Colectivos do Distrito de Lisboa, conhecido por TUL (Transportes Urbanos de Lisboa). A decisão foi tomada em Assembleia Geral Extraordinária realizada, há dois dias, na «Voz do Operário».

GRÁFICOS/A

A lista A, unitária, venceu as eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Gráficos do Sul e Ilhas, ontem realizadas. Os resultados já apurados ainda não são totais, pois falta apurar os votos de Ponta Delgada e de Angra do Heroísmo. No entanto, o sentido do acto já não poderá ser alterado: a lista A somava 2511 votos, contra 408 da sua opositora, conotada com o MRPP. Votos nulos foram 41 e a percentagem de votantes atingiu os 40,8 por cento.

UM DIREITO

A partir de amanhã, domingo, as organizações de trabalhadores passam a ter o direito de participar na elaboração da legislação de trabalho, de acordo com uma lei da Assembleia da República hoje publicada no jornal oficial. Segundo aquele diploma, as organizações de trabalhadores passam a ter precedência na discussão da legislação de trabalho, pelo que nenhum projecto ou proposta de Lei, projecto de decreto-lei ou projecto, ou proposta de decreto regional pode ser discutido e votado pela Assembleia da República, Governo, Assembleias Regionais ou Governos Regionais, sem que as estruturas dos trabalhadores se tenham pronunciado.

Férias no ALGARVE
VIVENDAS E APARTAMENTOS
PREÇOS DESDE 250$00
Informações e reservas:
MUNDIRAMA
R. DO CRUCIFIXO, Nº 33
LISBOA 2 / TELEFS
323633 / 324296
328856 / 363294
MUNDIRAMA
Estab 1948

S. R.

MINISTERIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDUSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/61628 Arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia de Azinhal, concelho de Castro Marim, da linha aérea a 15 kV com 207 metros do poste n.º 81 da linha para Aldeia-Nova — Alcoutim ao poste de transformação do Complexo Turístico da Junqueira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 21 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDUSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/61058 Arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia de S. Tiago Maior, concelho de Beja, da linha aérea a 30 kV com 473 metros, do poste n.º 29 da linha Beja-Aljustrel ao posto de transformação de Penedo Gordo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 21 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

Pub

Sindicato da Actividade Cinematográfica

Rua D. Pedro V. 60-1.º Esq.
LISBOA

AINDA O CASO JOSÉ ELYSEU E OS «ANOS DO SÉCULO»

Após a exibição do 11.º episódio da série de programas os «ANOS DO SÉCULO» a Comissão Administrativa da RTP, EP resolveu, sem disso dar prévio conhecimento ao nosso associado José Elyseu, realizador de cinema, suspendê-lo do exercício das suas funções e instaurar-lhe um processo disciplinar, facto que é do conhecimento público.

A informação só lhe foi transmitida em 8 de Março próximo passado e acto contínuo, essa mesma Comissão Administrativa, decidiu levantar-lhe a suspensão, que foi considerada ilegal.

Dada a manifesta precipitação e emotividade serôdia com que a Comissão Administrativa agiu, escamoteando, no mínimo, que à data em que o episódio em causa foi exibido, era o próprio presidente da Comissão Administrativa o director de programas, responsável último por essa exibição, aguardou este Sindicato que o processo disciplinar fosse arquivado.

Ademais, do ponto de vista das obrigações convencionalmente assumidas e constantes do A.C.T., o prazo dentro do qual o processo poderia estar concluído já tinha sido ultrapassado, devendo o processo considerar-se prescrito.

É por outro lado patente que do ponto de vista das obrigações assumidas pelo nosso associado, este não praticou qualquer infracção disciplinar.

Foi assim com grande espanto e revolta que se teve conhecimento da nota de culpa que só agora lhe foi enviada, nota de culpa essa forjada depois da participação-crime, formulada pelo José Elyseu por presumíveis crimes de difamação e injúria perpetrados contra ele pelo presidente da Comissão Administrativa da R.T.P., E.P. e outro membro desta.

Não se pode, afinal, deixar de protestar e com veemência, que a nota de culpa arrola algumas testemunhas acusatórias que o afirmam não serem, e que não tiveram previamente conhecimento que os seus nomes iriam legitimar a acusação. O facto é tanto mais ridículo quanto é certo estarem essas testemunhas firmemente dispostas a depôr a favor do arguido.

A nota de culpa contém — e lamentavelmente — prova acusatória referente a declarações de deputados à Assembleia da República prestadas aquando da discussão do «caso» neste orgão de soberania, que singularmente tomou uma deliberação contrária aos desígnios da Comissão Administrativa. E, para cúmulo, também neste caso alguns desses deputados, informaram da sua estupefacção o José Elyseu, adiantando, outros sim, que tais declarações não legitimam que nelas se fundamente qualquer acusação.

O Sindicato aguardará assim o resultado do processo, não podendo deixar de disto dar conta à opinião pública, por considerar que estas formas de agir não são consentâneas com os princípios sociais que se pretendem instituir.

Lisboa, 24/5/79

Pel' A DIRECÇÃO

António Massacote

FEIRA DO LIVRO
livro do dia

A REVOLUÇÃO DA MARIA DA FONTE ..... ~~140$00~~ - 84$00
(Edit. Afrontamento) J. Palminha da Silva

A FACE OCULTA DO SOL ..... ~~180$00~~ - 108$00
(Via Editora) Bricolo Lezardeur

ENCICLOPÉDIA DA RAPARIGA ..... ~~380$00~~ - 228$00
Mirella Vitale

Stand 15

distribuidora O SECULO

Stand 74 Assírio e alvim

Livro dia 26

«TABU, PRÍNCIPE DOS CÁGADOS, DE FRALDAS AO VENTO, LADRA ÀS PORTAS DO FUTURO»

Textos do programa de rádio
«O Homem no Tempo»

~~280$00~~ — 168$00 João Sousa Monteiro

Assírio e alvim
Stand 74

Livro dia 27

«PARA UM CONHECIMENTO DA SOCIOLOGIA»
G. Lapassade
~~180$00~~ – 108$00

RJ A Regra do Jogo, Edições, Lda.
Stand 67

Livro dia 26

«A QUESTÃO CAMPONESA E O CAPITALISMO»
Samir Amin e K. Vergropulos
~~250$00~~ — 150$00

Livro dia 27

«PUFF E OS SEUS AMIGOS» ~~130$00~~ — 70$00

EUA

Queda de um DC-10 provoca 272 mortos

Um avião comercial «DC-10» da «American Airlines» despenhou-se ontem, pouco depois de ter levantado voo do aeroporto de Chicago, causando a maior catástrofe aérea da história dos Estados Unidos, já que não há sobreviventes entre as 272 pessoas que viajavam a bordo.

Logo ao levantar voo, o reactor esquerdo do avião expeliu espessa fumarada soltando-se em seguida para cair na própria pista. O «DC-10» que estava então apenas a 200 metros do solo, girou sobre si próprio, explodiu e caiu no solo, a um quilómetro da pista.

Os destroços do aparelho espalharam-se em chamas num campo de aviação abandonado, junto a um bairro muito habitado da periferia, a noroeste de Chicago. Ficaram gravemente feridas duas pessoas que estavam a trabalhar no local.

A catástrofe poderia ter sido mais grave se tivesse sido atingida uma «aldeia» de caravanas à beira do aeroporto.

A chegada das brigadas de socorro à zona do acidente, foi atrasada pela grande afluência de viaturas nas auto-estradas vizinhas.

Foi recuperado o registo do voo e a gravação com as últimas palavras dos tripulantes, que poderão ser de importância vital no inquérito que se vai efectuar.

Um controlador de tráfego aéreo localizou uma avaria a bordo do jacto Jumbo pouco antes do avião descolar.

O «DC-10» estava ainda a deslizar pela pista do aeroporto O'Hare quando o controlador viu o que poderia ter sido fumo ou um rasto de carburante saindo do motor da esquerda.

O controlador perguntou à tripulação: «American 191, desejais regressar e para que pista?», mas não obteve resposta.

Um funcionário da Junta Nacional de Segurança dos Transportes disse que o jacto poderia ter voado apenas com dois motores até ao seu destino, Los Angeles, mas que a baixa altitude em que o acidente ocorreu não deixou espaço para manobra.

Muitas testemunhas oculares afirmaram que o jacto ziguezagueara, subira em direcção ao céu e se desviara então para a esquerda, despenhando-se em terra, onde embateu com o focinho e a asa esquerda.

Um muro de chamas ergueu-se a centenas de metros de altura, provocando uma vaga de calor intenso e carbonizando as pessoas que seguiram a bordo, contaram ainda as testemunhas.

O jacto ia com a lotação esgotada devido ao feriado do dia dos combatentes e de uma greve que reteve em terra aviões da outra companhia explorando a mesma carreira, a United Airlines.

Polícias, bombeiros e pessoal de ambulâncias achavam-se já no local da tragédia minutos depois dela ocorrer, mas disseram, mais tarde, não haver a mínima esperança de encontrar sobreviventes.

Ajudados pela luz de holofotes, brigadas de socorro trabalharam toda a noite para retirar cadáveres do meio dos destroços, que foram levados para uma morgue improvisada num hangar.

Os destroços ficaram espalhados numa área de quasi um quilómetro, a noroeste do aeroporto, considerando o mais movimentado do mundo. Bombeiros levaram quase duas horas para dominar o incêndio e os restos do jacto ainda fumegavam hoje, de manhã.

Entre as pessoas a bordo seguiam quatro ligadas à revista «Playboy», incluindo o director-administrador Sheldon Wax e sua mulher Judith, uma escritora conhecida.

O pior desastre que ocorreu antes, nos Estados Unidos, registou-se na Califórnia, em 1978, quando um avião de passageiros e outro ligeiro chocaram nos ares, perecendo 151 pessoas.

Em 1974, um «DC-10» das linhas aéreas turcas despenhou-se perto de Paris, morrendo 346 pessoas – o maior total de mortos num só avião nahistória da aeronáutica.

A pior catástrofe do género registada no mundo deu-se porém nas ilhas Canárias, em 1977, quando 582 pessoas perderam a vida, após dois jactos Jumbo da Pan American e da KLM colidirem numa pista.

EXECUÇÃO DE SPENKELINK

A pena de morte regressa

A execução de John Spenkelink restabeleceu hoje a prática da pena de morte nos Estados Unidos, ocorrida pela última vez em Janeiro de 1977, com o fusilamento de Gary Gilmore, o condenado que insistiu em morrer.

Antes dele, a última execução nos EUA ocorrera em 1967, após o que a pena de morte esteve proibida por inconstitucionalidade durante quase uma década.

O caso de Spenkelink, que lutou desesperadamente por conservar a vida, reavivou nos Estados Unidos a controvérsia em torno da pena capital.

Enquanto gritos de «assassinos» acolheram a notícia da execução entre os manifestantes que esperavam em frente à prisão, advogados e políticos reiteraram as suas opiniões contra a pena capital.

Em Tallahasee, Flórida, várias centenas de pessoas participaram numa manifestação frente ao palácio do governador, Robert Grahan, expressando o seu protesto contra a execução.

Em Washington, foram detidas mais de doze pessoas entre os manifestantes que acorreram ao Supremo Tribunal, que minutos antes se negara pela quinta vez a rever o caso de Spenkelink e a suspender a execução.

Minutos depois da suprema magistratura do país ter negado o último recurso, apresentado esta madrugada pelo advogado do condenado, Spenkelink morria na cadeira eléctrica da prisão estatal de Raidford, na Flórida.

Vinte e duas pessoas, entre funcionários, autoridades e jornalistas, assistiram como testemunhas à execução, enquanto os presos da cadeia manifestavam com gritos o seu protesto durante todo o desenrolar da operação.

E assim terminaram os cinco anos e meio de luta de Spenkelink e seus advogados contra a condenação à morte que lhe fora imposta em 1973, por ter assassinado um homem que o recolhera depois de ter fugido de uma penitênciária californiana.

Escândalo financeiro ameaça Carter

FRANCISCO VALE

Um escândalo financeiro em que está envolvido o antigo director do Orçamento, Bert Lance, salpica de lama a Casa Branca. Mais um mito norte--americano está prestes a defazer-se Referimo-nos à imagem de James Carter, como nova consciência moral de um país traumatizado pela guerra do Vietname e o Watergate.

O actual presidente norte-americano afirmou vezes sem conta na sua campanha eleitoral que «é preciso não só ser-se honrado, mas também parecê-lo». No entanto a aparência da sua honestidade dissipa-se como neblina matinal aos primeiros raios de sol e a realidade de negócios pouco claros é cada vez mais uma questão de testemunhas, advogados e juízes, numa palavra, de tribunais.

A ameaça de descrédito surge quando se aproximam as «presidênciais» de 1980. Não admira, pois, que alguns senadores democratas se tenham disposto a mudar de «jockey» apostando agora em Edward Kennedy.

É com efeito a sorte de Carter que se vai decidir no julgamento que, em breve se iniciará, do banqueiro georgiano Bert Lance, acusado de se ter apropriado ilicitamente de vinte milhões de dólares.

James Carter «trabalha» na fábrica de amendoins da sua família, na Geórgia

através de 383 empréstimos contraídos em quarenta e um bancos situados em Atlanta, Nova Iorque, Chicago, Luxemburgo e Hong Kong. Lance, de 47 anos, foi conselheiro de Carter, quando o actual chefe do Executivo era governador da Georgia e presidente do «First National Bank», antes de se tornar director do Departamento Federal do Orçamento – cargo de que foi forçado a demitir-se quando se iniciaram as investigações judiciais.

Estes factos não bastariam para comprometer Carter. As ameaças de um novo Watergate começaram, no entanto, quando se afirmou que o banco de Bert Lance concedeu créditos irregulares para o negócio de amendoins da família do actual presidente... A imprensa depressa descobriu um novo termo: «Peanutgate».

A PONTA DO ICEBERG

Mas não será esta a melhor prova da vitalidade da «democracia made in USA»? Não mostrará que a justiça norte-americana – que prendeu Al Capone pela fuga aos impostos e não pelos seus crimes e afastou Nixon pela sua «curiosidade» e não pelos massacres do Vietname ou no Chile – continua a escrever direito por linhas tortas?

A verdade é outra e bem menos edificante.

Para encontrar a chave do enigma temos de voltar a 1973, ano em que David Rockefeller e o seu empregago Brzezinski, decidiram criar a Trilateral – comissão que passou a agrupar alguns dos mais importantes homens de negócios dos Estados Unidos, Europa ocidental e Japão para a definição de uma estratégia emperialista comum.

Para defender as suas posições este organismo enveredou pela denúncia da penetração fraudulenta das multinacionais nos diversos países e pela luta contra o proteccionismo. O primeiro escolho importante era o próprio Nixon que foi rapidamente vencido com a ajuda do «Washington Post» estreitamente ligado aos homens da Trilateral. O segundo passo consistiu em levar um político da sua confiança à presidência. Os capitalistas do Sul encabeçados por Paul Austin, o patrão da Coca-Cola, estabeleceram um acordo com Rockefeller e a Chase Manhattan Bank. Carter, que tinha boas relações com os primeiros foi o dandidato escolhido. Desde o início do seu mandato o novo chefe do Executivo e a sua equipa dedicaram-se a aplicar a política que lhes fora encomendada a uma velocidade americana. O proteccionismo foi aliviado e alguns dos segredos das multinacionais concorrentes foram expostos á luz do dia. O exemplo mais evidente foi a denúncia dos subornos praticados pela Lockkeed e dos métodos da ITT. Quando se escancararam as portas do vasto mercado chinês a administração Carter deu luz verde à Coca-Cola e deixou de lado a sua rival, e Pepsi-Cola. A direcção de CIA e do FBI foram criticadas por cumprirem com zelo o trabalho que é a sua razão de ser.

A resposta dos adversários de Carter entre os quais se encontram multinacionais com a força da General Motors, a ITT, a Pepsi Cola, a Lockheed, a Boeing e a Reader's Digest não se faz esperar. O ataque a Carter contou com olhos e ouvidos tão bem informados como o FBI e a CIA, desejosos de se vingarem da humilhação sofrida. Um importante órgão de informação, o «New York Times» entra em campo para cumprir o papel que fora reservado ao «Washington Post» no caso Watergate. O escândalo dos empréstimos de Lance rebenta e ninguém dúvida que mais tarde ou mais cedo acabará por atingir James Carter. E não deixaria de ser uma ironia que, no país das pastilhas de mascar, um presidente acabasse «engasgado» com amendoins...

Caminhos de Ferro Portugueses | Informação

LISBOA — PORTO

A partir de 27.5.79, novas circulações directas com 1.ª e 2.ª classe

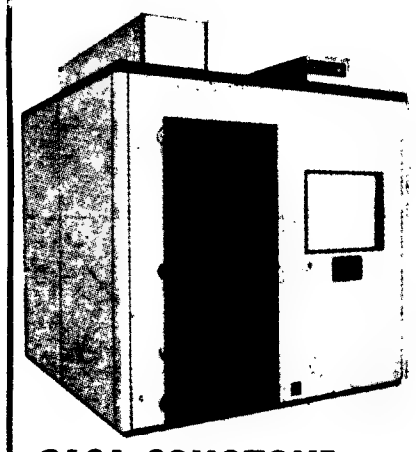
LISBOA P 15h 25m C 19h 50m

PORTO C 19h 50m P 15h 25m

Consulte os cartazes afixados nas estações

ou as Secções de Informações

Para onde o silêncio seja necessário



CABINAS INSONORAS AMPLISILENCE

Atenuação acima de 60 dB para as médias frequências
Painéis de 75mm de espessura
Material especialmente tratado, não absorvente da humidade
Revestida a vimiltex
Janela com vidro duplo
Carpete antiestática
Luz interior e ventilação
Painel de ligações para qualquer tipo de audiómetro

CASA SONOTONE — Poço do Borratém, 33s/l — Telef. 868352/865978 — LISBOA

Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 315602 — Porto

GRANDE BAILE—CONVÍVIO

CONJUNTO KOLA III

SÁBADO 26 DE MAIO 20.30

ISE, RUA MIGUEL LUPI, N.º 11

PASSAPORTES
Com rapidez e eficiência
STAR
Estoril · Faro · Porto · Funchal

ÁSIA

IRÃO

Atentado contra membro do Conselho da Revolução

Aumentou a tensão entre o clero islâmico, que ocupa o poder no Irão, e os seus adversários da esquerda, a seguir ao atentado ontem verificado contra a vida de um dos mais violentos pregadores muçulmanos contra o comunismo.

Desconhecidos armados feriram gravemente a tiro Hojatolleslam Hashemi Rafsanjani, membro do Conselho da Revolução, na sua residência em Teerão, quase três semanas depois de criar fama como um dos princípios adversários do comunismo no país.

Nenhum grupo reivindicou imediatamente a responsabilidade pelo ataque; embora o movimento de guerrilha urbana Forghan esteja por detrás, segundo se crê, do assassínio de duas outras figuras de destaque do novo governo, em Abril.

Hojatolleslam Rafsanjani foi o primeiro sacerdote muçulmano a culpar publicamente a esquerda pelo assassínio do «ayatollah» Morteza Motahari, presidente do secreto conselho revolucionário do Irão, no princípio deste mês.

KHOMEINY QUER CONSTITUIÇÃO

O «Ayatollah» Khomeiny pediu ontem ao primeiro-ministro Mehdi Bazargan para acelerar o processo visando a adopção da nova Constituição, «que será submetida a referendo popular» anunciou hoje a rádio iraniana.

Numa mensagem endereçada a Bazargan, o chefe da revolução declara que o projecto de constituição deve ser redigido e sobmetido a aprovação do Conselho da Revolução «o mais depressa possível».

Depois, acrescenta o dirigente religioso chiita, o projecto deverá no mais curto prazo de tempo ser submetido à opinião pública, para que «todas as camadas da população» possam apresentar alterações.

ÁFRICA

BENIN

Cem invasores condenados à morte

Cerca de cem pessoas, julgadas à revelia por um Tribunal Revolucionário, foram condenadas à morte por terem tomado parte na invasão do Benin, ocorrida há dois anos.

Bobo Denard, um dos mercenários brancos que dirigia o grupo de invasores, tal como Emile Derlin Zinsou, antigo presidente do Benin, tinham sido já condenados à morte por conspirarem para derrubar o Governo do presidente Kerekou.

Denard dirigiu há um ano a operação militar que derubou o regime vigente nas ilhas Comores.

O comunicado emitido hoje em Cotonou diz que um Tribunal Revolucionário condenou à morte 11 «traidores do Benin», 17 soldados africanos de várias nacionalidades e 62 «mercenários europeus».

A 16 de Janeiro de 1977 uma centena de homens armados, na sua maioria brancos e falando francês, desembarcaram dum avião que aterrou fora da capital, Cotonou. Depois de se terem apoderado do aeroporto invadiram a cidade atirando indiscriminadamente contra edifícios governamentais e pessoas e partiram no mesmo avião em que tinham chegado deixando mortos cinco soldados governamentais e dois mercenários.

O Benin acusou a França, Marrocos e o Gabão de terem participado neste golpe.

Em 1972 o tenente coronel Mathieu Kerekou tomou o poder no país ao qual mudou o nome de Daomé para Benin – o nome tradicional posto de parte pelos colonialistas franceses – procedendo simultaneamente a várias reformas sociais e políticas.

Pedidas sanções contra Pretória

Cinquenta e quatro países afro-asiáticos e socialistas apresentaram ontem na Assembleia Geral das Nações Unidas um projecto de resolução pedindo ao Conselho de Segurança a tomada de sanções internacionais obrigatórias contra a África do Sul para levar este país a respeitar as decisões das Nações Unidas sobre a Namíbia.

Este texto afirma que a Namíbia é um problema colonial e que a luta do povo namíbio «por todos os meios» para obter a sua libertação nacional é inteiramente legítima e deve ser apoiada internacionalmente. O projecto constata por outro lado que a África do Sul aproveitou «o período prolongado» das negociações para agir através de ácções ilegais e de «sinistras maquinações».

N'Komo rejeita proposta britânica

Joshua N'Komo, co-presidente da Frente Patriótica do Zimbabwé, rejeitou hoje firmemente em Londres a ideia das conversações com o governo britânico que este acaba de propôr.

Segundo o «leader» nacionalista rodesiano, de passagem nesta capital, a Grã-Bretanha, ao preparar-se para o reconhecimento a prazo do governo chefiado pelo bispo Abel Muzorewa, «declarou-se inimiga do povo do Zimbabwé».

A proposito do relatório Boyd, elaborado por um grupo de observadores enviados a Salisbúria pelo Partido Conservador britânico, N'Komo considerou que as conclusões desse documento no sentido de as eleições rodesianas se terem processado regularmente eram intencionalmente desonestas».

Entretanto, o partido do reverendo Nbadaningi Sthole, derrotado nas controvérsas eleições para a passagem do poder à maioria negra na Rodésia, rejeitou como sendo «uma farsa» uma declaração do partido conservador britânico, que afirmava serem estas eleições «verdadeiras e representativas».

Sithole, lider da ZANU, divulgou um comunicado à Imprensa, no qual expressa o seu endurecimento face aos resultados obtidos

EUROPA

ESPANHA

Fascistas manifestam-se durante funerais

A cerimónia religiosa das exéquias dos quatro militares assassinados ontem em Madrid, terminou hoje, no quartel general do Exército. O cortejo dirigiu-se em seguida para o cemitério de Almudena.

Durante a celebração do serviço religioso, cerca de quinhentos manifestantes da extrema-direita com bandeiras espanholas em luto, insignias nazis e de falange, concentraram-se ao longo dos passeios, atrás de um cordão de militares armados de espingardas metralhadoras.

A delegação oficial, compreendendo várias centenas de oficiais era conduzida pelo general Manuel Gutierres Mellado, vicepresidende do Governo. Este foi alvo de apupos da parte dos manifestantes direitistas, que entre dois hinos da falange e palavras de ordem favoráveis ao exército, gritavam «Gutierrez Mellado, tu és um cobarde».

IRLANDA DO NORTE

Ataques a comboios

Três bombas explodiram ontem à noite em comboios na Irlanda do Norte, sem causar vítimas, soube-se de fonte policial.

Dois engenhos explodiram sob um comboio estacionado num entreposto de Belfast e um terceiro num comboio que assegura a ligaçõ entre Antrim e Ballymena.

Graças a uma passageira, um drama pôde ser evitado nesta última composiçõ. Ao notar um embrulho suspeito, a passageira puxou o sinal de alarme. Imediatamente o maquinista parou a locomotiva e desceram todos

RENAULT 5
O MELHOR DA CLASSE

O RENAULT 5 tem razões para se orgulhar da sua posição, porque tem um êxito internacional indiscutível e agrada às pessoas mais diversas. RENAULT 5 tem nervo na cidade, é seguro na estrada e fácil de conduzir. Tem uma suspensão à prova de todos os caminhos. Porque com um motor de 956 cm³ atinge os 135 km/h. Tem um espaço interior que, com a 3.ª porta, faz dele um carro útil para inúmeros fins. E ainda porque lhe garante economia de consumo e manutenção.

Tracção à frente, suspensão independente às 4 rodas, de barras de torsão, amortecedores hidráulicos e barra estabilizadora, travões de disco à frente de tambor atrás e repartidor de pressão em função da carga. Motor: 956 cm³ - 44 cv DIN.

INDUSTRIAS LUSITANAS RENAULT, SARL
ESPIRAL NAC 3/79

FEIRA DO LIVRO
informação

«Uma nova orientação imprimida à pesquisa linguística. Uma proposta de reconsideração da teoria das gramáticas gerativas e transformacionais.»

SEMÂNTICA GERATIVA
Michel Galmiche
BIBLIOTECA DE TEXTOS UNIVERSITÁRIOS
EDITORIAL PRESENÇA
PAVILHÕES 48 E 49

NOVIDADES DE MAIO Stand 67

A GUERRA DA MINA E OS MINEIROS DA PANASQUEIRA
Daniel Reis / Fernando Paulouro Neves 110$00

O SEGREDO DAS PRISÕES ATLÂNTICAS (Do Forte de S. João Baptista de Angra do Heroísmo ao Campo do Tarrafal) Acácio Tomás de Aquino 250$00

O DISCURSO SOBRE O FILHO DA PUTA
Alberto Pimenta 75$00

NOVIDADE a sair durante a feira, nos primeiros dias de Junho, o livro:

COSTA GOMES, DIÁLOGOS SOBRE PORTUGAL

A Regra do Jogo, Edições, Lda.

«A BARRACA» ESTREOU NO DOMINGO a peça «D. João VI», de Hélder Costa. O êxito deste novo trabalho daquela equipa não podia ser mais expressivo. «D. João VI» é uma obra que desmonta com notável argúcia alguns dos grandes equívocos da nossa História. Se não é a melhor peça deste grupo é pelo menos uma das melhores, talvez só comparável a «Tiradentes». Espectáculo dentro do espectáculo é também o que se pode considerar a interpretação de Mário Viegas, juntamente com um grupo de actores que fazem de «D. João VI» um espectáculo a não perder de forma alguma.

Fellini contra machismo: "a cidade das mulheres"

ROMA – Há dias, aquele que é considerado um dos grandes do cinema, Federico Fellini, começou a sua última obra, «A Cidade das Mulheres».

Para já, trata-se de um filme «antimacho», ou melhor, «contra o machismo». O argumento, a ideia, a adaptação foram adiados sucessivamente devido a vários problemas, pois Fellini roda as suas obras quase em segredo.

«A Cidade das Mulheres» será feito inteiramente dentro do maior estúdio italiano, na Cinecitta, que até há pouco tempo estava completamente deserta.

Agora, pelas ruas deste estúdio estão a passear «Lotar» e «Alice», jovens seminus, com botas negras e calças estreitas de pele de leopardo. Junto dele, um grupo de jovens bonitas vestidas com roupas de crianças. Mais atrás, um velho hotal, especialmente construído, muito feio, mas, com aquela dignidade dos hotéis antigos das cidades da província. Federico Fellini deseja que a cenografia se assemelhe quase a uma imensa jaula, onde estão as feras humanas.

Começa desta maneira, a tomar forma, «A Cidade das Mulheres», uma cidade dominada por dois homens: um será protagonizado por Marcello Mastroianni; o outro menos conhecido fora da Itália, será Ettore Manni, que será co-protagonista, com um físico imponente e um sexo excepcionalmente desenvolvido, este representa o símbolo da virilidade mítica, verdadeira projecção da fantasia dos homens. Um será o homem real e o outro o homem culturalmente inserido. O primeiro, um supermacho e, o segundo, macho por obrigação.

Segundo se supõe, «A Cidade das Mulheres» será uma alegoria sobre a debilidade do homem, do mito destruído, do macho que, ao tomar consciência dos seus limites e fracassos, se resigna e reconhece haver perdido a batalha. Marcello Mastroianni sonha com a mulher ideal, aquela que vive na sua fantasia pessoal, ou seja, a sua princesa encantada.

«A Cidade das Mulheres» fala da crise do homem, a crise do macho e do amante, um filme que não dá lugar a esperança e que de certo modo constitui uma acusação ao homem.

Ao mesmo tempo, conforme notícias postas a circular na Cinecitta, o filme apresentará uma viagem através de imagens reais, sonhadas ou desejadas pela mulher. A mulher em toda a sua tipologia, física e específica, através de uma viagem que terá o sabor psico-analítico da escola de Jung.

Mas Federico Fellini depara actualmente com uma dificuldade: quem acabará de compor a banda sonora do filme, cujos primeiros acordes já haviam sido compostos pelo maestro Nino Rota, recentemente falecido.

Federico Fellini gosta de trabalhar com as mesmas pessoas e mesmos actores, que considera os intérpretes mais fiéis daquilo que imagina. Nino Rota tinha sempre colaborado com Fellini, desde que o realizador deu seus primeiros passos no cinema. Agora, em certo sentido, parece que Fellini se sente um pouco órfão.

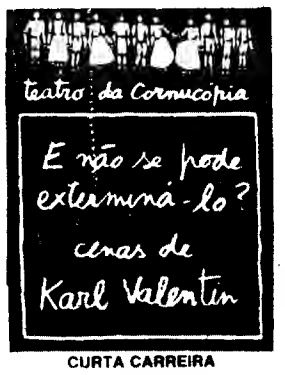
Rock em debate

– Um debate sobre música country, folk blues e canções sindicalistas americanas dos anos 20 tem hoje lugar no Centro Nacional de Cultura.

A sessão será, como habitualmente, transmitida em directo pela Rádio Comercial, FM, no programa «Dois pontos» de Jaime Fernandes.

Estarão presentes, como convidados, Rui Neves e Bernardo Brito e Cunha. Esta será a última oportunidade que o público terá de participar ao vivo nestes programas da RDP, pois eles vão ser interrompidos até Outubro.

3.ª a sáb. às 21.30
Dom. só às 16.00
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA

Rua Tenente R. Cascais, 1-A 1200 LISBOA Tel. 661515
teatro do bairro alto


CURTA CARREIRA
IMPRETERIVELMENTE
Só até 3 de Junho
«Genial», Carlos Porto, «DL»
3.ª a sáb. às 21.30
Dom. só às 17.30
ATENÇÃO: Domingo, 3 de Junho matinée às 17 e noite às 21.30
Subs. SEC e Inst. Alemão

a unicef faz o mundo diferente contribua para isso
Actualmente, quando muitas crianças não têm acesso às suas necessidades básicas, a UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância, fornece-lhes o que é mais indispensável para sobreviver. Milhões de crianças, em mais de cem países têm necessidade urgente de ajuda, sem a qual muitas não chegarão à idade adulta. Não o conseguirão, se não formos todos nós a contribuir para isso. Ajude-as a viver. Apoie a UNICEF.
Informe-se sobre os seus objectivos e colabore com o Comité Português em formação.
1979
Ano Internacional da Criança
CORTE POR AQUI
Para informações contacte:
unicef Fundo das Nações Unidas para a Infância
Rua Almirante Pessanha, 11 — 1200 Lisboa — Tel: 36 50 41
Nome
Morada
ESTRAL

Hoje às 15.30, 18.30 e 21.30 h
O regresso de um êxito no
estúdio 444
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

TEATRO ABERTO
p. de espanha (palhavã) telef. 770969

COM: MÁRIO JACQUES, LIA GAMA, RUI MENDES, ANTÓNIO MONTEZ, LINDA SILVA, CARLOS GONÇALVES, HELENA ISABEL, MORAIS E CASTRO, VASCONCELOS VIANA, ANTÓNIO RAMA, ANTÓNIO ANJOS, CARLOS SANTOS, ADELAIDE FERREIRA, ALEXANDRE MELO, MANUEL MENDONÇA
TODAS AS NOITES ÀS 21.30
SÁBADOS E DOMINGOS TAMBÉM ÀS 16 h
DESCANDO À 2.ª FEIRA

T.N.T. TEATRO DO NOSSO TEMPO
APRESENTA SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS ÁS 18.30h e 21.30h
YUZURU — A GRUA DO ENTARDECER
DE SUNZI KINOSHITA
PARA TODOS
BASEADO NUM CONTO TRADICIONAL JAPONÊS
2.ª SEMANA
PRAÇA JOSÉ FONTANA, 12 B
MARCAÇÕES: 574037 METRO PICOAS

A GRANDE, INTERNACIONAL E MÁGICA COMPANHIA DE CIRCO DE MADAME TEXAS NA CASA DA COMÉDIA – TEATRO DE BOLSO DE LISBOA
Rua S. Francisco de Borja, 22/24

UM ESPECTÁCULO DE FILIPE LA FÉRIA
COM: MARIA DULCE, FERNANDO GOMES, ROCHA SANTOS, ANTÓNIO CRUZ, MEDINA, MARIA JOSÉ BELO MARQUES, ADELAIDE JOÃO, FILIPE CRAWFORD, TERESA ROBY E PAULO CÉSAR.
E A SENSACIONAL TEXAS JAZZ BAND:
MIGUEL SÁ PESSOA, HÉLDER FERREIRA, KAKUM, JOSÉ ALBERTO E FRANCISCO JOSÉ.
LUZ DE JOSÉ AMADEU — MONTAGEM DE EDUARDO GUERREIRO.
UM ESPECTÁCULO PARA ADULTOS COM SÉRIAS RESERVAS.
SUBSIDIADO PELA S.E.C.

Canal da Crítica

TV visita as minas

MÁRIO CASTRIM

«O Astro» aproxima-se do fim. Aproxima-se a hora de felicidade para a Lili e para o Márcio. Talvez este, depois mais tranquilo, possa ter tempo para aprender outra modinha no seu trompete. O Quintanilha, esse, continuará o seu destino de aldrabão astronómico pois isto, meus caros, quando se nasce aldrabão, nada a fazer.

Mas «O Astro» não é agora o único a absorver a atenção da audiência. Sofre a concorrência do «Poldark», folhetim inglês que, a pouco e pouco, foi ganhando direito ao seu lugar.

A provar que, para se ter êxito na televisão, não importa cumprir determinada receita, qualquer que seja a sua origem. A qualidade é o que importa. «Fazer à maneira de» não garante nada nem explica tudo. Há que fazer à nossa maneira – e fazer bem. Mais nada.

«Poldark» tem contra si não ser falado em português. O problema da dobragem seria bom ficasse resolvido antes da instauração da cor. Por muito estranho que pareça, tal não acontecerá.

Que não é coisa fácil, todos sabemos. Mas nem só o que é fácil se resolve. A língua portuguesa, um dos nossos bens mais preciosos, merece todos os sacrifícios, merece ser arrancada ao papel subalterno de tradutora que diariamente a TV lhe concede. Aos responsáveis pela televisão nunca lhes passou pela cabeça que defraudar ou «impopularizar» a língua portuguesa é pôr em perigo a nacionalidade?

O mesmo diremos da realidade portuguesa, que importa trazer ao primeiro plano da televisão. Essa realidade, para uma mais significativa penetração, deverá com frequência assumir o aspecto do «divertimento», de espectáculo, de arte. Uma coisa, por exemplo, é vermos, com os nossos próprios olhos, a luta dos pequenos industriais contra o capital financeiro, do que assistirmos a uma mesa-redonda sobre essa mesma luta, em determinada época. Refiro-me ao «Poldark».

O público português está saturado das mesas-redondas, dos depoimentos, dos tratamentos a frio. Depois do 25 de Abril, nesse aspecto, tirámos a barriga de misérias. Já vai sendo tempo de mudar de agulha, de abandonar a teleburocracia.

Reportagens como aquela que ontem vimos situam-se, pelo processo e pelas perspectivas, muito acima doutras emissões de «Em questão». A palavra foi devolvida, em grande parte, aos trabalhadores e seus representantes. Ouvimos de suas próprias bocas o relato das tristezas e vitórias. E soubemos que também no seio da terra, a esperança continua.

No entanto, alguma coisa faltou nesta emissão dedicada aos mineiros. Houve perguntas e respostas, certo. Mas não houve diálogo. Houve denúncia de certas situações, certo. Mas não houve provas significativas, convincentes, dessas denúncias. Houve depoimentos de trabalhadores, certo. Mas teriam sido aqueles os depoimentos mais valiosos?

Daniel Reis e Fernando Paulouro Neves, o primeiro do «Diário de Lisboa» e o segundo do «Jornal do Fundão» publicaram um livro de grande interesse, a vários níveis: «A Guerra da Mina e os mineiros da Panasqueira». Neste livro está completo o rosto da mina – o rosto humano, profissional, social. Circula nele um sangue vivo, sofrido, experiente. Trata-se de uma obra escrita de dentro para fora.

Ora, sem desmerecer na boa vontade e nos esforços de Cesário Borga, esta emissão, mais do que uma convivência, foi uma visita. Não direi uma visita de cerimónia, mas com alguma pressa, isso foi. E sabendo-se, como se sabe, a luta que o «Jornal do Fundão» trava há anos pela situação dos mineiros, não teria sido má ideia uma conversa com António Paulouro. Que nesse aspecto, como noutros, tem muito que contar.

De qualquer modo, repita-se, «Em Questão» ontem foi diferente. Que diabo, num país em rumo para o socialismo não é demais virem trabalhadores à televisão, uma vez por outra.

setúbal

CLUBE NAVAL

GRANDE FESTA DA PRIMAVERA

COM:

JOSÉ VIANA, DORA LEAL, HERMINIA SILVA, MANUELA BRAVO, MARIA DO AMPARO, CARLOS MONIZ, CARLOS MENDES, JOSÉ BARATA MOURA, IO APOLONI FERNANDO TORDO, ARY DOS SANTOS, CARLOS PAULO, JOSÉ JORGE LETRIA, JÚLIA BABO, PROFESSOR MINHOCA (Palhaço Pedagogo), MADALENA LEAL, CARLOS IVO, CARLOS PAREDES, FERNANDO ALVIM, GRUPOS "ENIGMA" E "CANTO CLARO", CONJUNTO JORGE NASCIMENTO.

5 HORAS DE HUMOR, MÚSICA, POESIA

1 DE JUNHO

21 HORAS

Bilhetes à venda:
nas Empresas e
no L. da Misericordia, 11

INICIATIVA DO "JORNAL SETÚBAL"

e trabalhadores da C.P.M.C. (Barreiros) com apoio da União dos Sindicatos de Setúbal e Cintura Industrial de Setúbal.

AMORTECEDORES

Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia:
MENDES Telf. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno
REPRESENTANTE
dos amortecedores «JM»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B (A Benfica)

CHECOSLOVÁQUIA

VIAGENS DE TURISMO
COM VISITAS SOCIAIS
partidas a 19 Jul.– 16 Ago.–13 Set.
PRAGA e outras cidades
TUDO INCLUIDO
Informações e inscrições
das 14 as 20 h na
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-CHECOSLOVÁQUIA
R ARTILHARIA UM 105 - 4º LISBOA
TELEF 68 85 87 • ORGANIZAÇÃO DA
MUNDIRAMA

Caminhos de Ferro Portugueses – E. P.

BARREIRO — FARO

apenas em 3h 40

Novo comboio

SOTAVENTO

a partir de 27.5.79

1.ª classe, bar, assistência a bordo

Consulte os cartazes

afixados nas estações

Hoje

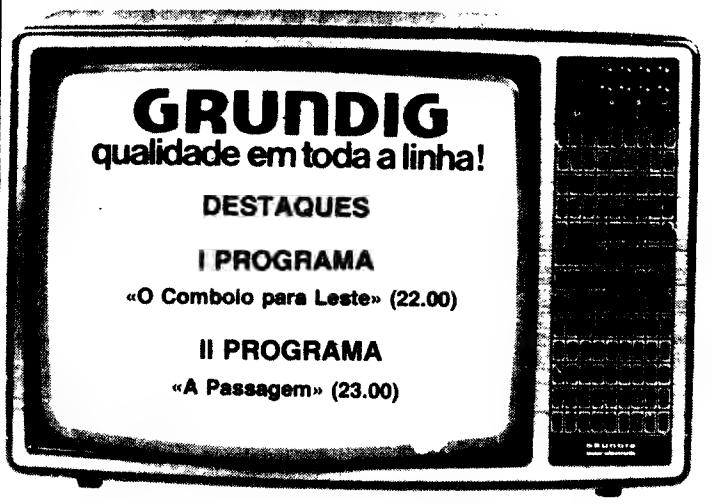
Uma cena do filme de Manuel Costa e Silva intitulado «A Passagem» que será hoje exibido no II Programa a partir das 23 horas

I PROGRAMA

16.45 **As Cartas da Nova França**
17.10 **Animação**
17.35 **País, País-Magazine** – a actualidade regional.
18.00 **Hipismo** – uma transmissão directa do hipódromo do Campo Grande.
19.30 **4300 Minutos**
20.00 **Haja Saúde**
20.30 **Agildo Ribeiro Show**
21.25 **Manuel e Beatriz**
21.30 **Jornal RTP/1**
22.00 **Alamedas da Noite** – a grande metragem produzida por Lloyd Bacon (1943) «Comboio para Leste», que tem como principais intérpretes: Humphrey Bogart, Raymond Massey, Ruth Gordon e Júlie Bishop.
23.20 **24 Horas** – último serviço noticioso do dia.
23.35 Fecho

II PROGRAMA

14.00 **Ano Propedêutico**
20.31 **«Dick Tracy»**
21.30 **Desporto 79**
22.10 **Cartas na Mesa** – em debate a actualidade nacional.
23.00 **Série Portuguesa** – o filme «A Passagem» de Manuel Costa e Silva.
00.00 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

12.30: Missa de Domingo; **13.10**: A Vida no Silêncio; **13.30**: Enciclopédia do Espectáculo; **14.00**: Sumário; **14.10**: Grande Prémio Automóvel de Mónaco; **15.00**: TV Rural; **15.30**: Grande Prémio Automóvel de Mónaco; **16.45**: Abelha Maia; **17.15**: Teatro Amador – Teatro Universitário do Porto; **17.40**: Cine-Teatro/TV; **18.30**: Ano Internacional da Criança, **19.00**: Grande Encontro – que inclui o jogo de futebol Boavista-Marítimo; **21.25**: Manuel e Beatriz; **21.30**: Jornal RTP/1; **22.00**: Dia da Mãe e Dia Mundial das Comunicações Sociais; **22.00**: Ao Piano... Rui Guedes; **22.45**: Gente de Paz; **23.15**: Mata e Esfola; **23.25**: 24 Horas; **23.40**: Fecho.

II PROGRAMA

20.30: Pantomina; **21.00**: Espaço Off; **21.30**: Música Maestro; **22.00**: A Par e Passo; **23.30:** Jornais e Jornalistas; **00.20**: Fecho.

FUTEBOL

Porto em Famalicão Benfica no Estoril

Este fim-de-semana marca o regresso dos campeonatos nacionais de futebol, já nas etapas derradeiras e a caminho da definitiva pausa nos cardíacos.

Veja-se o que está marcado no cartaz de hoje, quanto à primeira divisão:

V. Guimarães - Sp. Braga, às 17; Sporting - Belenenses, às 19, e V Setúbal - Académico de Viseu às 21.

AMANHÃ, na I DIVISÃO: Beira-- Mar - Barreirense, Famalicao -FC Porto, Estoril - Benfica e Varzim - Académico de Coimbra, todos às 16; Boavista - Marítimo, no Estádio das Antas.

às 19 e 30, com transmissão em directo pela TV.

Na II DIVISAO: Zona Norte: Paredes - Penafiel, Gil Vicente -Lourosa, Leixões - Tadim, Salgueiros - Fafe, Desportivo das Aves - Riopele, Chaves - Paços de Ferreira, Aliados - Vianense e Espinho - Rio Ave. Zona Centro: Covilhã - Alba, Águeda - Feirense, U. Coimbra - Caldas, Portalegrense - Torriense, Marinhense - U. Leiria, U. Santarém -Estrela de Portalegre, Peniche -U. Tomar e U Lamas - Oliveira do Bairro. Zona Sul: Montijo -CUF, Elvas - Amora, Farense -Odivelas, Nacional - Sacavenense (no campo do Liceu, Funchal), Atlético - Cova da Piedade, Almada - Portimonense (no campo Cornélio Palma, Palmela), Juventude - Olhanense e Seixal - 1.º de Maio Sarilhense. Todos às 16

III DIVISÃO – Série A: Bragança - Mirandela, Forjães -Monção, Limianos - Merelinense, Abambres - Vizela, Joane - Vila Real, Cabeceirense - Ribeirão, Prado - Mondinense e Tirsense - Mogadourense. Série B: Infesta - Amarante, Avintes -Bustelo, Valonguense - Paços Brandão, Freamunde - Oliveirense (em Paços Ferreira), Lamego - Régua, Leça - Valonguense, Sanjoanense - Avanca e Vilanovense - Leverense. Série C: Alcains -Vildemoinhos, Anadia - Naval, Mofelos - Ançã, Vilanovense - Tocha, Acuredе -Guarda, Quiaios - Gouveia, Febres - Tondela e Mangualde -Viseu Benfica Série D: Alcobaça - Nazarenos, Mirense - Desp. Castelo Branco, Matrena - Bombarralense, Torres Novas - Cartaxo, Marrazes - Nisa Benfica, Amiense - Alcanenense, Rio MAior - Eléctrico e Benfica Castelo Branco - Campomaiorense. Série E: Lusitânia - Alverca (15 horas dos Açores), SL Olivais -Estrela da Amadora, U. Funchal - Pêro Pinheiro (no Estádio dos Barreiros), Estrela de Vendas Novas - Bucelenses, Desp. Olivais - Alcochetense (em Sacavém), Loures - V. Lisboa, Casa Pia - Sintrense e Unidos - Oriental.

PORÉM LUÍS HOJE EM ROMA

Porém Luís é o árbitro do jogo particular Itália - Roma, que hoje se efectua na capital italiana. Como auxiliares estarão César Correia e Inácio de Almeida.

SETÚBAL: RENUNCIA E CONTRATAÇÕES

O Vitória de Setúbal abdicou co concurso do belenense Eurico (que estava apalavrado pelos sadinos) contratando o guarda-redes Amaral (Marítimo) e o avançado Dário (Juventude de Évora).

BOAVISTA: LINO PRETENDIDO

Em face da renúncia de Hagan em continuar no Bessa, o Boavista estabelece contactos com o técnico Mário Lino.

HERÉDIA CUMPRE

José Luis Herédia, o avançado argentino ao serviço do Barcelona que já jogou no Futebol Clube do Porto, chegou ao Santuário da Virgem de Montserrat, padroeira da Catalunha, após uma caminhada de 13 horas e meia. Heredia tinha prometido a peregrinação se Ingrid Krankl, esposa do austríaco Johan Krankl (seu companheiro de equipa no Barcelona), se salvasse depois do grave acidente de viação de que foi vítima.

O santuário da Virgem Morena está instalado numa montanha a cerca de 60 quilómetros de Barcelona.

VIOLÊNCIA BRITÂNICA

Um jovem foi morto e outro ficou gravemente ferido durante tumultos provocados esta madrugada por adeptos escoceses no comboio expresso Glasgow-Londres.

O jovem (John Murray, de 20 anos) foi apunhalado ao pretender socorrer uma rapariga, que estava a ser atacada por outros adeptos da selecção da Escócia, que defronta hoje a da Inglaterra, em Wembley, na última partida do campeonato britânico de futebol

PAPA RECEBE JOGADORES

O Papa João Paulo II, recebeu em audiência as selecções de futebol da Argentina e da Itália, que, hoje à noite, se defrontam em jogo particular no Estádio Olímpico de Roma.

Por ausência de Pavic na Jugoslávia (foi ao funeral de um sobrinho) Rodrigues Dias dirige hoje o Sporting, perante o Belenenses

O «capitão» da selecção da Argentina, Daniel Pasarella, entregou a João Paulo II uma réplica em prata da taça conquistada no último mundial de futebol.

ANDEBOL

Nas Antas o grande embate

Nas jornadas inaugurais da segunda volta do campeonato nacional de andebol de sete, o Sporting e o Belenenses, vão ter um fim-de-semana de tréguas, depois dos esforços que, há 8 dias tiveram que desenvolver, quando os «leões» foram sujeitos a extenuante actividade para vencerem tangencialmente o Benfica e os «azuis» não conseguiram evitar uma derrota (imprevistamente expressiva) também na Luz.

Os próximos adversários do Belenenses e do Sporting (S. Mamede e Maia) não têm realmente «estofo» para apoquentar os lisboetas nos seus redutos. Uma aplicação a pouco mais de meio gás já chega, embora nunca confiando demasiado.

Na sua segunda viagem ao Norte, o Benfica, vai deparar com muito mais problemas do que da primeira vez, em que dominou maiatos e mamedenses. Hoje nas Antas, os «encarnados» vão ter que actuar na plenitude dos seus recursos físicos e técnicos para ombrearem com o F. C. do Porto, à partida favorito (já venceu na Luz) mas de qualquer modo encarando com muito respeito a oposição dos lisboetas. A recordação da clara vitória dos «águias» frente ao Belenenses é para meditar...

Em Aveiro, na luta com o S. Bernardo, o Benfica, tem que usar de alguns cuidados para vencer no mesmo recinto o Passos Manuel tem um ensejo de vitoria (como aliás também têm os aveirenses) e, mais ao Norte, face ao F. C. do Porto, já os «estudantes» não dispõem de possibilidades para supreender os «azuis e brancos». No resumo da jornada: os três primeiros (com o Sporting ainda invicto e Belenenses e Porto com duas derrotas) «mais primeiros» ficarão.

Encontros de hoje: Sporting-S. Mamede (18 e 15), Belenenses-Maia (21 e 30), S. Bernardo-Passos Manuel (21 e 30) e F. C. do Porto-Benfica (21 e 30). Amanhã: Belenenses-S. Mamede (16 e 30), Sporting-Maia (18), F. C. do Porto-Passos Manuel (17 e 30) e S Bernardo-Benfica (18).

Hoje é o «Dia do Andebol Nacional». A efeméride, numa organização conjunta da Federação de Andebol e da Direcção-Geral dos Desportos, é comemorada em 17 distritos, movimentando milhares de praticantes mais jovens, divididos pelos escalões de infantis, iniciados, juvenis e juniores.

VOLEIBOL

Na Luz vai fazer-se luz

Hoje e amanhã disputam-se as derradeiras jornadas, do campeonato nacional da 1.ª divisão de voleibol. O Leixões e o Porto estão empatados no comando e se assim ficarem os matosinhenses conquistarão o título pelo melhor número de «sets» vencidos, já que as duas equipas contam apenas uma derrota nos desafios que entre si disputaram.

Os matosinhenses gente habituada a enfrentar a dureza de algumas situações, clube endividado até às dezasseis mil notas de conto (não por causa do «amadorissimo» voleibol) vão sofrer até ao fim para tentarem conseguir materializar a aspiração do título de posse do F. C. do Porto. O capricho do sorteio reservou para a hábil e valorosa equipa do Leixões um fim de prova arrasante após o embate nas Antas, onde sofreu a única derrota por 2-3 (na 1.ª volta tinha vencido por 3-1) tem «apenas» que vencer em Lisboa o Técnico e o Benfica que são, depois daqueles grupos nortenhos, os mais bem classificados.

Tarefa extremamente difícil a que espera o Leixões, mas o pundonor que o «seis» tem revelado. Aliado à efectiva capacidade técnico-física dos seus jogadores é de ter em conta.Espera-se que tanto o «campeonissimo» técnico como o «jejuante» (em títulos nacionais masculinos de seniores) Benfica, não estraguem a vida ao Leixões. A despeito das dificuldades que irá encontrar, o Leixões (porque, efectivamente, está em melhor momento do que os seus adversários do Sul) tem valor para triunfar na luta pelo ceptro nacional.

O Porto, por sua vez, tem a tarefa facilitada, ao defrontar os últimos classificados. O «seis» portista estará muito mais interessado no que se passar no Sul do que propriamente nos seus jogos, que pode vencer fácilmente.

Teremos hoje: Benfica-Espinho (18), Técnico-Leixões (19), F. C. Porto-L. Ginásio (22) e Esmoriz-N. Ginástica (21 e 30). Amanhã: Técnico-Sp. Espinho (16), Esmoriz-L. Ginásio (16), F. C. Porto-N. Ginástica (15 e 30) e Benfica-Leixões (17).

Coutinho apresenta novo "escrete canarinho"

O treinador Cláudio Coutinho entregou à Confederação Brasileira dos Desportos a lista dos quarenta jogadores convocados para os trabalhos de preparação da selecção brasileira com vista ao mundial de 1982, na Espanha.

Os futebolistas agora escolhidos ficam na dependência da CBD e serão integrados na selecção sempre que a Comissão Técnica assim o entenda. Esta medida é uma das mais recentes decisões tomadas pela CBD para não deixar prevalecer os interesses dos clubes sobre os da selecção.

Os jogadores convocados por Coutinho são os seguintes:

Guarda-redes: Leão, Carlos e João Leite.

Defesas laterais: Toninho, Mauro, Junior, Odirlei, Pedrinho, Miranda, e Marco António.

Centrais: Oscar, Amaral, Edinho, Polozi, Abel, Rodineli e André.

Centro-campistas: Carpegiani, Falcão, Batista, Cerezo, Zenin, Adilio e Guima.

Extremos: Nilton Batata, Ataliba, João Paulo, Joãozinho (Cruzeiro), Júlio Cesar, Joãozinho (Santa Cruz) e Eder.

Avançados: Zico, Careca, Renato, Sérginho, Sócrates, Jort Mendonça, Juari, Roberto e Reinaldo.

Entretanto, Cláudio Coutinho pensa que o Brasil, venceria a Argentina se as duas equipas se defrontassem agora. Recorda-se que no último Mundial, o Brasil e a Argentina empataram a zero golos.

Os comentários de Coutinho foram feitos depois de ter seguido pela Televisão o desafio entre argentinos e holandeses, disputado na passada 3.ª feira.

Para o treinador do Flamengo e do «Escrete», a equipa argentina tem agora uma qualidade que não possuia há um ano: segurança na marcação dos adversários. Durante o campeonato do ano passado,os argentinos deixavam aos adversários toda a liberdade de acção.

Na sua opinião, a equipa argentina mostrou-se superior à Holanda em técnica individual: «a equipa de Menotti realizou jogadas de boa qualidade., especialmente quando nelas intervinha Passarella mas o jogador argentino continua a agarrar-se demasiado à bola e depois perde-a».

Analisando o comportamento dos holandeses, Cláudio Coutinho assinalou que a equipa continua a perfilhar o esquema que entusiasmou os especialistas em 1974: trocas de posiçao muito rápidas com uma rotação constante dos jogadores em campo, táctica que nenhuma outra selecção está em condições de executar com tanta perfeição como os holandeses.

O defeito está no facto de os holandeses não terem ainda conseguido superar a saída de algumas «estrelas».

Para além disso, Coutinho referiu que os futebolistas holandeses não se coibem de fazer faltas e se necessário praticam-nas logo a meio campo, antes de deixar que as jogadas adversárias levem a bola mais perto da sua baliza.

A terminar, o treinador do «escrete canarinho» reafirmou que neste momento o Brasil está em condições de vencer a Argentina. Aliás, disse, a vitória poderia ter surgido durante o Mundial «se tivessemos tido mais coragem no ataque».

MODALIDADES EM DESFILE

CICLISMO

O italiano Giuseppe Saronni venceu a oitava etapa da «Volta à Itália» em bicicleta, disputada no sistema de contra-relógio individual, entre Rimini e São Marino, e arrebatou a «camisola rosa» ao seu compatriota Francesco Moser.

No «Dauphin e Libere», Agostinho encontra-se em 18.º lugar, a sete minutos e 14 segundos do «leader» (o francês Hinault).

JUDO E KARATE

Mais de uma centena de praticantes, portugueses e espanhóis, em representação de 14 clubes, participam nos torneios de Judo e Karaté que vão decorrer durante este fim-de-semana, no Hotel Dom Pedro, em Vilamoura. O torneio de judo, organizado pelo Sport Faro e Benfica, conta com a participação de 25 judocas espanhóis, do Clube Juji Japaon, de Huelva. A organização da prova de Karaté coube à União de Karaté do Algarve, encontrando-se inscritos 35 praticantes, entre os quais algumas senhoras.

PATINAGEM ARTÍSTICA

A escola de patinagem artística do Grupo Desportivo da TAP exibe-se hoje no Pavilhão Gimnodesportivo de Faro, num espectáculo integrado nas comemorações do Ano Internacional da Criança. A exibição é promovida pela delegação de Faro do Grupo Desportivo da TAP, com o patrocínio da Associação Portuguesa de Patinagem e da Direcção-Geral dos Desportos.

BASQUETEBOL

Porto ou Benfica?

Com o Sporting fora da luta pelo título, devido à decisão do Conselho Técnico da Federação que julgou improcedente o seu protesto do jogo com o FC do Porto, restam a turma das Antas e a do Benfica como únicas candidatas ao ceptro de campeão nacional de basquetebol da presente temporada.

Parece-nos ser muito menos inquietante a tarefa do FC do Porto, do ponto em que tem os seus dois últimos jogos (Ginásio e Benfica) no pavilhão das Antas, enquanto, os «encarnados» jogam em Sangalhos e nas Antas, portanto com pre, a acontecer, arrumaria com as pretensões do Benfica (que somaria três derrotas). Claro que nesta perspectiva o FC do Porto, (com uma derrota) teria que vencer o Ginásio depois até podia perder com o Benfica.

Afigura-se-nos, no entanto, que portistas e lisboetas vencerão os seus adversários de hoje: para amanhã, no último jogo do campeonato, o seu embate se revestir de transcendente importância para a conquista do título. Pode ainda pôr-se a hipótese de derrota do Porto perante o Ginásio (no que não cremos) e a vitória do Benfica em Sangalhos (as duas equipas ficariam empatadas): então, o Porto para ser campeão teria que bater o Benfica por uma diferença de oito pontos (81-74 na Luz) enquanto os «encarnados» necessitariam apenas de perder por menos de sete para se tornarem campeões. Não há dúvida nenhuma de que este campeonato é dos mais emotivos de sempre.

O Sporting, afastado do título, será vice-campeão desde que triunfe hoje no Barreiro (normalmente os «leões ganham) partindo da permissa que o Benfica não conseguirá vencer o Porto, nas Antas. É que, as turmas leoninas e «encarnada» ficariam com três derrotas cada e os «verde-brancos» em superioridade no «cesto-average», iriam para o segundo lugar.

Os jogos de hoje: FC Porto -Ginásio (18), Sangalhos - Benfica (21) e Barreirense - Sporting (21e30).Amanhã: FC Porto - Benfica e Sangalhos - Ginásio, ambos às 17 e 30 (e termina o campeonato estes dois desafios).

O grupo B da 1.ª divisão está também muito complicado. Nada menos de quatro equipas (Oriental, CAC, Conimbricense e Algés) vivem o espectro da descida de divisão, pois qualquer delas não está livre de ficar no penúltimo lugar. Ultimo já há (CDUP) e, portanto, despromovido. Do grupo de seis, só o Atlético deixou de ter preocupações de despromoção. A jornada de hoje já pode adiantar alguma coisa, mas só na derradeira «ronda» (amanhã) é que se define o penúltimo posto e algumas contas de «cesto-average» vai ser indispensavel fazer.

Jogos para hoje: Oriental -CAC (21), Algés - Conimbricense (21 e 30) e CDUP ; Atlético (21 e 30). Amanhã: Oriental -Conimbricense e Algés - Cac, ambos às 17 e 30.

A. Abel.

Quinzena de educação especial

Mais de meio milhar de crianças deficientes participarão, no dia 29 do corrente, numa movimentação desportiva, no Estadio Universitário do Porto.

E a primeira vez que se realiza em Portugal uma jornada desta natureza. A iniciativa pertence ao Centro de Educação Especial do Porto e integra-se na «Quinzena de Educação Especial», no âmbito das comemoraçoes do «Ano Internacional da Criança».

Uma exposiçao de trabalhos, fotografias, quadros e gráficos, e material especializado sobre a educaçao de crianças a cargo do CEEOP, a primeira também que se faz no país, estará patente ao público no Palacio da Condessa de Lobão, à Avenida da Boavista, de hoje até 9 de Junho.

O dr. Aníbal Costa

Hóquei europeu hoje em Lisboa

O encontro entre as equipas portuguesas do Benfica e do Oeiras domina em interesse e dúvida os demais confrontos dos quartos de final das competições europeias de hóquei em patins, que se disputam hoje.

O jogo refere-se à Taça dos Vencedores das Taças e no embate da primeira «mão», disputado no seu rinque, o Oeiras venceu por 3-1, margem que não é de maneira nenhuma confortável para a disputa que, logo, certamente, fará esgotar o Pavilhão da Luz.

Ambas as equipas se apresentarão desfalcadas. O Benfica sem Piruças (castigado pela Federação Internacional) e o Oeiras sem Carvalho (lesionado durante o encontro com o Infante de Sagres, a contar para a segunda jornada do campeonato nacional).

Talvez os visitantes sintam mais a ausência de Carvalho, titular habitual do Oeiras, do que o Benfica sentirá o castigo de Piruças, jogador normalmente utilizado por Torcato Ferreira para substituir Virgílio ou Jorge Vicente.

De qualquer das formas, os dois golos que separam as duas equipas deixam em aberto todas as dúvidas quanto à passagem às meias-finais da competição, de que os oeirenses são detentores há dois anos consecutivos.

Na Taça dos Campeões Europeus, o representante português, o Sporting, recebe um Alvalade os holandeses do Lichstaad e o empate a dois golos verificado no confronto da primeira 'mão' faz pender para o lado dos «leões» todo o favoritismo que resulta da diferença de categoria a separar o hóquei dos dois países.

Mesmo levando em conta que o campeão nacional atravessa uma fase de nítido desacerto, como o demonstra os resultados das três primeiras jornadas do campeonato nacional, não é de admitir que o Sporting se deixe surpreender por uma equipa que, por muito mal que os portugueses actuem, lhe será sempre inferior.

Entretanto, vejam-se os resultados verificados nos jogos da primeira 'mão' das duas competições:

Taça dos Campeões Europeus: Sunday's (Bélgica) -Rollsport (Suíça) 9-1; Lichstaad (Holanda) - Sporting (Portugal) 2-2; Barcelona (Espanha) - La Vendeene (França) 7-4; Réus (Espanha) - Remscheid (Alemanha) 11-0.

Taça dos Vencedores das Taças: Voltrega (Espanha) -Montreux (Suíça) 6-2; Amatori (Itália) - Coutras (França) 8-1; Roltleven (Bélgica) - Duivesteyn (Holanda) 4-4; Oeiras (Portugal) - Benfica (Portugal), 3-1.

Os dois encontros de Lisboa principiam às 21.30

Medicina desportiva: Aníbal Costa distinguido

Aníbal Silva e Costa foi eleito por unanimidade para o cargo de presidente do «Bureau» do grupo latino de Medicina Desportiva nas eleições realizadas durante os trabalhos do «XII Congresso do Grupo», a decorrer em Lisboa. Outro português, Marcos Barroco, foi escolhido para ocupar um dos oito cargos da vice-presidência do «Bureau».

Fontes ligadas ao congresso salientaram a importância da eleição de Aníbal Costa sobretudo pelo que ela representa de reconhecimento pelo labor desenvolvido pela Sociedade Portuguesa de Medicina Desportiva, de que aquele médico é presidente.

De acordo com as eleições, o «Bureau» terá a seguinte direcção para o biénio 1979/81:

Presidente: Aníbal Silva e Costa (Portugal); vice-presidentes: J. Cabot (Espanha), F. Silvij (Itália), Legros (Bélgica), P. Krieg (Suíça), Berlogea (Roménia), Marcos Barroco (Portugal), Felten (Luxemburgo) e Niquet (França); Tesoureiro: Lederer (França); Secretário: Delezenne (França). O professor Commandre, até agora presidente do «Bureau», foi eleito secretário do Grupo Latino.

Entretanto, candidataram-se à organização do «XIII Congresso», a efectuar em 1981, a Roménia e Chipre. O «Bureau» recém-eleito estudará agora as candidaturas.

Mónaco: Villeneuve bate "record" de Lauda

O canadiano Giles Villeneuve, com o seu «ferrari», conseguiu o melhor tempo no primeiro treino oficial do «37.º Grande Prémio do Mónaco de Formula um» sétima prova pontuável para o campeonato mundial de condutores, que se disputa amanhã.

A Villeneuve foi cronometrado o tempo de 1 minuto, 26 segundos e 91 centésimos, a uma velocidade média de 137.190 quilómetros hora, estabelecendo um novo «record» do circuito ao baixar em quase dois segundos a marca que Niki Lauda estabelecera o ano passado.

O sul-africano Jody Sheckter obteve o segundo melhor tempo com 1.27.35, pelo que os «Ferraris» conseguiram os dois primeiros lugares no treino, se bem que quanto à grelha de partida a respectiva colocação só seja conhecida depois do segundo treino oficial, esta tarde.

Classificação do treino de ontem: 1 – Gilles Villeneuve, Canadá, Ferrari T4 1.26,91; 2 – Jody Scheckter, A. Sul, Ferrari T4, 1.27,35; 3 – Niki Lauda, Áustria, Brabham-Alfa Bt 48, 1.28,32; 4 – Clay Regazzoni, Suíça, Williamns FW07, 1.28,48; 5 – Emerson Fittipaldi, Brasil, Copersucar F5A, 1.28,49; 6 – Jean-Pierre Jarier, França, Tyrrell 009, 1.28,62; 7 – Patrick Depailler, França, Ligier JS 11, 1.28,69; 8 – James Hunt, Inglaterra, Wolf, 1.28,84; 9 – John Watson, Inglaterra, Mclaren M28C, 1.28,89; 10 – Didier Pironi, França, Tyrrell 009, 1.28,99; 11 – Carlos Reutemann, Argentina, Lotus 79, 1.29,08; 12 – Mário Andretti, Estados Unidos, Lotus 80, 1.29,23; 13 – Rene Earnoux, França, Renault RS1, 1.29,41; 14 – Jochen Mass, Alemanha Federal, Ajrows LA1B, 1.29,41; 15 – Nelsof Piquet, Brasil, Brabham-Alfa BT48, 1.29,53; 16 – Ricardo Patrese, Itália, Arrows AIB, 1.29,56; 17.ºs – Jacques Laffite, França, Ligier JS11, 1.29,83 e Élio de Angelis, Itália, Shadow DN9B, 1.29,83; 19 – Jean-Pierre Jabquille, França, Renault RS11, 1.29,87; 20 – Hans Stuck, Alemanha Federal, ATS D1 1.29,89.

PETRONILHO: «VOLANTE» ECONÓMICO

O jornalista Fernando Petronilho (do «Correio da Manhã» e de «Auto-Sport») obteve «exaequo» com mais três jornalistas estrangeiros, o primeiro lugar na prova «Mobil Fiat Economy Run», disputada na cidade italiana de Trevi, e em que participaram 48 profissionais de informação de 13 países. Outros dois jornalistas portugueses, Pedro Roriz e José Pinto conseguiram, respectivamente, as segunda e terceira posições, «exaequo» com mais três e dois concorrentes.1 Os portugueses participaram no modelo diesel (havia um outro para gasolina) e a prova constituiu em percorrer 100 quilómetros no menor espaço de tempo, e com o menor consumo, em estrada normal e aberta ao público.

Fernando Petronilho percorreu o trajecto à média de 73,371 quilómetros e gastou 6,452 litros aos cem. Pedro Roriz fez a média de 70,770 quilómetros e 6,349 litros e José Pinto 68,323 quilómetros e 6,109 litros. A média geral dos participantes foi de 71,534 quilómetros para um consumo de 6,609 litros de diesel aos cem.

Hoje e amanhã

LUTAS AMADORAS: Realizam-se hoje provas do Campeonato Nacional de Equipas, que decorrerá no Liceu Pedro Nunes, a partir das 15.30.

ATLETISMO: Disputa-se este fim-de-semana o Campeonato Nacional de Juvenis que terá lugar no Estádio do Fontelo em Viseu, (masculinos) e Pista do CDUP, no Porto (femininos).

TÉNIS DE MESA: Começa hoje a disputar-se no Pavilhão de Cristal do Porto, o Campeonato Mundial de Trabalhadores.

Associação de Atletismo: imbróglio com os "Ases"

A Associação de Atletismo de Lisboa (AAL) considera que nunca proibiu os Ases das Avenidas de inscrever os seus atletas, bastando para tal que as fichas dos mesmos sejam integralmente preenchidas – afirmou, ontem, o presidente daquele organismo, Mário Paiva, no decorrer de uma reunião entre o respectivo executivo e a Imprensa.

O órgão gestor do atletismo lisboeta convocou os Órgãos de Comunicação Social para esclarecer vários aspectos relacionados com o «Caso-Ases das Avenidas», cujos atletas não têm participado em provas devido ao facto do clube não querer mencionar nas fichas de inscrição a morada e o número de telefone (se o tiverem) dos praticantes.

Pais de atletas de os Ases das Avenidas apresentaram-se na Associação pouco antes do início da reunião, fazendo questão de assistir à mesma, no que não foram impedidos.

Mário Paiva começou por salientar que, no dia 26 de Outubro de 1978, a AAL enviou uma circular (número 27/78) aos clubes, informando-os de que a ficha de inscrição devia ser completamente preenchida, seguindo o modelo da Federação Portuguesa de Atletismo (FPA).

Recorrendo aos estatutos da Associação, aquele dirigente lembrou que é obrigação dos clubes acatar e fazer cumprir as resoluções da assembleia-geral e da direcção da AAL e, desde logo, a mencionada circular, **pois os estatutos foram feitos pelos próprios clubes.**

Para a AAL, a atitude de os Ases das Avenidas é, no mínimo, «estranha», até porque, segundo disse, em Novembro de 1978 procedeu à inscrição de uma atleta que se transferira de outro clube, cumprindo todos os requisitos exigidos pela regulamentação.

Reforçando a sua razão, os dirigentes da AAL afirmaram que consultaram as Associações de basquetebol, futebol, hoquéi em patins, andebol e ginástica, entre outras, constatando que todas fazem a mesma exigência quanto à inscrição dos respectivos praticantes.

O problema não é criado por os Ases das Avenidas mas, sim, por Guilherme de Sá Viana, sendo ele que assina todas as cartas enviadas pelo clube à Associação, acrescentou Mário Paiva que, lendo algumas dessas cartas, chamou a atenção para a linguagem **pouco correcta** do autor.

Foi também afirmado que nas outras duas modalidades praticadas pelo clube, o futebol e o basquetebol, nunca os Ases das Avenidas puseram qualquer problema semelhante, o que (juntou o presidente associativo) **mais me leva a crer tratar-se, apenas, da teimosia de um homem.**

Segundo declarou Mário Paiva, não é de agora a «teimosia» de Guilherme de Sá Viana. **Em anteriores situações** (disse) **ele tem afirmado que, ou resolvemos as coisas como os Ases das Avenidas querem ou, então, não entram em prova, prejudicando unicamente os atletas que, nessas alturas, não se mostra tão interessado em defender.**

O presidente da AAL contestou, depois, as afirmações do dirigente em questão à «Record», provando com a leitura de várias cartas e circulares que as mesmas pecam por «Falsas», ressalvando, porém, que o clube não será punido nas conclusões do processo disciplinar, mas que **iremos tomar uma posição em relação ao dirigente.**

Lembrando que Guilherme de Sá Viana chegou a pôr uma atleta inscrita pelo Sporting a correr pelos Ases das Avenidas, Mário Paiva fez notar que os clubes não precisam de saber as moradas dos atletas para os aliciarem, pois mais facilmente contactam com eles nas pistas e não poderia aceitar provas de desconfiança como a que emana deste contencioso.

Por fim, o presidente da AAL interrogou: **e agora que o acordão do Conselho Jurisdicional não dá razão ao Ases das Avenidas, vai o senhor Sá Viana continuar a impedir os atletas de competirem?**

Pub

FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS DO JACINTO, SARL

COMUNICADO

A LUTA DOS TRABALHADORES DA "JACINTO" E AS MENTIRAS DOS PATRÕES SRS. JORGE MARINHO E ENG. MANUEL PESSANHA

1 — Contrariamente ao afirmado pela Administração nos jornais de 22 de Maio de 1979, os trabalhadores viram-se obrigados, em 7 de Maio de 1975, a assumir a gestão da empresa, perante a incapacidade da Administração de manter a laboração, uma vez que já vários sectores se encontravam parados por falta de matérias-primas e os salários se encontravam em atraso. A própria Administração reconheceu a sua incapacidade numa das inúmeras reuniões havidas na Delegação do Porto do Ministério do Trabalho presença dos representantes dos trabalhadores.

2 — A autogestão seguiu-se em 22 de Julho de 1976 a interven Estado. Com o esforço dos trabalhadores e uma gestão que tinha em interesses da empresa e dos trabalhadores os prejuízos anuais pas cerca de 140.000 contos em 1974 para apenas cerca de 5.000 c 1978.

Apesar da diminuição natural do número de trabalhadores (uns a ram melhores empregos e outros atingiram a idade da reforma) a pr mateve-se idêntica, enquanto a produtividade (produção por hora) au bastante, o que permitiu recuperar a empresa e torná-la tão cobiçad patrões.

3 — É perfeitamente ridículo que a Administração venha atribuir c aos trabalhadores dos 30 teares estarem inativos e encaixotados, quan verdade é que esses teares chegaram à Jacinto em Junho de 1974 (dat que deviam ser pagos) e a Administração esteve na empresa mais de J meses (até Maio de 1975) e não os pagou.

O contrato da compra dos teares está feito em francos suíços razão por que em 1974 faltavam pagar 12000 contos (e não 9.000) quando neste momento terão de ser pagos cerca de 65.000 contos (incluindo os encargos financeiros), não tendo culpa os trabalhadores que o franco suíço passasse de 8.00 em 1974 para 28.00 em 1979.

4 — É já longa a luta dos trabalhadores da Jacinto pela defesa dos seus postos de trabalho, pelo pagamento dos salários e pela aplicação da Portaria de Regulamentação de Trabalho.

5 — Durante a intervenção do Estado os trabalhadores sempre defenderam a reestruturação da Jacinto e a sua transformação em empresa de Capitais mistos, lutando contra a desintervenção que não tivesse em conta as propostas dos trabalhadores, merecendo especial destaque a **Concentração de Trabalhadores da Jacinto junto do Ministério do Trabalho no dia 27 de Abril de 1979.**

6 — O Ministério da Indústria e Tecnologia e o Governo Mota Pinto na defesa dos interesses dos patrões sem ter em conta a posição e interesses dos trabalhadores, da Banca nacionalizada e do Estado decidiram desintervencionar a Jacinto e entregá-la aos patrões.

7 — A entrada do patrão Jorge Marinho na empresa fez-se no passado dia 2 de Maio sem qualquer incidente com os trabalhadores.

Mas nesse mesmo dia entrou também nas instalações da Piedade a polícia privada FIDÉLIS e nos dias seguintes o provocador Freitas (ex-funcionário da Riopele) e o anterior elemento da Comissão Administrativa nomeada pelo Estado — Eng.º Costa Reis.

8 — Os representantes dos trabalhadores reuniram, a seu pedido, com a Administração para esclarecimento da situação e garantia dos direitos adquiridos pelos trabalhadores.

O patrão Jorge Marinho recusou-se a aceitar a primeira questão prévia do caderno reivindicativo que consistia «na saída imediata das instalações de todos os elementos estranhos à mesma» o que originou a realização dum plenário geral de trabalhadores que se manteve dois dias. É falso que a Administratação afirme que houve imposição das exigências do caderno reivindicativo pois o mesmo não chegou a ser negociado entre as partes.

9 — No primeiro dia, a pedido dos trabalhadores, a Administração manteve-se em reunião com os representantes dos trabalhadores até cerca da 1 hora da manhã, altura em que disse querer abandonar as negociações tendo prometido que no dia seguinte estaria na Empresa para prosseguir a reunião, o que não fez.

10 — Os representantes dos trabalhadores acompanharam o Sr. Jorge Marinho até junto do Comissário da polícia que se encontrava junto das instalações da empresa tendo o Sr. Jorge Marinho afirmado, em conjunto com os representantes dos trabalhadores, não haver qualquer razão para a polícia estar ali, pelo que esta se foi embora, o que prova ser falsa, caluniosa e provocatória a afirmação do sequestro à pessoa do Sr. Jorge Marinho.

11 — No dia seguinte os trabalhadores conseguiram convence elementos da FIDÉLIS a abandonar as instalações da empresa sem qu violência, tendo depois disso os trabalhadores retomado a laboraçã da empresa, o que não foi alterado desde então. Entretanto o Marinho tem continuado a ir todos os dias sozinho à empresa.

12 — Os representantes dos trabalhadores têm continuad prosseguimento das negociações de acordo com as posições defen trabalhadores da Jacinto.

13 — Os trabalhadores da Jacinto continuam a trabalhar nor mantendo-se unidos e firmes na defesa dos seus postos d salários e de todos os direitos adquiridos.

CONTRA A POLÍCIA PRIVADA DOS PATRÕES!
PELA DEFESA DOS POSTOS DE TRABALHO!
PELA DEFESA DOS DIREITOS ADQUIRIDOS!
UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Porto, [illegible] de 1979.

Comissão Sindical
Comissão de Trabalhadores
Sindicato dos Trabalhadores das Ind. Eléctricas do N
Sindicato das Indústrias Metalúrgicas do Distrito do Por
Sindicato dos Trabalhadores Têxteis dos Distritos do Porto e Aveiro
Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Construção Civil, Madeiras, Mármores e Pedreiras do Distrito do Porto
Sindicato dos Trabalhadores de Armazém do Norte
Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito do Porto
Sindicato dos Técnicos de Desenho
Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito do Porto

Pub

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDUSTRIAS DE CERAMICA, E SIMILARES DO DISTRITO DO PORTO

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA VIDREIRA ZONA NORTE

MOÇÃO

Delegados Sindicais Cerâmicos e Vidreiros (Zona Norte), reunidos em Plenário, nas instalações do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira — Zona Norte, após terem analisado e discutido o Projecto-Lei 230/1, apresentado pelo Grupo Parlamentar do Partido Socialista à Assembleia da República, decidiram:

1 — Repudiar energicamente o teor daquele Projecto-Lei, pelo carácter inconstitucional e antidemocrático de que se reveste, pela tentativa de dificultar a vida e espartilhar o Movimento Sindical Unitário, concedendo aos divisionistas formas legais de existência que os trabalhadores sempre lhes têm negado, e

2— pelo grave atentado que representa para as conquistas e regalias já alcançadas pelos trabalhadores, entre elas o retirar a participação directa destes nas actividades dos seus Sindicatos, como uma das muitas acções já ensaiadas para a liquidação das mais importante conquistas da nossa Revolução.

Afirmam que se encontram dispostos a defender intransigentemente as Liberdades Sindicais e a Independência do Movimento Sindical, por todas as formas que posteriormente se venham a determinar como necessárias.

NÃO ÀS MANOBRAS DIVISIONISTAS.
VIVA O MOVIMENTO SINDICAL UNITÁRIO.
VIVA A UNIDADE DOS TRABALHADORES.
UNIDOS VENCEREMOS.
Porto, 24/5/79
O PLENÁRIO DOS DELEGADOS SINDICAIS CERÂMICOS E VIDREIROS (ZONA NORTE)

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava encoberto nas regiões a norte do Tejo chovia em alguns locais e muito nublado a sul do Tejo o vento soprava em geral fraco do quadrante Oeste.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	12°
BRAGANÇA	9°
VILA REAL	11°
PORTO	13°
P. DOURADAS	4°
COIMBRA	14°
CABO CARVOEIRO	–
PORTALEGRE	10°
LISBOA	15°
ÉVORA	14°
SINES	16°
BEJA	14°
SAGRES	15°
FARO	17°
PONTA DELGADA	–
FUNCHAL	19°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.09	4,0 m	8.42	0,9 m
15.29	4,1 m	21.07	0,9 m
Dia 27			
3.51	3,9 m	9.18	0,9 m
16.09	4,0 m	21.45	0,9 m
Dia 28			
4.31	3,8 m	9.54	1,0 m
16.48	3,9 m	22.22	1,0 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Nas regiões do Norte e centro: céu geralmente muito nublado; vento fraco a moderado do quadrante Oeste; possibilidade de chuva fraca ou chuvisco nas regiões do Norte; neblinas ou nevoeiros matinais. Nas regiões do Sul: céu pouco nublado, temporariamente muito nublado;

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.16
OCASO ÀS 20.52

DIA 26	DIA 2	DIA 10	DIA 17

Jornadas de Portugal no México

O Centro Português do México promoveu este mês na cidade mexicana de Monterrey, as Jornadas de Portugal.

O programa foi fundamentalmente constituído por conferências pelo embaixador de Portugal, José Fernandes Fafe, na Universidade Regiomontana, subordinadas aos temas «A modernidade na poesia portuguesa» e «O problema português».

As jornadas incluiram outras actividades tais como visitas ao governador do Estado, presidente da câmara, e várias unidades industriais e um almoço com personalidades ligadas ao sector da economia da cidade de Monterrey, que constitui um dos mais importantes centros industriais do país.

Iniciou-se o XII Congresso do Grupo Latino de Medicina Desportiva

O XII Congresso do Grupo Latino de Medicina Desportiva iniciou-se, ontem, sob a iniciativa da Sociedade Portuguesa de Medicina Desportiva.

O discurso proferido pelo ministro da Educação e Investigação Científica salientou o contributo poderoso e original que a medicina desportiva veio trazer ao conhecimento do homem, como ser que se movimenta, simultaneamente, ao nível do «bios» e do «logos», numa integração conhecida de interdependência condicionadora dos processos psíquicos e da motricidade.

Em 1977, foi criada no Ministério da Educação e Investigação Cientifica a Direcção-Geral do Apoio Médico para assegurar à população estudantil a vigilância medica necessária e aos praticantes de actividades desportivas um acompanhamento médico eficaz. Neste sentido, o Ministério da Educação ficou com a incumbência de prestar apoio médico à escola e ao desporto.

Estas medidas serão postas em prática através de cursos de pós-graduação que proporcionem a formação de novos especialistas e generalizem a informação sobre matérias do foro da medicina desportiva assegurando que todos os médicos tenham dela uma visão correcta.

Alunos do Propedêutico reivindicam alteração da matéria de exame

Os alunos do Propedêutico de Braga vão pedir ao Governo que exclua das novas provas de Julho a matéria contida no primeiro exame.

Este pedido consta de um documento agora tornado público, no qual também se exige que sejam dados esclarecimentos públicos sobre os métodos de avaliação, «sem o que não é possível ilibar da acusação de arbitrariedade na correcção das provas os professores para o efeito destacados».

O documento elaborado pelos estudantes do Propedêutico pede aos órgãos do Poder que tornem viável o recurso gratuito ao sistema de revisão das provas e que alargue para 96 horas, em lugar das 46 actuais, o prazo para entrega das alegações de recurso da revisão de provas.

Os alunos dizem ainda que a matéria do Propedêutico é demasiado extensa e «fundamentalmente orientada para a memorização» e que os textos de apoio vêm elaborados de acordo com um tecnicismo terminológico e que a generalidade dos estudantes não têm acesso.

Lista unitária vence nas eleições para a AE de Direito

A lista unitária, apoiada pela UEC, UDP e UEDS, venceu as eleições para os corpos gerentes da Associação dos estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa, terminando dessa forma o domínio que nos últimos anos se verificara por parte dos jovens sociais-democratas. A lista V venceria por 1109 votos contra 1029 da lista B da JSD, apoiada pelas forças da extrema direita nacionalista. A JS que concorria com a lista A recebeu 106 votos e o PCTP/MRPP recebeu 62 votos ao concorrer com a lista C.

MATRÍCULAS NO ENSINO PRIMÁRIO

Por determinação do Ministério da Educação e Investigação Científica, foi fixado o prazo para as matrículas dos alunos do ensino primário, referentes ao ano lectivo de 1979/80, entre 2 e 12 de Junho.

Para o efeito, devem os encarregados de educação dos candidatos dirigir-se, dentro desse prazo, à escola primária da área da sua residência, a fim de efectuar a respectiva matrícula.

rádio

1.º Programa

17.00: Trajectória, programa da juventude; **19.00**: Música portuguesa; **19.30**: Jornal da noite; **20.00**: Retrospectiva; **20.30**: Eternamente saber; **20.45**: 15 minutos com; **21.15**: Teatro; **21.30**: Tempo de desporto; **22.30**: Forma e conteúdo, quoditiano das artes e das letras; **23.30**: Do Choupal até à Lapa (RDP/Centro); **24.00**: Último jornal; **00.10**: Vida na noite (RDP/Sul).

2.º Programa

17.05: Música sinfónica; **18.10**: Quartetos de cordas; **19.15**: Missa em ré maior, op. 86, de Dvorak; **20.00**: Poemas sinfónicos; **21.15**. Suites para orquestra; **22.00**: Concerto de música antiga realizado no Teatro Municipal de S. Luiz; **22.45**: Concerto em ré menor, de Vivaldi; **23.00**: Intercâmbio musical; **23.40**: Concerto em mi menor, op 64, de Mendelssohn; **00.10**: Cantatas; **01.00**: Fecho.

Rádio Comercial (294m)

17.00: Revista da Imprensa vespertina; **17.03**: Quando o telefone toca; **18.00**: Teatro trágico; **18.15**: Tempo de desporto; **20.00**: Quando o telefone toca; **20.33**: Quando o telefone toca; **21.33**: Hora luterana; **22.00**: Tempo de desporto; **23.30**: Jornal noticioso; **23.45**: Projecção.

Emissão Estereofónica

15.03: Roch em stock; **18.03**: Hora de ponta; **19.00**: Em órbita; **21.03**: Forum.

RÁDIO RENASCENÇA

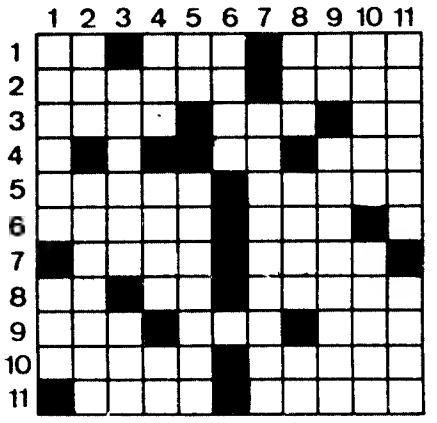
18.08: Apelos; **18.15**: Ao encontro da palavra; **18.30**: Transmissão do terço (Porto); **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **20.54**: Apelos; **21.05**. Pentagrama; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos, **23.30**: No mundo do trabalho; **23.55** Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 12 345

HORIZONTAIS:

1 Antes de Cristo. O sustento. Cobre.
2 Repreensão (fig.). Boatos.
3 Cidade da Holanda. Seguiam. Nota musical.
4 Compaixão (inv.). Coragem.
5 Setecentos e quatro em romano. Velha.
6 Rezara. Pronome pessoal.
7 Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Aquela que depois de morta foi rainha.
8 Nosso Senhor. Batráquio. Aparelhos para tirar água dos poços.
9 Fruto de ateira. Tens (inv.). Genro de Maomé (inv.).
10 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Estima.
11 Cure Planos.



VERTICAIS:

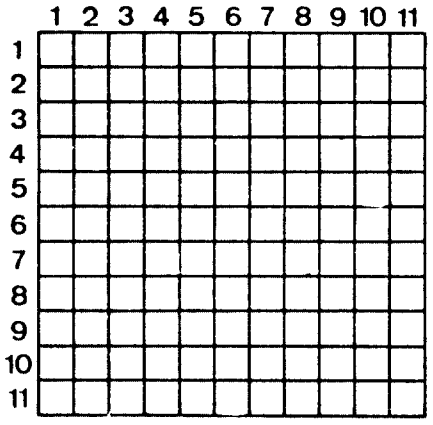
1 Descoberta. Recusa.
2 Designação genérica das plantas herbáceas. Côdeas.
3 Fecham um pouco (os olhos). Membro de ave.
4 Rainha de Portugal. Indignar. Caminhar.
5 Prefixo de privação. Átravessasse.
6 Rio dos Estados Unidos.
7 Prever (o futuro).
8 Possui. Senhor. Miriare.
9 Actínio (s.q.). Costurarias.
10 As regiões polares. Cântico de louvor a Deus.
11 Guarneceram de asas. Apelido.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8 405

HORIZONTAIS:

1 Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Acuda
2 Rio de Itália. Defumara.
3 Língua vernácula indiana. De feitio de ovos.
4 Em as. Gavinha. Duna da Suécia.
5 Porco. Espaço de doze meses. Grupo de três.
6 Em partes iguais. Doutor.
7 Caminharás. Coragem.
8 Coberto
9 Trata por tu Indignaras
10 Nota musical. Fileira. Anel.
11 Aldeia de Itália. Trituras.



VERTICAIS:

1 Indica. Calosidade.
2 Cave. Cremes.
3 Nota musical (inv.) Estrépito de desxmoronamento.
4 Ânsia. Cólera.
5 Dê entrada a. Autores.
6 Afio. Destro.
7 Oco. Guarnecera de asas.
8 Agora. Basta. Oferece.
9 Surgir. Alcorão.
10 Saliente Apelido.
11 Campeão. Aspecto amável (pl).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 344

HORIZONTAIS:
1 OS. ERROS. Sa.
2 Caos. EC DOS.
3 Alsácia. Eca.
4 Rã Ou Ímpar.
5 Moa Ova.
6 Zovo Cia.
7 MÉDICOS. A.
8 Elisa. Ab. AC.
9 Pl Pirata.
10 Aer. Remos
11 Amoroso Alo

VERTICAIS;
1 Ocara. TERRA.
2 Sala.
3 OS. Comilão.
4 Esaú. Vésper.
5 Cómoda. Ro.
6 Rei.
7 Ocaia. Cairo
8 COBRE.
9 Depois. Ama.
10 Socava Atol.
11 Asara. Acaso.

Provérbio: Os erros dos médicos a terra os cobre.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 404

HORIZONTAIS:
1 Martírio. CC.
2 Atuara. Mar.
3 Sem. Aceso.
4 Io. Arrasta
5 Am. Adornais.
6 Mas. Ea.
7 Aroma. Divas
8 Removias. Da.
9 Asa. Cós.
10 Rampas. Ra.
11 Mas Amos.

VERTICAIS:
1 Mas. Amaram.
2 Ateimares.
3 Rumo. Somara
4 Ta. Mo. As.
5 Irradiavam.
6 Rã. Ro. Pa.
7 Arredaram.
8 Canais. Só.
9 Mesa.
10 Castigador.
11 Croas. Sasão

farmácias

Lisboa

Permanente

(Hoje)

TELES, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ZIL**, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **ONILDA**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **AZEVEDO, IRMÃO & VEIGA**, R. Misericórdia, 24 (T. 323540); **SIMÕES**, C. Tojal, 102-A (T. 749649); **ZEMA**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **OURIQUE**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **CENTRAL DE CAMPOLIDE**, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **ESTEFÂNIA**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 44438); **CENTRAL DO LUMIAR**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 790480); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C (T. 880703); **CORREIA**, E. Principal, lote 172 (T. 993148); **CATELA TAVARES**, R Prof. Dr. Augusto A. Lopes, 29-A (T. 915446).

PERMANENTE
(Amanhã)

ARNALI, R. Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **TAPADA**, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); **BELO**, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **PROGRESSO**, E. A-da-Maia, 64-C (T. 702226); **NEOTERÁPIA**, Campo Grande, 138-140 (T. 774682); **FINDOR**, R. D. Maria Pia, 514-516 (T. 687949); **VITALIS**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **JANEIRO**, Av. Álvares Cabral, 96-100 (T. 661453); **ANTUNES ROSAS**, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **SOC. HIGILUX**, R. Pedrouços, 50-52 (T 610280); **ESTÁCIO**, Rossio, 60-63 (T. 327067); **MONSERRATE**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 91139); **PONTINHA**, E. Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

Outra Banda

ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242); **COVA DA PIEDADE: Cerqueira Afonso**, P. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254); **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 84 (T. 2490305); **COSTA DA CAPARICA: Carlos**, Av. d Mar, 34-A, Quinta de St. António; **SESIMBRA: Lopes**, R Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO: Higiénica**, R. D. Manuel I, 178 (T. 2073017). Permanente; **Moderna**, R. D Henriqueta Gomes Araújo, 12 (T. 2073443). Até às 19 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2218580); **AMORA: Julieta Campos**, R. Ribatejo, 2, Cruz de Pau (T. 2210042); **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 24 e das 0 ás 9 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**. Até às 21 horas; **CARCAVELOS: Central**. Até às 22 horas; **Vilar**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE: Alsir**, Av. Gago Coutinho, B. Caixas de Previdência (T. 2472948). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (T. 935518). Permanente; **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (T. 938551). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461); **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669); **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173-B (T. 2914103). Permamente; **RIO DE MOURO: Roimouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T. 2930058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

CAMPOS — Rua Padre Luis Cabral, 943 Foz, Tel. 680113; **ALVES MOREIRA** — Av Rodrigues de Freitas, 167 Tel. 51889; **CLÉRIGOS** — Rua dos Clérigos, 36 Tel. 315394, **CRUZ** —Rua de Costa Cabral, 1082 Tel. 480041; **MONTE DOS BURGOS** — Rua do Monte dos Burgos, 802 Tel. 62279. **ALIANÇA** — Rua da Conceição 2 Tel 24203. **GUARANI** — Rua Pedro Hispano, 367 Tel. 62250. **MENEZES DE LIMA** — Praça Dr Teotónio Pereira, 227 Tel 51764

(De dia e toda a noite)

LIDADOR — Rua do Lidador, 265 Tel 683739; **ESTÁCIO** — Rua Sa da Bandeira, 120 Tel 22664; **BOTELHO** — Rua da Alegria, 863 Tel. 480069; **MAIA** — Rua do Campo Alegre, 192 Tel. 64450.

Coimbra

SILCAR — Rua Ferreira Borges, 88 Tel. 22923; **S. SEBASTIÃO** — Rua António Jardim, Tel 72802.

cinemas e filmes em exibição

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
Sala A: às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 23.45 – N. ac. men. 13 a.
AS 4 PENAS BRANCAS
c/ Robert Powel
Sala B: às 15, 17, 19, 21.45 e 23.45
N. ac. men. 13 a.
O GRANDE ATAQUE AO COMBOIO D'OURO

ALVALADE 897480
Av. de Roma
Às 15.15, 18.15 e 21.15
N. ac men. 13 a.
O HOMEM DA RUA
c/ Shatrughan Sinha, Zaherra, Vikram, Deven Varma e Sujit Kumar

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
Warren Beatty, Julie Christie e James Manson em
O CÉU PODE ESPERAR
Hoje e todos os dias às 23.30 horas
N ac. men. 13 anos
AMERICAN GRAFFITI

AVIS 547163
Av. Duque D'Avila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
Grupo B — 10 anos
A sua vida dependia das unicas palavras que não queria pronunciar!
O SARGENTO NEGRO
Um filme de John Ford, com Jeffrey Hunter, Constance Towers e Woody Strode

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
Às 14 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
John Travolta e Olivia Newton-John em
GREASE
(BRILHANTINA)
Um filme de Randal Kleiser
Colorido

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons men. 13 anos
John Travolta e Olivia Newton-John
GREASE
(Brilhantina)
Amanhã às 11 h — Para todos
AS MELHORES MARAVILHAS DA NATUREZA

CASTIL 530194
Rua Castilho
Todos os dias as 15.30, 18.30 e 21.30
Com Charles Bronson e Alain Delon
SOL VERMELHO
O filme de Terence Youns
Um vendaval feito cinema!
Hoje as 24 h — 14 anos
VIAGEM AO CENTRO DO MUNDO

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Int. men. 18 a.
Pornográfico
BOCAS GULOSAS
As 24 h — Não acons. men. 18 anos
O PEQUENO GRANDE HOMEM
Com Dustin Hoffman e Martin Balsam

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15
Às 14.15, 16.30 e 21.30
N. ac. men. 18 a.
POR UM PUNHADO DE DÓLARES
de Sergio Leone
c/ Clint Eastwood
Amanhã as 11 horas — Para todos
SNOPY VOLTA AO LAR

CITY CINE 549999
Rua Tomás Ribeiro, 34
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Int men 13 anos
AS DUAS JUSTIÇAS
As 23.45 h
A CADA UM O SEU INFERNO
Amanhã às 23.45 h
LOUCURAS BURGUESAS

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 13 a.
A aventura dos nossos dias! O furacão que derruba paises chama-se..
GOLPE DE ESTADO
c/ Peter O'Toole, David Hemmings e Donald Pleasenig

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
Às 15.30, 18.30 e 21.30
N ac men. 13 a.
O QUEBRA OSSOS
c/ Bud Spencer

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial – Damaia
As 16 h — Maiores 6 anos
2 INCORRIGÍVEIS TEIMOSOS
As 21.15 h — Não acons men. 13 anos
O COMBOIO DOS DUROS
As 23.45 h — Int men 13 anos
A LISTA NEGRA

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Sessões as 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
LUCIO FLAVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA
Um filme de Hector Babenco — colorido
Interdito men 13 anos
Hoje as 24.00 horas
Não acons men. 18 anos
5 INDOMÁVEIS SELVAGENS

ESTÚDIO 555134/5
Av. Afonso Henriques, 35
As 15.30, 18.30 e 21.30
N ac men 18 a
Catherine Deneuve em
REPULSA
O filme de Roman Polanski
2.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
As 15.30, 18.30 e 21.30 h
Não acons men. 18 anos
PERSEGUIÇAO IMPIEDOSA
Com Marlon Brando, Jane Fonda e Robert Redford
A espera acabou a caça ao homem começou!
Hoje às 24 h — Int. men. 18 anos
RATINHA AO SOL

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
Hoje e amanhã 2 sessões:
As 15.15 e 21.30 h
Não acons. men. 18 anos
AMANTE MUITO LOUCA
Sessão da meia-noite, às 24.00 h
Int men 18 anos
HÉRCULES CHINÊS
Tardes infantis as 18.15 h
OS DOIS BOMBEIROS

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 36
Às 15.15, 18.30 e 21.30
N. ac. men 13 a.
Nem o amor de uma mulher o salvou do suplício!
O REBELDE
(GIORDANO BRUNO)
c/ Gian Maria Volonté e Charlote Rampling

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O AMOR VIOLADO
Colorido
3.ª semana

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 18 a.
5 anos após a sua morte, o seu último combate!
O ÚLTIMO COMBATE DE BRUCE LEE
2.ª Semana
Na sessão das 21.30, ao vivo, demonstração de «full-contact» por Francisco Gouveia

MONTECARLO Tel. 681117
A. Pedro Alvares Cabral, 37
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
Não acons men. 13 anos
LÚCIO FLÁVIO O PASSAGEIRO DA AGONIA
O filme que exprime de forma explosiva um dos maiores dramas do Brasil. Um filme de Hector Rabenco, com Reginaldo Farias e Ana Maria

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
A RAPARIGA NA ZONA QUENTE (Hardcore)
Com George C. Scott, Peter Boyle e Season Hubley
O drama de um pai à procura da filha na «Zona Quente»

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Não ac. men. 13 a.
BÚFALO BILL E OS ÍNDIOS
Um filme de Robert Altman
c/Paul Newman, Burt Lancaster e GeraldineChaplin

NOVOCINE 840678
Av. General Roçadas, 7
Hoje e amanhã, as 15.15 e 21.30 h
LAGRIMAS DE AMOR
Int. men. 13 anos
Hoje às 00.30 h — Int. men. 18 anos
O DESPERTAR DE UMA LIBERTINA
A VIRGEM DE NEVE E OS 7 MATULÕES
Com Abigail Clayton e Kay Parker

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
15.15, 18.15 e 21.30
Não. acons. men. 13 anos
ROCK 'N' ROLL
c/ Rodolfo Banchelli e Rosaria Biccica

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30
Não acons. men 18 anos
Força, astúcia e destreza numa acção escaldante
OS 3 PANTERAS NEGRAS
Jim Brown-Fred Williamson-Jim Kelley

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.º Antão
As 14 15, 16.30, 19 e 21.30 h
Estreia — Interdito men 18 anos
O CHALET DA POUCA VERGONHA
Um filme pornográfico da «qualidade parisiense», com Claudine Beccarie e Sylvia Bourdon

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16
SALA 1
Às 15, 17, 19, 21 e 23 h
Não acons. men. 13 anos
UM HOMEM E TRÊS MULHERES
SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Int. men. 13 anos
JONAS
SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.23
Int. men. 13 anos
UM DIA DE PRAIA
Realiz. Sergio Citti
SALA 4
Às 15, 17, 19, 21.23
Int. men. 13 anos
DUAS MULHERES EM NEW YORK
Realiz. Claudia Weill

RESTELO 610375
Av. Torre de Belém
As 15.30, 18.15 e 21.30 h
Não acons. men 18 anos
AMOR E BALAS
c/ Charles Bronson, Jill Ireland e Rod Steiger
Um filme de acção!
3.ª Semana

ROMA 727778
Av. de Roma, Lote JRB
15.30, 18.30 e 21.30
Não. acons. men. 13 anos
Um regalo para os apreciadores de filmes de acção escaldante!
OS 3 PANTERAS NEGRAS

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h — Int. men. 13 anos
Reginaldo Farias, Ana Maria Magalhães e Milton Gonçalves, em
LÚCIO FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA
Um filme de Hector Babendo
Colorido

SÃO JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175
As 15.15, 18.30 e 21.30
N ac men 13 a
Nunca tanto foi roubado por tao poucos
Sean Connery e Donald Sutherland em
O GRANDE ATAQUE AO COMBOIO D'OURO

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 15, 17, 19 e 21.30
N. ac. men 18 a
Uma transparência de problemas dos delinquentes juvenis!
OS DEMÓNIOS DO COLÉGIO
2.ª Semana
Nas tardes projecção do filme 5 minutos após o início das sessoes

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
14.30, 16.45, 19 e 21.45
Um filme notável
NUNCA TE PROMETI UM JARDIM DE ROSAS
com: Bibi Andersen Katleen Quinlan
As 24 h
SANGUE FRIO EM ÁGUA QUENTE

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
Sessões às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h — Não acons. men. 13 anos
O MISTÉRIO DE AGATHA
Com Dustin Hoffman e Vanessa Redgrave
5.ª semana
Amanhã, as 11 horas
Matinee Infantil (Para todos)
OS MALUCOS VÃO À GUERRA

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
GREASE
(BRILHANTINA)
Um filme de Randal Kleiser
Colorido
3.ª Semana

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
As 15, 18.15 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
DUAS JUSTIÇAS
Duas grandes vedetas: Annie Girardot e Bibi Andersson
Um filme de André Cayate

ZODÍACO Tel. 570551
Rua Conde de Redondo, 9
As 15.30, 18.30 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
LÚCIO FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA
Um filme de Hector Rabenco com Reginaldo Faria e Ana Maria Magalhães
O filme que exprime de forma explosiva um dos maiores dramas do Brasil

teatros

Lisboa

TEATRO DO BAIRRO ALTO – «E Não se Pode Exterminá-lo», às 21.30 (13 anos)
A BARRACA – «D. João VI», às 21.30 (18 anos)
MARIA MATOS — «A Família», às 21.30 (13 anos)
VARIEDADES — «Tu e Eu Somos 3», as 21.45 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «Corpo Delito na Sala de Espelhos», às 21.30 (18 anos)
A.B.C. — «Direita Volver», as 20.30 e 22.45 (18 anos)
MARIA VITÓRIA — «E Tudo São Bento Levou», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
D. MARIA II — «A Bisbilhoteira», as 21.45 (6 anos)
ADOQUE — «1926 — Noves Fora Nada», as 20.30 e 23 (18 anos)

Outros Espectáculos

Lisboa

OLÍMPIA – «Tentações sexuais», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «O Clube do Sexo», às 19, 21 e 23 (18 anos)
CINEARTE – «Terramoto», às 21.30 (13 anos)
PARIS – «Amor Sublime», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «O Reconhecimento da Mãe», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «Vamos a Isto Rapazes», às 21.30 (13 anos)
LUMIAR — «A Super Patrulha», às 21.30 (13 anos)
COLISEU — «Amargura de Duas Almas», às 21.30 (13 anos)

outros cinemas

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Os 11 Implacáveis Meninos do Coro», às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Os Gansos Selvagens», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Os Dois Missionários», às 21.15 (6 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «Uma Mulher Implacável», às 21.30 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «A Ilha do Dr. Moreau», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Palácio – «Equus», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – S. José – «Amante Muito Louca», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «Uma Mulher para Dois», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS — Oxford — «Guerrilheiros do Inferno», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «A Passagem», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «A Grande Carrapata», às 21.15 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Graça a Deus é Sexta-Feira», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «Adeus Bruce Lee», às 21.15 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «O Polícia 777», às 21.15 (6 anos)

Outra Banda

ALMADA – Academia – «A Filha Era Sua Rival», às 21.15 (18 anos)
ALMADA – Incrível – «Os Comandos de Navarone», às 21.15 (13 anos)
LARANJEIRO – Instrução e Recreio – «Amor Imortal», às 21.15 (13 anos)
SACAVÉM – S. José – «Amor é Vida», às 21.30 (13 anos)
ALHANDRA – Slavador Marques – «O Segredo de uma Paixão», às 21.30 (13 anos)
PÓVOA DE ST. ADRIÃO – S. José – «Os Onze Implacáveis Meninos do Coro», às 21.30 (18 anos)

Porto

CARLOS ALBERTO – «O Fim», às 21.45 (13 anos)
BATALHA – «O Último Combate de Bruce Lee», às 21.30 (18 anos)
COLISEU – «Clube de Assassinos», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE — «Uma mulher implacável», às 21.45 (18 anos)
ESTÚDIO — «Niagara», as 21.45 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia», às 21.30 (13 anos)
FOCO – «Grease», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Esta Louca, Louca Televisão», às 21.30 (18 anos)
S. JOAO – «Grease», às 21.30 (13 anos)
LUMIARE-L – «A Criada», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE » Sala A – «O Gendarme e os Extra-Terrestres», às 21.30 (6 anos)
SALA BEBÉ – «A Via Láctea», 21.45 (13 anos)
SA DA BANDEIRA – «Alô Lisboa, Daqui Porto», 21.30 (18 anos)

lubrificantes
GALP
a máquina é exigente

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
• ADMINISTRAÇÃO RUA CASTILHO 185 1.º TELEFONES 65453 1/2/3
• REDACÇÃO PUBLICIDADE E SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SOIANO 44 TELEFONES 321954/5 320271/2 3 328229 372/81 2 PUBLICIDADE 388748
• SERVIÇO NOITE (DEPOIS DAS 21) PORTEIRO 321154 MENSAGENS GRAVADAS 328229
• ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIÁRIO TELEX 12363 LISBOA PORTUGAL
• DELEGAÇÃO DO PORTO RUA DO ALMADA 367 TELEFONES 28954 5

José Judas não abandona "as lides sindicais"

«Especulação pura e simples» – foi como José Luís Judas, membro do Secretariado da CGTP-IN, classificou para o «DL», a notícia ontem publicada pelo semanário «O Jornal» de acordo com o qual, aquele sindicalista estaria na disposição de se retirar «progressivamente das lides sindicais» e poderia mesmo abandonar o seu cargo na Confederação.

A notícia de «O Jornal» baseava-se em alguns indícios, como sejam o facto de ter sido destacado para as comemorações do 1.º de Maio em Santarém, e não para as «mais importantes» e porque J.L. Judas, um dos fundadores da Intersindical, em 1970, retomou as suas actividades na empresa onde é empregado.

«A presença, na empresa de que sou funcionário está relacionada com problemas de ordem pessoal e não tem nada de novo nem é exclusivo, porque outros dirigentes da CGTP-IN o fazem, demonstrando, assim, que não são profissionais do sindicalismo, como muitas vezes as forças reaccionárias os pretendem caluniar – comentou José Luís Judas.

E prosseguiu: «Esta notícia é mais uma das atoardas lançadas em consequência da divisão e confusão que existe entre as forças de direita e a sua organização». O objectivo destas notícias seria, assim, o de fazer crer que existem idênticos problemas no seio do movimento sindical unitário».

Ainda não há muito tempo, segundo José Judas, se tentou a divisão entre «maioritários» e «minoritários» no seio do Secretariado da Confederação-Geral dos Trabalhadores Portugueses. Agora «inventou-se a divisão entre «duros e moles».

E, a terminar, disse-nos José Luís Judas: «Estou, como sempre estive, totalmente de acordo e solidário com a linha e a actuação prática da CGTP».

nota tome

MIGUELISTAS

Dizem-nos que «uma corrente do pensamento monárquico com a mais larga expressão», entendeu ser necessário restabelecer a verdade histórica sobre o Rei legítimo (D. Miguel, claro), e acaba de constituir o «Instituto Histórico Tradicionalista D. Miguel I».

O primeiro acto público do «Instituto D. Miguel» realiza-se, hoje, em Estremoz D. Duarte João está convidado.

De Espanha virão alguns «carlistas». De Portugal acorrerão diversos «miguelistas». O «miguelismo» ressuscita, dirão muitos.

Outros mais desconfiados admitirão que nunca desapareceu. Realmente, o «miguelismo» é uma segunda natureza do tradicionalismo reaccionário. E, desde Evoramonte, tem usado vários pseudónimos.

"Linha Directa" na RDP 1 termina amanhã

Transmite-se amanhã pela última vez o programa «Linha Directa» da RDP1. Nascido com a administração Humberto Lopes, «Linha Directa» era um magazine dedicado aos acontecimentos do sector dos espectáculos, música e teatro. Realizado por Brandão Lucas de uma forma extremamente viva e perfeita, o programa cometera contudo alguns «excessos», nomeadamente ter introduzido um apontamento em que os intérpretes da canção portuguesa convidavam os seus camaradas de trabalho. Dessa forma, passaram pelo programa o Vitorino, o Adriano Correia de Oliveira, o Carlos Paredes e o Pedro Osório, entre outros. «Linha Directa» morre aos três meses de vida, quando, juntamente com «Porque hoje é sábado» e «Coisas da vida» se transformara na promessa de programa mais interessante da nova grelha de programas.

Ferroviários anunciam nova greve de sete horas

Os ferroviários paralisarão as suas actividades durante sete horas, no próximo dia 6, no caso de o Conselho de Gerência da CP não fazer, entretanto, propostas aceitáveis para revisão do ACT. O período de paralisação, naquela data, será das 10 às 17.

A decisão foi tomada ontem, em plenário de direcções sindicais efectuado na Federação respectiva, em Lisboa. Ficou também decidido que, após aquela paralisação, as formas de luta deverão sofrer um agravamento, chegando a uma greve de 24 horas se, na semana imediata, se mantiver a posição do CG da CP.

No entanto, a concretizar-se essa paralisação de 24 horas, serão salvaguardados os comboios das horas de ponta. Esta medida insere-se na «política» que tem sido seguida pela Federação, no sentido de não prejudicar os utentes dos caminhos de ferro ou, na alternativa, causar-lhes o mínimo de transtornos.

As formas de luta agora anunciadas concretizar-se-ão, como dissemos, no caso de não ser apresentada pelo Conselho de Gerência da CP e pelo ministro dos Transportes, uma proposta aceitável pelos trabalhadores ferroviários.

Em causa, como temos noticiado, o regulamento de carreiras dos ferroviários, as transferências, as reclassificações e aumentos salariais de 23 por cento. Nesta última matéria, a entidade patronal cedeu até aos 16 por cento.

O plenário de direcções sindicais decidiu, ainda, diligenciar para que se integrem nas formas de luta agora anunciadas os sindicatos paralelos do sector: Maquinistas e Quadros Técnicos, que têm optado por formas de luta isoladas (12 horas de greve, ainda há pouco tempo).

Condenado, igualmente, o «lock-out» concretizado pelo CG da CP, ao suprimir comboios que tinham partidas e chegadas anteriores ao início da greve de há dois dias.

José Magalhães Godinho quer mais autoridade

O provedor de Justiça, José Magalhães Godinho, vai solicitar à Assembleia da República um reforço da sua autoridade, no sentido de serem aplicadas sanções às entidades que não respondam aos seus ofícios; propondo mesmo que a falta de resposta «implicará para o funcionário responsável a instauração de processo disciplinar pelo seu superior hierárquico».

Também dentro deste espírito considera o Provedor de Justiça que a referida falta deve ser «equiparada a uma desobediência, nos termos do artigo 188 do Código Penal», pelo que pretende que lhe seja facultada a possibilidade de «participar criminalmente» dos relapsos.

Distinguindo dois escalões nos serviços públicos, a proposta do Provedor de Justiça avança que em casos em que se trate de escalões intermédios da Administração Pública a participação deverá ser feita aos superiores hierárquicos «para que procedam disciplinarmente contra o responsável pela falta de resposta». Tratando-se de escalões superiores, a participação será feita à Assembleia da República para que, «conforme a Constituição lho permite» seja ela a tomar as devidas providências.

Quanto aos motivos que estarão por trás desta aparente insensibilidade dos serviços públicos, José Magalhães Godinho pensa que são de duas ordens. Em primeiro lugar, «a negligência das repartições às quais cumpre informar a entidade a quem se pediu o esclarecimento». Em segundo lugar, contar-se-ão os «vícios que vêm de trás», nomeadamente uma burocracia emperrante, não esclarecida para o exercício das funções e sobretudo um espírito de auto-suficiência nascido do prolongado hábito de «não prestar contas a ninguém». Não é de menosprezar a acção daqueles que, dentro do aparelho administrativo, apostam contra a situação democrática, na política do «quanto pior, melhor».

Uma colaboração mais íntima com os órgãos de Comunicação Social está nos projectos do Provedor de Justiça, cuja grande arma, na sua convicção, é a opinião pública.

História desconhecida do "assassino" de Moro

Milton Jony, que também usa Hamilton Yon Cunha ou João Bosco, é-lhe indiferente, continua detido na zona prisional da Polícia Judiciária de Lisboa. Este sujeito, que foi a Bucelas confessar à GNR ter assassinado Aldo Moro, está acima de toda a nacionalidade: não há país que confirme que «esse homem nasceu aqui». Aos 35 anos, casado, pai de três filhos, Milton Jony parece «condenado» a ser um autêntico cidadão do Mundo.

O primeiro contacto das autoridades portuguesas com este indivíduo vem de Maio de 1978, quando ele chegou a Lisboa de avião. Vinha de Luanda, considerava-se «em trânsito» para a Dinamarca, mas era o passageiro mais indocumentado que algumas vezes passou pelo aeroporto da Portela: não trazia a ponta de um documento de identificação. Ficou «retido».

Oito dias depois, e já que o homem manifestara o desejo de se fixar em Portugal, começa a ser elaborado o processo n.º 3569/78 dos Serviços de Estrangeiros (S. E.) do MAI, visando a confirmação da nacionalidade de Milton Jony que dissera, então, ter nascido na África do Sul.

Aliás, nessa altura (fez agora um ano) M. J. de Milton Jony, decidiu contar às autoridades um bocado da sua vida. E disse, enfim, que nascera na África do Sul, onde viveu até aos 12 anos. Com esta idade foi para o Quénia e depois, mais tarde, viajou bastante (passava o tempo em que ainda tinha a papelada em ordem), esteve na Holanda, Alemanha Federal, Dinamarca, Bélgica, Uganda e Luanda.

Em todo o caso, foi em 1961, justamente no Quénia, que haveria de conhecer uma senhora dinamarquesa, com quem casou, e de quem tem três filhos. Aí por volta de 1976 a esposa e os pequenos trocam o Quénia pela Dinamarca. Passa-se algum tempo até que M. J. decide viajar ao encontro da mulher e dos filhos, mas, ao escalar Luanda, é detido e fica preso durante 15 meses.

Finalmente, no dia 6 de Maio de 1978, as autoridades angolanas expulsam-no do país e ele aparece em Lisboa. Passaporte? «Não tenho».

À PROCURA DA NACIONALIDADE

Pela sua parte, os S. E. desencadeiam uma série de diligências que

Quantos nomes?

vai engrossando o processo de Milton Jony. Junto das respectivas embaixadas procura-se confirmar a nacionalidade sul-africana de M. J. e a permanência da família deste na Dinamarca. Na circunstância, o homem chega a ser levado à Embaixada da África do Sul para ali deixar as suas impressões digitais. Nada feito: nem sul-africanos nem dinamarqueses confirmam as declarações de Milton Jony. Ele continua a ser um cidadão sem nacionalidade definida.

Entretanto, além de não ter documentos, M. J. também não tinha dinheiro. Os S. E, numa acção coordenada com o ACNU (Alto Comissariado das Nações Unidas) em Lisboa, entregou-o aos cuidados da Mitra onde, pelo menos, teria alojamento e alimentação enquanto não fosse resolvido o seu problema.

Só que Milton Jony, cidadão do mundo, escandalizou alguns transeuntes ao apresentar-se «descomposto» numa rua próxima daquele albergue de mendicidade. Foi levado para a Mitra e ali fizeram-lhe a «cama», ou melhor, expulsaram-no por «mau comportamento». Entrou a 15 de Maio, saiu a 3 de Junho. Um porta-voz da Mitra acrescenta que ele bebia e metia-se com as raparigas...

O «MÉTODO» MILTON

Da Mitra foi para o Centro de Refugiados de Peniche, ao abrigo de um acordo estabelecido entre a Cruz Vermelha e o ACNU, onde permaneceu bastante tempo até que, ultimamente, se encontrava na Quinta do Balteiro.

Em vésperas de se declarar assassino do chefe da Democracia Cristã Italiana, Milton Jony informou os Serviços de Estrangeiros de que a Bulgária o receberia e a Cruz Vermelha estava disposta a custear a viagem para Sófia (15.850 escudos). Os S. E. contactam a Cruz Vermelha, e esta confirma! Está pronta a pagar a passagem do homem. Depois pergunta-se à Embaixada da Bulgária se aquele país o recebe com um «passaporte português para estrangeiro». A resposta é «não».

Depois de passar por vários albergues, M. J., que parece ter uma imaginação fabulosa (nunca conta a mesma história duas vezes, da mesma maneira, para não cair na rotina) ter-se-á visto obrigado a empregar o «método Milton»: foi-se à GNR e confessou, de coração nas mãos e lágrimas nos olhos, «sou das Brigadas Vermelhas, matei Aldo Moro com uma rajada de nove tiros».

Os Serviços de Estrangeiros voltarão a ouvi-lo, mas agora de pé atrás, «ele é um homem culto, com uma imaginação prodigiosa...».

Lei da Amnistia

Continuação da pág 1

dos militares, pois, acumula com o cargo de Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas. O PCP, em nota da Comissão Política do CC, adverte do risco de um conflito entre órgãos de soberania e manifesta uma posição de prudência ao desejar reservar a sua opinião para a ocasião em que o PR apresente ao Parlamento o fundamento do veto que impôs. Para o CDS, segundo Amaro da Costa, o veto do PR é «um acto de grande dignidade política». Recorde-se que na subcomissão parlamentar o PSD votou a favor ou absteve-se em todas, as disposições da lei, à excepção de um ponto do Artigo 1.º.

Para além da oposição de sectores militares, à atitude do Parlamento, o Conselho da Revolução, que, considerou a Lei de Amnistia constitucional, enfrenta igualmente contestações do mesmo sector militar. Ramalho Eanes, tudo o indica, utilizará os quinze dias de que dispõe para fundamentar o seu veto político, permitindo à hierarquia militar apressar as diligências que poderão ter consequências negativas para os presumíveis implicados no 25 de Novembro.

(Hoje 32 páginas)

LISBOA, VERBO AMAR

Outra do Carlinhos

Não me lembro já seera um congresso (ou simpósio) sobre Filatelia. Mas seria qualquer coisa como isso. Realizava-se em Cascais. A organização pagava estadia. A gente admira-se às vezes como a Filatelia, ou outra coisa assim, dá para tudo. Mas dá.

De Lisboa lá foram uns quantos. O Alberto, o Flávio, o Amândio-Pena- de-Aço (o mauzão da fita) enfim, os mesmos. Sem esquecer o Carlinhos, está claro.

Os «rapazes dos jornais», pau para toda a obra, ficavam nos quartos dois a dois. O Carlinhos ficou no 626 em companhia do Pena-de-Aço. Ao fim da segunda tarde, disse o Pena-de-Aço ao Carlinhos:

– É pá, tenho aí um arranjinho.

– Já me admirava.

– Queria-te pedir que viesses hoje um bocado mais tarde.

– Quanto?

– Aí às duas horas. Desculpa o mau jeito.

Depois do encerramento do Congresso, o Carlinhos gastou-se ao deus-dará, queimou ao desbarato os fósforos dos minutos. Cafeteria, mirone de esplanadas e montras. Às duas horas em ponto lá estava ele diante do 626. O lenço estava amarrado à maçaneta da porta. Era o sinal conbinado. Não podia entrar.

Desceu. Saiu. Ao calhas.

Ruas antigas, manchadas de prédios à moderna. «Uma barbaridade!», gritava-se o Carlinhos para espantar o sono.

Voltou às três horas. Com os ascensores parados, teve de subir os seis andares à pata. Ainda lá estava o lenço.

Desapertou o colarinho. Desceu. Caminhou para a beira do mar. Ao menos aí não havia silêncio. Sentou-se num banco, rodeado de barcos por todos os lados. Acordou com um polícia aabaná-lo com «delicadeza».

– Sou jornalista.

– E eu sou imperador da Cochinchina. Toca a andar, toca a andar.

Na esquadra teve ocasião de provar a profissão. Que andava ele a fazer por ali? Ora essa, a colher elementos para uma reportagem. O chefe mandou acompanhá-lo ao hotel. E para a outra vez não se metesse sozinho naquelas andanças.

Quase cinco horas. O lenço era uma flor vermelha na maçaneta. Sentou-se num degrau da escada. Às oito horas descia o Amândio.

– O Carlinhos, que maçada! Passou-me de todo. O raio desta cabeça...

– Não tem importância. Dá-me a chave, vou tomar um banho.

Quando desceu, reparou que o Amândio contava aos outros a partida que pregara ao Carlinhos. Ria.

Carlinhos pôs-se branco.

– Sentes-te mal? – perguntei-lhe.

Nesse dia, os camaradas rodearam-no de atenções. Porque se há pessoa de quem todos gostam, é do Carlinhos. Aliás com razão.

Mário Castrim

MEMÓRIAS DO ÚLTIMO ELÉCTRICO DO CARMO

POR TUA CAUSA FIQUEI SEM OS ESCRAVOS... ORA TOMA...

FAZ UM ESFORÇO ! TEMOS DE FUGIR ENQUANTO ELE ESTÁ ENTRETIDO COM A VÍBORA-ABUTRE...

AH ! NÃO GOSTAS DOS RAIOS DE CALOR! POIS VAIS VER...

Ai

COMO TE ATREVES, MEU MISERÁVEL, A FAZER MAL AO MEU ANIMAL DE ESTIMAÇÃO?

DEPRESSA ! ALGUÉM DISPAROU DE FORA SOBRE O FALCOEIRO !

UM GRÃO-SENHOR !

RESPONDE-ME. QUE FAZES AQUÍ E PORQUE ATACASTE A MINHA VÍBORA-ABUTRE ?

GRAUM GRAUM GRAUM

SAIBA VOSSA SENHORIA QUE ANDAVAM POR AÍ UNS ESCRAVOS AOS TÍROS...

ZEPAULO

7

CONTINUA

O MISTÉRIO DA GRANDE PIRAMIDE

O MISTERIO DA GRANDE PIRAMIDE

Continua

DL FANZINE
26 de Maio de 1979

O FANTASMA ESPANHOL

Sua Magestade Filipe II reprovou veementemente a conduta do seu representante, o duque de Alba. E confiou-me um pergaminho assinado pela sua própria mão.

Era a ordem de abandonar imediatamente o cerco de Kriekebeek.

Voltei então aos Países-Baixos. Mas os espiões do governador tinham-no prevenido e o duque de Alba mandou alguns homens da sua confiança roubarem-me a ordem de Sua Magestade. Aqueles individuos hon entrado na taberna onde me encontrava.

E exigiram que lhes entregasse o documento em que era garantida a liberdade de Kriekebeek.

Respondi-lhes com altivez:

Soy um soldado del Rei señores! Venham buscar a carta na ponta da mi espada!..."

Daí a momentos lutavamos. Não demorou muito.

Rápidamente me livrei dos hombres del Duque.

Bravo. Don Persilos y Vigoramba! exclamei. Temos que festejar dignamente este feito de armas!...

Foi aqui que as coisas se estragaram. Em vez de me dirigir a Kriekebeek, pus-me a beber alegremente... e tanto, que na altura de partir já não sabia qual era o meu caminho.

E Ali cruelmente castigado...

Momentos depois, um acidente mortal pôs fim a mis dias.

Extraordinário. Mas o que lhe aconteceu?...

Continua

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DOMINGO, 24 DE JANEIRO DE 1965

ANO 44. — NÚMERO 15 125

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MÁRIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL.: DIBOA — TELEX: 363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

UM LUTADOR

F.P- 14 A LONDRES. 24- SIR WINSTON CHURCHILL FALECEU AS 8 HORAS GMT. (F.P.)

Desaparecido da cena política e da vida, depois de completar noventa anos, Winston Churchill deixa recordação imperecível dos seus feitos e atitudes. Os primeiros, mais de uma vez, decidiram da sorte da sua pátria; as ultimas exerceram decisiva influência no curso dos acontecimentos, na Grã-Bretanha e no resto do Mundo, durante meio século. A figura do lutador sobrepõe-se, na história que o consagrará como autêntico gladiador, à eloquência do orador, à audácia do parlamentar, à tenacidade do político e à coragem do cidadão. Foi combatente de têmpera incomparável. As causas em que se empenhou reflectiram o prestígio que o aureolava. A sua presença, durante sessenta anos, no Parlamento, cenário da sua glória, é um símbolo de acatamento e respeito pela representação popular idónea e uma prova da sua fidelidade à autoridade legítima do povo.

Para a exuberancia e dinamismo do homem que acaba de desaparecer, não se encontra paralelo. Ele próprio deu à imagem multiforme do seu génio ao pintar, com cores sugestivas, as personagens que o apaixonaram, nas quais eram visíveis os traços de semelhança com o seu feitio e carácter. Em «Recordações da minha mocidade» e «Grandes contemporaneos», como na «História dos povos de língua inglesa», avultam páginas autobiográficas, as mais saborosas que a sua pena traçou. Dir-se-iam desdobramentos da sua personalidade multiforme a reflectir, com a fidelidade de um espelho, os seus defeitos e qualidades.

Atravessou campos de batalha situados nas mais diversas paragens — Sudão, India, Cuba, África do Sul — onde forjou, correndo riscos incessantes, a prova da sua coragem. Foi repórter de guerra e jornalista, orador de «meetings» e parlamentar, escritor original, narrador sugestivo de factos, cenas e figuras do final do século passado e da primeira metade deste século.

(Continua na 11.ª página)

Churchill morreu após nove dias em coma

LONDRES, 24 — (A. N. I.) — Lorde Moran publicou o último boletim médico sobre a evolução da doença de «Sir» Winston Churchill, cerca de meia hora depois do seu falecimento:

«Pouco depois das oito horas desta manhã, domingo, 24 de Janeiro, «Sir» Winston Churchill faleceu na sua residência de Londres».

Assinado: «Moran».

«Sir» Winston Churchill numa das suas mais recentes fotografias

Inesperadamente, ás 7 horas e 18 minutos, o médico assistente de Churchill havia chegado á residência do antigo primeiro-ministro britanico.

Poucos minutos depois, saía da residência a secretária particular do dr. Moran, que lhe serve, também, de motorista. Antes de levar o carro, declarou aos jornalistas:

«Lorde Moran foi chamado para ver «Sir» Winston. Não regressa imediatamente a sua casa, nem se sabe sequer quando regressará».

Pouco antes do médico, chegara o filho do doente, Randolph, que guiava o seu carro.

Não houvera qualquer indicação prévia de que o médico iria ver o doente áquela hora matinal. Só era esperado, como habitualmente, cerca do meio-dia.

Nos círculos médicos considerou-se, então, que «a vida de Churchill estava por um fio».

A Randolph seguiram-se outros parentes de Churchill, que iam chegando a Hyde Park Gate: Uma das filhas, Sarah, acompanhada por Célia Sandys, neta do doente, e Winston, filho de Randolph.

Por outro lado, junto do pequeno grupo de curiosos, que suportavam uma ligeira chuvada, a equipa de televisão montava as camaras de filmagem. A entrada da rua, que não tem saida, ficou policiada por três agentes — em vez do unico policia que habitualmente ali se encontra.

WINSTON CHURCHILL

por PIERRE MENDÉS FRANCE

1

(Especial para o «Diário de Lisboa»)

Nenhum homem de Estado britanico, no curso da História, deixou saudade que se compare áquela que os franceses sentem com a morte de Winston Churchill. A emoção da França é sincera e profunda e associamo-nos, do fundo do coração, ao luto que cobre a Grã-Bretanha. E no entanto não dou notícia de outro que fosse mais inglês. O seu patriotismo, que foi nele uma paixão devoradora, fazia por vezes chamar-lhe imperialista. Mas o seu egoísmo sagrado de inglês não tinha manifestações mesquinhas de vulgar chauvinismo, nem da xenofobia que transige com a banalidade. Os gostos, o estilo, a cultura, que eram seu apanágio, davam ao seu temperamento impetuoso e magnanimo caracteristicas de antepassados fogosos e leais que fizeram a grandeza da sua Pátria. Porque as circunstancias lhe permitiram encarnar a magnifica resolução da Grã-Bretanha quando foi preciso enfrentar as provações decisivas do destino, foi o maior inglês do seu tempo.

A tristeza do povo inglês é justamente acompanhada por um sentimento de legítimo orgulho. Diz-se-ia que o domina uma grave satisfação ao receber as homenagens prestadas áquele dos seus que, apesar da sua inconfundível originalidade, nunca ao longo de uma demorada carreira, se afastou das tradições das instituições, das ansiedades e das esperanças da terra onde nasceu. Mas

(Continua

Quatro náufragos portugueses salvos no Báltico: — «Vivemos horas aflitivas mas continuaremos no mar»

Reportagem de Cesar Faustino

OREGRUND, 24. — (Por telex directo á redacção) — «Estamos bem e de perfeita saude. Apenas perdemos algumas roupas e objectos pessoais. Nada de grande valor» — esclareceram os quatro marítimos portugueses que faziam parte da tripulação do barco alemão «Heige», encalhado ao largo da costa leste da Suécia, em frente de Kvarken, próximo de Oregrund, vila situada a cerca de 140 quilómetros a nordeste de Estocolmo.

O acidente ocorreu á meia-noite e trinta de quinta para sexta-feira, em pleno Mar Báltico, á entrada do Golfo Botnia, numa noite negra, assolada por violento temporal.

(Continua

24 PÁGINAS

HOJE
EM 2.ª EDIÇÃO
PUBLICAREMOS O RELATO DOS ACONTECIMENTOS DESPORTIVOS DESTA TARDE E ÚLTIMAS NOTÍCIAS

CARTAS DO BRASIL

por CHIANCA DE GARCIA

ÍDOLO E CONTRA-ÍDOLO

RIO DE JANEIRO, Janeiro — Conheci o escritor Raimundo Magalhães Junior quando, há muitos janeiros, desembarquei nesta terra carioca onde vim, pensava eu, passar quinze dias de férias. Estava então em cena, no Teatro Rival, uma comédia de sua autoria intitulada «Carlota Joaquina», em que se destacava o actor Jaime Costa no papel de Dom João VI. O resto, francamente, não era lá essas coisas. Nem como texto.

Ler na página 7

O encontro de Rambouillet

Correspondência de Paris, em exclusivo «LE MONDE»-«DIÁRIO DE LISBOA»

VISADO PELA CENSURA

Winston Churchill

(Continuação da 1.ª página)

um estrangeiro, como eu, está no direito de prestar homenagem á memória de Churchill como uma personalidade extraordinária que, além de interpretar as virtudes da Grã-Bretanha através de tudo foi intérprete de um sistema politico que, sob muitos aspectos, continua a ser uma lição permanente para o mundo. A este reconhecimento é legítimo juntar o sentimento de solidariedade que associou a Grã-Bretanha á França, perante as ameaças temerosas do hitlerismo para não falar dos momentos de fraqueza que foi o primeiro a verberar quando assumiu a direcção da causa comum que ligou os dois povos.

Há ainda hoje franceses que vêem em Winston Churchill o «gentleman», satisfeito e jovial, apaixonadamente nacionalista e um pouco excêntrico, bebedor de «whisky» e fumador de charutos, cujas qualidades de lutador emérito se revelaram apenas ao ser encarregado de dar um desfecho condigno ao drama hitleriano. Não lhe desagradava que o encarassem como um representante da truculência e liberdade de espírito de Falstaff. Mas nunca, quando isso acontecia, se olvidava de que Shakespeare pôs nessa personagem o significado de uma humanidade profunda, complementar e não oposta á razão politica.

No período que precedeu, de perto, a ultima guerra, quando Hitler caminhava, de sucesso em sucesso, marcando todos os dias pontos perante a nossa irresolução, Churchill portava-se como um perturbador que suscitava problemas distantes, inquietava os correligionários e obstinadamente se recusava a inclinar-se perante as exigências da política interna e a necessidade de lisonjear a opinião publica que outros exploravam para justificar as suas fraquezas. Os factos não tardaram a mostrar que tinha razão contra o oportunismo que vivia o seu dia-a-dia.

Era já então um gigante que se obstinava só ou quase só, a dar provas de homem de Estado lucido, que se não contentava com as habilidades e as manobras e tinha o mérito de ver com clareza, de separar o essencial do acessório, a este sujeitando as outras preocupações e, sobretudo, de proclamar a verdade por muito dolorosa que fosse. Ele que, nas piores horas da guerra, nunca deixou de perder dez segundos na sesta, foi nas desculdadas horas da paz, entre 1935 e 1939, como simples parlamentar, sem responsabilidades de governo, que deu a medida da sua tenacidade, não dormindo, sobretudo quando tinha notícia de qualquer nova prova de cegueira dos dirigentes do seu país e do meu. Mostrou então a sua coragem, pois tinha de ser desagradável e irritante, impopular e vagamente ridículo, ao denunciar um perigo que os outros não consideravam imediato nem certo, esbarrando no optimismo dos dirigentes e na incompreensão da opinião, esforçando-se por despertar as atenções que preferiam distrair-se com os pequenos dados do problema que impediam de ver os grandes.

Dos dois lados da Mancha representava-se a mesma tragédia, praticavam-se os mesmos erros, encaminhava-nos a mesma fatalidade. Dia a dia, Churchill não escondia a sua angustia. As suas intervenções repetiam-se, com o mesmo tema — a identidade de interesses franco-britanicos, a semelhança de ideias da França e da Grã-Bretanha perante a ameaça comum e, portanto, a necessidade permanente de uma estreita colaboração dos dois povos. Quando em 1940 a França foi esmagada, Churchill, que acabava de ser nomeado primeiro-ministro, não nos fez a mais leve censura ou recriminação. Não deu a sua aprovação ao armistício que assinámos, mas não atirou pedras ao Governo francês que o aceitou, subjugado pela derrota. Para nos desligar dos compromissos que assumíramos com o seu país, pós uma unica condição — que a esquadra francesa não caisse em poder do inimigo. Se o Governo francês prevenido por ele, tivesse mandado sair das bases essa esquadra, nunca se teria dado o drama de Mers-el-Kebir. Darlan prometera, em 15 de Junho de 1940, mandá-la para o Canadá. Ainda hoje não sabemos porque o não fez.

Se a França quisesse prosseguir na guerra, oferecia-nos a união imediata dos dois países que passariam a constituir um Estado unico, fundindo-se os Governos, os parlamentos e as nacionalidades. Em circunstancias trágicas, a sua audácia e visão levaram-no á extremidade de uma solução sobre a qual é impossível hoje dizer que consequências nos traria se fosse aceite, mas que exprimia, de maneira impressionante e solene, a importancia da solidariedade franco-britanica ilimitada, para o melhor e para o pior.

O general De Gaulle, que colaborou na redacção desse projecto de união, associou-se a ele, com entusiasmo e decisão, e fez tudo para que o Governo britanico o adoptasse. Como ele procederam Jean Monnet e Paul Reynaud. Outros franceses, porém, receberam a notícia com cepticismo, ironia e desconfiança. A mais acatada autoridade militar do nosso país (referência ao general Weygand) proclamava que «em três semanas os alemães torceriam o pescoço da Grã-Bretanha como se fosse um frango». Outra eminente personalidade dizia que «juntarmo-nos á Grã-Bretanha era casar com um morto». Era na verdade trágica a situação da Grã-Bretanha. Perdera parte das suas reduzidas forças e do seu equipamento militar no continente. Tinha de enfrentar, sózinha, a gigantesca máquina de guerra do inimigo. Foi a altura de mostrar a disciplina e o heroísmo de uma grande nação, grande entre as grandes. Churchill mostrou quem era movendo-se á vontade através de perigos sem precedentes, «campeão — como escreveu de Gaulle — de um empreendimento a quem cabia a tarefa mais árdua que realizaria de maneira incomparável».

É impossivel separar a sua acção do comportamento do seu povo, do valor das suas forças, do mérito das suas instituições. A concentração de poderes nas mãos do gabinete de guerra, a disciplina rápidamente instaurada, a qual indistintamente abrangia chefes militares, dirigentes políticos -e sindicais, camponeses aos quais foi entregue a defesa do território, e operários das fábricas de material de guerra, o mérito da obra levada a bom termo deve ser atribuído a todos. Churchill não pediu poderes especiais, não exigiu que fossem suspensas as liberdades publicas ou que o parlamento interrompesse as suas sessões. Como Clemenceau, trinta anos antes, «fez a guerra» e levou o seu país á vitória sem pôr de parte ou enfraquecer as instituições democráticas, ameaçadas do exterior mas intactas graças á vontade do povo inglês e daqueles que escolheu para o dirigir, encaminhar na acção e o comandar no combate.

(Conclui amanhã)

PIERRE MENDÈS FRANCE

ESQUENTADORES
PEQUENO ANUNCIO
GRANDES DESCONTOS
A. SANTOS SILVA
4-A — R. Passos Manuel — 4-A

MAPLES
os mais baratos e cómodos
Antiga casa Soares & Coelho
Tel. 326550
Rua do Norte, 61 (Ao Camões)

CONSTERNAÇÃO NO MUNDO

LONDRES, 24 — (R.) — Expressões de homenagem a «sir» Winston Churchill, de grandes figuras e pessoas humildes, chegam a Londres desde o momento em que a notícia da sua morte foi transmitida, velozmente, a todo o Mundo.

BRUXELAS—Paul Henry-Spaak, ministro dos Negócios Estrangeiros belga disse: «O seu destino foi, na verdade, glorioso — ser o porta-voz de todo um povo na época mais crucial da sua História, e ainda mais, o principal actor da gigantesca luta em que esteve em jogo a nossa civilização...

No momento do desaparecimento deste defensor da democracia e liberdade, do mais ilustre estadista da nossa época, deste homem tão profundamente humano — com as suas paixões, iras, generosidade e teimosia — a nossa emoção e pesar são expressos de melhor maneira por meio de silenciosa meditação».

NOVA YORK — Adlai Stevenson, duas vezes candidato democrático á presidência e, presentemente, o principal delegado norte-americano nas Nações Unidas, disse: «Ele, com Franklin Roosevelt, deram-nos a nossa mais bela hora. Não receava o sangue, o suor ou as lágrimas — ou qualquer coisa desse género. Agora tudo o que temos deles é a inspiração do seu indomável espírito — mas esse é o maior legado que ele nos podia deixar.

PARIS — Paul Reynaud, primeiro-ministro da França na altura da invasão alemã em 1940, disse: «Churchill morreu. O maior homem da nossa época e de toda a História da Inglaterra acaba de falecer, depois de manifestar numa luta desigual com a morte, a mesma coragem que mostrou na presença do inimigo».

HELSINQUIA — O presidente Urho Kekkonen enviou o seguinte telegrama a «lady» Churchill: «Permita-me que lhe envie as mais sinceras manifestações de pesar por ocasião da sua grande perda».

SANTIAGO DO CHILE — O ministro dos Negócios Estrangeiros chileno, Gabriel Valdes, afirmou que «sir» Winston foi, durante muito tempo, um símbolo dos mais nobres sentimentos da alma humana.

OTTAWA — O primeiro-ministro do Canadá, Lester Pearson, considerou «sir» Winston Churchill como «a suprema encarnação do espírito humano». Afirmou que a vida de «sir» Winston tocara todas as vitais actividades humanas e dominara a maior parte delas. Ele não era um semideus, alheado no Olimpo, mas um dos mais calorósos seres humanos.

NOVA DELHI — O primeiro-ministro Lal Bahadur Sastri disse aos jornalistas: «Estou profundamente chocado. Parece que ele travou a sua ultima batalha». Sastri disse que «sir» Winston viveu para a paz e democracia em todo o Mundo. «Desejaria transmitir as minhas condolências a «lady» Churchill e á nação britanica», acrescentou.

TÓQUIO — O antigo primeiro-ministro liberal japonês Shigeru Yoshida, disse que «sir» Winston foi um grande homem. «Tive um grande respeito por ele. Sinto profundo pesar, juntamente com o povo britanico, pela perda do maior homem deste século».

Quando «sir» Winston Churchill faleceu, esta manhã, o primeiro comentário soviético foi feito por Ivan Maisky, embaixador da Russia em Londres, durante a guerra. «Apenas posso manifestar o meu pesar», disse o reformado diplomata.

Nenhum dos actuais dirigentes soviéticos principais conheceu intimamente «sir» Winston. Quando ele veio á Russia durante a guerra, eles encontravam-se ainda em recuado plano político. A unica excepção é a do presidente Anastas Mikoyan, que o conheceu no Kremlin, no gabinete de Estaline.

«A LIBERDADE PERDEU UM GRANDE CAMPEÃO»

NOVA YORK, 24 — (R.) — O povo dos Estados Unidos junta-se ao da Grã-Bretanha e de todo o Mundo no sentimento pelo falecimento de Winston Churchill.

Nenhum homem, neste século, desfrutou de tal amor e estima por parte dos americanos. Ele foi, simplesmente, um «grande homem» excedendo todos os outros grandes homens. Mesmo o presidente Franklin Roosevelt não conquistou nunca tal afecto e respeito.

O vice-presidente, Hubert Humphrey, afirmou que a «liberdade perdeu um grande campeão. O exemplo de coragem e de força de alma, de estadista e de dedicação ao dever, viverá sempre no coração dos homens livres», afirmou.

A INGLATERRA DE LUTO

LONDRES, 24. — (F. P.). — Em toda a Inglaterra as bandeiras dos edifícios publicos foram colocadas a meia haste ao ser anunciada a morte de «Sir» Winston Churchill.

Numerosas embaixadas estrangeiras em Londres fizeram já o mesmo.

Na Fleet Street, vêem-se, igualmente, bandeiras a meia haste em todos os edifícios dos grandes jornais.

A Camara dos Lordes foi convocada para amanhã, á tarde, a fim de prestar homenagem á memória de «Sir» Winston Churchill.

DOUGLAS-HOME: «TODOS LHE DEVEMOS CONTINUARMOS VIVOS E LIVRES»

O antigo primeiro-ministro conservador, «Sir» Alec Douglas-Home, declarou: «A morte de «Sir» Winston provoca em cada um de nós, neste país, um sentimento de profundo desgosto a que se vem juntar a mais viva gratidão, pois todos lhe devemos, no sentido próprio destas palavras, continuarmos vivos e livres».

O MARINHEIRO NEO-ZELANDÊS SOLUÇOU SOB A CHUVA

Foi pela rádio dos seus carros que os jornalistas aglomerados á entrada de Hyde Park Gate foram informados do falecimento de «Sir» Winston Churchill.

O marinheiro neo-zelandês que não abandonara o local desde que fora anunciada no ultimo dia 15, a doença do antigo primeiro-ministro, rompeu em soluços apoiado a uma árvore, sob a chuva.

Defronte do numero 28, Edmond Murray, o «guarda-costas» de «Sir» Winston Churchill vai e vem, vulto solitário de rosto transtornado.

DE GAULLE deve deslocar-se a Londres

PARIS, 24 — (F. P.) — Embora não haja ainda alguma declaração oficial, os círculos bem informados têm como certa a ida do general de Gaulle a Londres, para assistir aos funerais de «sir» Winston Churchill.

Churchill terá funerais nacionais

com todas as honras reservadas à realeza

LONDRES, 24 — (R.) — «Sir» Winston Churchill, que recusou as mais altas honras no decurso da sua longa vida, vai receber o mais alto testemunho do respeito da nação após a sua morte — funerais nacionais, geralmente reservados á realeza.

A própria rainha Isabel pediu que esta honra fosse concedida ao velho estadista e ela será aprovada numa curta reunião do Parlamento quando os dirigentes dos partidos testemunharem as suas homenagens a «sir» Winston Churchill.

A rainha chefiará o que se espera venha a ser uma vasta reunião de dignitários mundiais numa pompa solene de cerimónias fúnebres.

Apenas dois outros antigos primeiros-ministros foram honrados desta maneira, ambos no século XIX.

O primeiro, em 1852, foi o duque de Wellington — um grande estadista guerreiro, tal como «sir» Winston, o outro foi em 1898, no funeral de William Ewart Gladstone, veterano dirigente do partido liberal.

O duque de Wellington está sepultado na catedral de S. Paulo e Gladstone na abadia de Westemister. Porém, a sepultura de «sir» Winston Churchill, no pequeno cemitério da igreja de S. Martin, na aldeia de Bladon, nas proximidades do palácio de Blenheim, significa um regresso á sua terra natal e á residência ancestral dos Marlboroughs, de cuja família ele descende.

A cerimónia religiosa será na catedral de S. Paulo, no próximo sábado, 30 de Janeiro, segundo comunicou o primeiro-ministro Harold Wilson.

Antes dos funerais nacionais, o corpo de «sir» Winston Churchill será levado para Westminster Hall, a unica porção que resta do Palácio de Westminster, construído no século XI, onde ficará, em câmara-ardente, durante dois ou três dias.

Este foi o «hall onde o Parlamento de Simon de Montfort—o primeiro Parlamento da Grã-Bretanha que incluiu representação popular — reuniu, há precisamente 700 anos, completados este mês.

Espera-se que o dia dos funerais seja declarado dia de luto nacional, de modo que o maior numero de pessoas possam prestar homenagem ao homem que conduziu o povo na segunda guerra mundial.

Depois, serão feitos planos, mais tarde, para um monumento nacional permanente.

Homenagem do Cinema à memória de «Sir Winston Churchill»

A Rank Filmes de Portugal informa que, a partir de hoje, é exibido nos cinemas: Império, Politeama, São Jorge e Tivoli, de Lisboa; Águia de Ouro e São João, do Porto, e ainda, Avis e Miramar, de Luanda, um histórico documentário sobre a vida de «Sir» Winston Churchill.

Trata-se de «O Campeão da Liberdade» — «Champion of Freedom» — notável biografia cinematizada, onde se registaram para a posteridade todos os acontecimentos históricos ligados á vida do grande estadista inglês.

UM LUTADOR

(Continuação da 1.ª página)

Em momentos culminantes assumiu a responsabilidade de decisões de extraordinário alcance, das quais dependeu a sorte da paz e da guerra. A hora mais bela da sua carreira e da história da Grã-Bretanha foi aquela em que, só e sem recursos, levantou a voz de ressonancia heróica, no meio do pavor geral para anunciar que a alvorada sucederia à noite que ensombrava o Mundo. A sua intuição e a sua experiência juntaram-se a um temperamento impetuoso para decidir da segunda guerra mundial.

Os reveses não lhe entibiaram a alma nem enfraqueceram a vontade. Derrotado, quando pela primeira vez se apresentou como candidato a deputado, contrariado nos seus planos para a construção da grande esquadra que conservou ancorados nas bases os navios de guerra alemães, responsabilizado pelo desastre dos Dardanelos, afastado do Poder pela política de apaziguamento, partidário de Eduardo VIII, quando este concitou a hostilidade dos dirigentes e do povo da Grã-Bretanha, vendo expulsos os ingleses da Europa, desde a Noruega à Grécia, batidos na África e na Ásia, com o Terceiro Reich a dominar o continente europeu do Cabo Norte a Atenas, nunca se deixou vencer pelo desanimo ou pela fatalidade. Entre 1939 e 1945 quando tudo à sua volta duvidava acreditou no triunfo e perenidade dos mais duradouros e representativos valores humanos.

O desaparecimento deste proeminente vulto da política e da História contemporanea da Grã-Bretanha, derradeiro representante de uma era de poderio e irradiação, sobrevivente glorioso da grandeza vitoriana e de tudo o que esta representou, é uma perda irreparável para os seus compatriotas, e para a Humanidade de que foi alto expoente e simbolo representativo. Dele pode dizer-se, com justiça e fundamento, que deixa recordação que se prolongará pelo tempo fora no reconhecimento de quantos tem consciência de que com ele contraíram uma dívida de gratidão eterna.

A renúncia dos candidatos oposicionistas explicada numa exposição ao Chefe do Estado

«Senhor Presidente da Republica, Excelência: Em 14 do corrente, os abaixo assinados, candidatos da Oposição Democrática pelo círculo de Lisboa e em representação dos candidatos da mesma Oposição pelos círculos do Porto, de Leiria e de Viseu, antes de divulgarem o seu «Manifesto ao País», em conferência de Imprensa realizada no Centro Escolar Republicano Fernão Botto Machado, vieram á presença de V. Ex.ª com uma representação, *que a censura prévia não permitiu que se tornasse conhecida dos portugueses.*

Nela se dizia, além do mais, o seguinte:

«Para que as próximas eleições não sejam, como as anteriores, uma completa farsa, os signatários reclamam de V. Ex.ª que dê claras indicações ao Governo no sentido de assegurar:

a) a suspensão imediata da censura, como prolegómeno da sua abolição definitiva, por meio de uma lei de Imprensa, ainda inexistente em Portugal, em contrário do disposto no art.º 23.º da Constituição e á promessa do Chefe do Governo no seu discurso de 1 de Julho de 1959;

b) a fiscalização, por delegados dos candidatos, de todas as assembleias de voto, de modo a que tanto a entrada como a contagem das listas sejam verificadas».

E acrescentaram:

«As condições que os signatários formulam para participar no acto eleitoral são o *mínimo dos mínimos*, á luz da experiência política de qualquer país da Europa Ocidental. Se não obtivermos deferimento — ou porque V. Ex.ª entenda não dar ao Governo as indicações solicitadas ou porque este não se revele capaz de cumprir as indicações de V. Ex.ª — *desde já os signatários renunciam ás suas candidaturas».*

Em *absoluto silêncio*, esperaram os signatários a decisão de V. Ex.ª, durante três dias, prazo que propositadamente estabeleceram curto em virtude dos escassíssimos *vinte dias* que o Governo concedeu para a campanha eleitoral. Esse prazo expirou no domingo; mas como o domingo é dia em que os serviços publicos estão encerrados, quiseram os signatários obrigar-se a aguardar até segunda-feira á meia-noite.

Têm, pois, de reconhecer que não só não foi dada qualquer satisfação ás suas legítimas reclamações como, nem sequer, V. Ex.ª se dignou responder-lhes!

Eleger, Senhor Presidente, significa escolher. Porém, o Governo não quer que se escolha, *quer discricionáriamente escolher.*

Mantendo a censura prévia que *suspende, mutila ou corta* as notícias e os documentos da Oposição, segundo o critério político mais favorável ao Governo, e sem a efectiva fiscalização das urnas (assegurada em termos diferentes do que nos ensina a triste experiência do passado, aliás denunciada no documento apresentado pela Comissão Promotora do Voto, da presidência de António Sérgio, em 1953, e na reclamação feita pelo general Humberto Delgado, após as eleições de 1958 — documentos que a censura impediu que o País conhecesse), haverá apenas e tão-sómente mais uma «farsada eleitoral» — em que, como disseram, os signatários não estão dispostos a desempenhar o dócil papel de comparsas.

De resto, o que agora se passou, durante estes três dias por assim dizer, preliminares á verdadeira campanha é perfeitamente sintomático das disposições governamentais.

A publicação da representação entregue a V. Ex.ª em 14 do corrente — e que é indubitávelmente, o documento mais importante dos signatários — *não foi autorizada pela censura.* O «Manifesto ao País», após um compasso de espera, de *suspensão*, imposto pela censura, para que a União Nacional tivesse tempo de gizar a sua defesa, foi publicado nos jornais da Metrópole e dado a conhecer através de passagens «seleccionadas», facciosamente, pela televisão e através de «sínteses» transmitidas para o Ultramar por agências oficiosas de inspiração governamental. De todos os modos, foi mutilado da representação dirigida a V. Ex.ª e que dele faz parte integrante.

As «sínteses» transmitidas para o Ultramar — e que precederam de algumas horas a publicação do «Manifesto» na Metrópole — deram o «sinal» para a campanha orquestrada de *injurias, ameaças* e *calunias* que, desde então, têm bolsado, a coberto da impunidade, sobre os signatários.

Não são estes pessoas que se deixem fácilmente impressionar e muito menos intimidar, como o têm demonstrado ao longo dos anos. Mas, nem por isso, se dispensam de salientar perante V. Ex.ª que o clima de histeria colectiva e de excitação publica que se pretende artificialmente, criar no País, é perfeitamente incompatível com o sereno debate de ideias e dilucidação objectiva dos grandes problemas que afligem a Nação.

Dominando os meios modernos de compressão da opinião publica, é fácil excitar as massas com «slogans» simplistas e apelando para o fundo emocional de irresponsabilidade. Como é fácil promover manifestações de pseudodesagravo e cuja «espontaneidade» é por demais conhecida no País! Mais difícil, porém, é convencer as consciências rectas que, serenamente, com ponderação e escrupulo, pesam os prós e os contras, e avaliam a dose de verdade e mentira que existe nas afirmações produzidas e em presença. Os signatários persistem em falar serenamente e é a essas consciências escrupulosas que se dirigem, seja qual for o quadrante político em que se situem.

Para serem portugueses — e dos que se dispensam de avivar o seu patriotismo com o acicate dos interesses materiais — não necessitam os signatários de licença de ninguém. Muito menos da censura prévia ou da P. I. D. E. Dê V. Ex.ª as suas ordens para que se cumpra o art.º 23.º da Constituição, extinguindo-se a censura prévia do partido unico, e logo verá como as línguas se desatam e como as realidades do País aparecerão a nova luz, irreconhecíveis!

Efectivamente, se o Governo está seguro — como diz — de interpretar com a sua política a vontade nacional, não se compreende a razão por que se obstina, ao cabo de quase 40 anos, em governar com a censura prévia, silenciando implacávelmente todos os seus eventuais contraditores.

Os signatários, no seu «Manfesto ao País», emitiram com clareza os seus pontos de vista, reclamando um amplo debate público sobre os grandes problemas nacionais. Porque não permite o Governo esse debate? Porque não aceita, como é prática corrente em todos os países livres, que qualificados representantes do Governo e da Oposição confrontem perante as câmaras da televisão as suas orientações políticas respectivas?

Em lugar de tal, assistimos ao suscitar de uma vaga de histeria que não pode deixar de ser considerada, como perfeitamente ridícula por qualquer observador imparcial e atento.

De toda a vasta gama de temas abordados no «Manifesto ao País», a União Nacional e certas autoridades administrativas do Ultramar, escolheram um — apenas um — para com ele atordoarem os ouvidos e os entendimentos da Nação: a política ultramarina. O método é conhecido e bem típico dos regimes totalitários! Todos os outros pontos ficam na sombra, deixam-se propositadamente cair em esquecimento, que é a melhor forma de evitar explicações e controvérsias certamente embaraçosas...

Os signatários, neste seu acto de renúncia, não desejam polemicar com os próceres situacionistas — porque sabem não ter os meios de comunicação com o eleitorado necessários para o efeito. Não fosse essa situação de desigualdade, fosse, pelo contrário, concedida ao País uma campanha eleitoral *a sério*, e estão seguros de que pulverizariam, com a maior facilidade, as teses governamentais em todos os sectores da administração!

Mas há um ponto que não podem deixar passar em claro: a acusação que lhes foi feita e repetida de anti-portuguesismo, quiçá mesmo de traição á Pátria. Trata-se de uma acusação infame, que os signatários enérgicamente repudiam.

Em matéria de política ultramarina, que disseram os signatários no seu «Manifsto ao País»? Apenas que perfilhavam a doutrina expendida pelo Directório Democrato-Social, em cartas trocadas com o Presidente do Conselho. E insistiram no que tem sido a orientação constante daquele movimento político: são partidários de um amplo debate público, esclarecedor e do princípio democrático da autodeterminação, o qual pressupõe a livre disposição dos Povos na oportuna escolha do seu futuro, competindo-nos ajudá-los na preparação do caminho a percorrer, com a salvaguarda do que de espiritual e material constitui valor positivo da nossa presença multissecular em *Africa*, como tem sempre definido o referido Directório Democrato-Social que os signatários citaram no seu «Manfesto ao País».

Nestes três dias de silêncio da Oposição Democrática, os ultras do regime não se cansaram de gritar: «aqui del Rei que há traição!», e foram ao ponto de falar em «terrorismo interno» e em «vendilhões da Pátria». São vozes irresponsáveis! Vendilhões das pátrias respectivas são, para eles, certamente, homens como o general de Gaulle ou o insuspeito generalíssimo Franco, visto que ambos se revelaram partidários do princípio de autodeterminação que tanto os incomoda. E' de citar o caso que Castiella, ministro dos Estrangeiros de Espanha, interpretando o pensamento do generalíssimo Franco, asseverou na Assembleia Geral da O. N. U. que, depois de certo prazo, se iriam consultar as populações da Guiné Espanhola e de Fernando Pó sobre se quereriam ou não ficar ligados á Espanha. Porventura os «patriotas» que insultam os signatários quererão classificar também o condutor espanhol de antipatriota? E não será exacto que também o prof. Oliveira Salazar já utilizou, também, a mesma expressão de autodeterminação, embora sofisticamente e apenas para uso externo? Partidário do «terrorismo interno» é, para os mesmos ultras, seguramente S. S. Paulo VI, dadas as afirmações que produziu na O. N. U. acerca do fenómeno irreversível da descolonização!

A assimilação sofística que se pretende fazer entre a Pátria e a política ultramarina do Governo só pode impressionar mentalidades pueris. O «slogan» «Salazar é Portugal, quem é contra Salazar é contra Portugal» não difere substancialmente dos que em outras circunstâncias se ouviram, talvez até mais estridentes, na Itália de Mussolini e na Alemanha de Hitler. O seu valor é semelhante!

Quando os signatários chamaram a atenção do País para a política errada do Governo em matéria ultramarina, não proclamaram nenhuma novidade. Essa política, pensam os signatários, conduzirá, como ficou demonstrado com o exemplo trágico da Índia, á perda certa do Ultramar português — e não só no seu corpo como na própria alma, isto é, na sua íntrinseca portugalidade.

Outros portugueses, e dos melhores, antes dos signatários, fizeram a crítica da política ultramarina do Governo, que, aliás — e como se sabe — tem estado sujeita a profundas tergiversações. Paiva Couceiro, em duas cartas célebres que a História regista, dirigiu ao presidente do Conselho uma advertência solene — que, por sinal, lhe valeu o exílio, sem processo nem julgamento. O mesmo aconteceu com Henrique Galvão, vítima das perseguições do regime após o seu célebre Aviso Prévio na Assembleia Nacional sobre a situação e a política indígena em Angola. E, bem assim, com Norton de Matos, agora citado pelo director do «Diário de Notícias», esquecendo-se que a maioria dos signatários foram dilectos colaboradores do candidato da Oposição Democrática nas eleições presidenciais de 1949, quando o «Diário de Notícias» o combatia «corajosamente», e como de costume, a coberto da censura prévia, contra a qual nunca teve a ousadia de se erguer.

Já em 1937, o panorama descrito por Paiva Couceiro era semelhante ao de hoje. Escreveu ele:

«Cantam-se loas ás glórias governativas e ninguém pode dizer o contrário.

O Portugal legítimo do «senão, não», foi substituído por um Portugal artificial, espécie de títere, de que o Governo puxa os cordelinhos.

Vela a Polícia e o lápis da censura.

Incapacitados uns por esse regime de proibições, entretidos outros com a digestão que não lhes deixa atender ao que se passa, e jaz a Pátria portuguesa em estado de catalepsia colectiva.

Está em perigo a integridade nacional. E isto que venho lembrar-lhe, Senhor Presidente do Conselho.» (V. Fr. Pedro Cruz, «Em Defesa do Ultramar», pág. 44).

Surdo, no entanto, a esta advertência, como ás demais que lhe têm sido prodigalizadas por egrégios portugueses como Bernardino Machado, Norton de Matos, António Sérgio e Cunha Leal, o presidente do Conselho persiste na sua política, recusando-se a admitir que portugueses que não sejam «salazaristas». O seu Governo tem-se entretido a convidar personalidades estrangeiras a visitarem o Ultramar, como o imperador da Etiópia ou o secretário-geral da O. N. U., sem que o inamovível chefe do regime, há quase quatro décadas no poder, consentisse no sacrifício pessoal de se deslocar até ao Ultramar — como parece lhe cumpria — ou se dispusesse a formular idêntico convite á Oposição Democrática ou ao Directório Democrata-Social que, por diversas vezes, em cartas publicas, lhes tem expresso a tal respeito as suas ansiedades e preocupações.

O marechal Craveiro Lopes — Presidente da Republica da escolha do presidente do Conselho e, esse sim, conhecedor do Ultramar — escreveu em 1962:

«Do noticiário que se refere ás gravíssimas dificuldades que ultimamente surgiram em quase todos os sectores da vida portuguesa, a informação e a discussão são de tal forma limitadas que praticamente pode dizer-se que a discussão é nula e que a informação fornecida é unicamente aquela que se ajusta ao pensamento oficial.

Note-se ainda, que os responsáveis pela administração afirmam que Portugal atravessa uma das passagens mais graves da sua longa história.

Se é mister resolver — e bem — as presentes dificuldades, há que escutar todas as correntes da opinião portuguesa, pois só assim será possível encontrar solução verdadeiramente nacional.

Deve informar-se com verdade e com sentido na livre discussão.» (in Prefácio do livro «Portugal, o Ultramar e o Futuro» de Manuel José Homem de Melo).

Também um antigo subsecretário de Estado do Exército, o brigadeiro Francisco Costa Gomes, escreveu, em carta dirigida ao «Diário Popular» de 19 de Abril de 1961:

«Ora, a verdade, sr. Director, é que o problema angolano, como aliás o de todas as províncias africanas, não é um problema simples, mas um complexo de problemas do qual o militar é uma das partes que está longe de ser o mais importante».

Só por má fé, pois, se pode dizer que a defesa do primado da política sobre a tese da guerra até ao extremo significa o mesmo que abandono.

Como só por má fé se pode sustentar que a defesa do princípio da autodeterminação — princípio aceite por todas as nações cristãs e perfilhado expressamente pelos papas — é igual a traição á Pátria.

Os signatários, como democratas que se honram de ser, aceitam o veredicto da vontade nacional, mas pensam que esta só pode ser expressa depois de um esclarecedor debate, realizado em condições de liberdade e decência, com observância da igualdade cívica de todos os portugueses e do respeito mutuo que todos se devem.

Os insultos serão fáceis e cómodos para quem se encontra a coberto da censura — mas não contribuirão num ápice para o esclarecimento do problema. Sobretudo, não serão eles que levarão os signatários e com eles grande parte da Nação a deixarem de pensar que a portugalidade do Ultramar só poderá ser mantida desde que se respeite a liberdade e a igualdade cívica de toda a população, negra ou branca, e os seus inalienáveis direitos de pessoas humanas que todos são por igual. Ora, a actual situação antidemocrática tem-se revelado, sobejamente, incapaz de respeitar tais direitos.

Não desejam os signatários alongar demasiadamente esta exposição. Não querem, no entanto, deixar de citar a V. Ex.ª uma passagem significativa de uma carta que António Sérgio dirigiu ao mnistro do Ultramar, em 6 de Agosto de, 1954, versando o problema do Estado Português na India. Escreveu, com efeito, aquele ilustre homem publico:

«Em 1931, o então governador da nossa India, o general João Carlos Craveiro Lopes, pai do actual presidente da Republica, tratou de prevenir o nosso Governo acerca das consequências que naturalmente adviriam dos ressentimentos ali suscitados pelo Acto Colonial e pelas descriminações raciais contrárias a toda a tradição portuguesa, desde os tempos de Albuquerque até aos da Republica, e inspiradas nas doutrinas de onde saiu o nazismo. Depois, em 1946, (antes de haver India independente), e em 1949 o deputado dr. Froilano de Melo, em discurso na Assembleia Nacional, apontou as injustiças e erros administrativos de que se queixavam os cidadãos da nossa India, dos sentimentos de revolta assim suscitados e previu o partido que daí tirariam os adversários da soberania de Portugal.

Como V. Ex.ª sabe, nem o governador Craveiro Lopes, nem o deputado Froilano de Melo foram ouvidos com a atenção que mereciam. Nem, lógicamente, poderiam sê-lo, porque o que pretendiam era oposto á orientação do Governo, de cunho dogmático e imperatório; e, em vez de se dar a satisfação devida ás justas aspirações dos indo-lusos, respondeu-se aos reclamantes com a perseguição policiesca, com julgamentos feitos por tribunal de excepção, com deportações para a Metrópole e com prisões em Peniche, tudo consequências inevitáveis de um regime político de autoritarismo.

Não recordo estes factos, Ex.mo Sr. Ministro, para fazer acusações sobre o passado, mas para inclinar o respeito de V. Ex.ª para o que creio ser a boa orientação futura e para justificar as sugestões que lhe submeto agora.

Antes de mais, parece-me indispensável que neste momento de crise a Nação se apresente *verdadeiramente* unida e prestigiada pela razão e pela justiça. Cumpre ser verídico até ao fundo e não nos iludirmos com as cortinas de fumo de manifestações artificiosas e mais ou menos pueris. Apareçamos calmosos, inteiramente verazes, com perfeito decoro, sem histéricas dramatizações da vida publica, cópia das paradas dos Mussolinis. Já se nos revelou a raiz do mal: o autoritarismo dogmático; e importa reconhecer que sob o Governo opressor não pode existir verdadeira unidade; que com o Acto Colonial, com as descriminações raciais, com as perseguições em resposta ás reclamações legítimas, nos seria impossível comparecer no pleito com verdadeira razão e com justiça.»

A luz da experiência dos ultimos anos — e conhecendo-se as linhas gerais do que foi o desastre da India em 1961 — é legítimo perguntar-se: quem tinha razão, António Sérgio ou Salazar? Conhecidas as advertências de Cunha Leal nos seus livros «A Pátria em perigo» e «Ilusões macabras» (o qual, depois deste ultimo livro, não pôde publicar qualquer outro, dadas as imposições da P. I. D. E. sobre a tipografia!) é legítimo perguntar: Cunha Leal ou Salazar?

Escreveu Cunha Leal no seu livro «Ilusões macabras»:

«O ditador nacional, mal habituado, deposita excessiva confiança nos fados benéficos que se não cansaram de o proteger até 1956. Quando o nosso horizonte começou a entenebrecer-se lá para as bandas da India, baldamente lhe sugeri uma solução que lhe poderia restringir as proporções do cataclismo vindouro. Ele não acreditava, porém, que Nehru ousasse passar á acção, considerando como inconsistentes farroncas as suas ameaças e não levando, igualmente, a sério, os meus propósitos e os meus alvitres. Em certa altura — tal era a crença na inércia do primeiro-ministro indiano — começou a retirar dos nossos enclaves asiáticos parte das forças de entrada aí acantonadas, deixando os que ficaram sem cobertura aérea, sem nenhuma artilharia anti-aérea e com fracos contingentes de artilharia de acção terrestre. Quando, contra a sua ingénua espectativa, o desastre sobrevelo, estava convicto que a magra guarnição portuguesa se sujeitaria, resignadamente a um holocausto patriótico, mas as suas esperanças foram desmentidas pela tristíssima realidade e tudo redundou, mais de um ano depois, em acção disciplinar contra os mais responsáveis dentre a oficialidade, sem o clarão deslumbrante de um justiceiro conselho de guerra em que fossem apuradas todas as responsabilidades, tanto as dos mandantes ignaros como as dos mandados sem aprumo militar. No que se refere á actual posição do nosso problema africano, a atitude do dr. Oliveira Salazar é a mes-

(Continua na ultima página)

A exposição dos oposicionistas ao Presidente da República

missíma que assumiu no caso anterior: não acredita na possibilidade de uma intervenção macissa por parte dos novos países africanos, perante, senão a indiferença, ao menos a inércia do mundo civilizado; e se acredita, está resolvido a suportá-la, como se só estivesse em jogo o seu destino e dos seus comparsas e não também o da Pátria mantendo-se, por isso, em plena imobilidade, ideológica e de orientação e desprezando, em absoluto, os procedimentos sugeridos por mim para conjurar, em parte, o mal». (Cunha Leal — obra cit pág. 78)

Não se pense, porém, que tão sérias advertências só partiram da Metrópole. No Ultramar —, a opinião mais consciente chega a conseguir exprimir-se e não é diferente da metropolitana. Em 1961, no Manifesto apresentado aos eleitores pelos candidatos a deputados por Moçambique, Almeida Santos, Soares de Melo, Santa Rita, Adrião Rodrigues, Saraiva Barreto, Alberto Moreira e William Pott (lista que, aliás, veio a ser considerada inelegível pelas autoridades governamentais, tendo, depois, em apreciação do recurso interposto, o Tribunal Administrativo de Moçambique, confirmado aquela decisão por um simples voto de maioria!) escreveu-se:

«Deve, pois, reconhecer-se á Nação, entendida nos termos do art. 8.º da Constituição Política, como o conjunto dos cidadãos portugueses, sem distinção de raças ou de credos, o direito de autodeterminar o seu futuro em geral e a sua política africana em especial. E, então sim, o governo a quem couber pôr em obra essa política poderá com verdade falar em nome de todos, alijando as responsabilidades e dispensando as honras».

Senhor Presidente,

As citações feitas servirão para demonstrar que os signatários não só nada inovaram no «Manifesto ao País» em matéria de política ultramarina, como não estão sós. E que se há que falar em alta grita de patriotismo não é sobre eles que decerto cairão as dúvidas do povo português. Releve V. Ex.ª a lisonjeira comparação: também os miguelistas acusaram os liberais de falta de patriotismo em 1822, quando ao Brasil foi concedida a independência, sem prejuízo dos nossos *miguelistas de hoje* se prevalecerem do exemplo do Brasil para a sua argumentação de agora. Quer isto dizer — para terminar — que os signatários não temem os juí que os signatários não temem os juízos da história—que a todos julgará?—nem os juízos do povo português, *desde que se possa livremente exprimir, depois de ser verídicamente informado.*

A este respeito, permita V. Ex.ª uma última citação — o que escreveu o «Diário de Lisboa» no seu editorial «Liberdade e responsabilidade», em 16 do corrente:

«Uma informação unilateral não pode deixar de comprometer a dignidade da Imprensa, que tem uma missão mais elevada e mais nobre a cumprir do que aquela a que, infelizmente, se resignou entre nós. Sabemos que a defesa intransigente destes princípios, que devem constituir um ponto de honra para todos os jornalistas, não é muito do agrado de certos turiferários enfáticos do poder, que queimam mais incenso do que seria preciso para purificar o templo na hora das celebrações rituais. Mas pior do que isso é, sem dúvida, a atitude inqualificável e pouco corajosa daqueles que, infringindo as regras mais elementares da ética profissional, atacam, insultam, e caluniam com a certeza antecipada de que o adversário não se pode defender. Até quando — é lícito perguntar — será possível viver num clima de irresponsabilidade, de informação capciosa e de impunidade como aquele que sob certos aspectos se criou entre nós?».

Haverá alguma pessoa honesta neste País que não subscreva tais palavras?

E' tempo de ouvir a voz do bom senso, da tolerância e do respeito pelo adversário, metendo uma surdina aos gritos estridentes dos *ultras*. Infelizmente não é isto a que se assiste. Em plena campanha eleitoral, quase duas centenas de universitários foram sancionados (e entre eles um dos candidatos oposicionistas) com penas que vão de alguns dias até *oito anos* (!) de privação de frequência de todas as Faculdades do País!

O mesmo regime que expulsou da cátedra algumas dezenas dos seus melhores professores — glória da ciência portuguesa — o mesmo regime que levou o sábio professor Egas Moniz, único Prémio Nobel português, a proclamar que se ausentia exilado na sua própria terra», proibiu agora de frequentar as aulas quase duas centenas de estudantes universitários! Para onde caminhamos, sr. Presidente da República? A V. Ex.ª, que diz querer ser «presidente de todos os portugueses», voltamos a perguntar: que sementeiras de ódio, de intolerância e de violência se estão a lançar, inconsideradamente nesta boa terra portuguesa?

Senhor Presidente!

Disseram os signatários, no seu «Manifesto ao País», que não se prestariam a «avalizar com a sua presença um arremedo de eleições». Apelaram, por isso, para V. Ex.ª para que usasse dos poderes que a Constituição lhe confere no sentido de impor ao Governo uma *mudança de estilo* nos processos eleitorais que nos dignificasse a nós próprios, portugueses, e que contribuisse para nos prestigiar aos olhos do Mundo.

Concorrendo apenas em quatro círculos — e dados os poderes limitados da Assembleia Nacional — nem sequer se poderia recear desta vez que se tratasse de um dos tão falados e temidos «golpes de Estado constitucionais»...

O que pretendiam os signatários, se viessem a ser eleitos? Ser, na Assembleia Nacional, vozes capazes de incarnarem o protesto da Nação; fazer conhecer, a partir da mais alta tribuna política do País, o pensamento da Oposição (isto é, um larguíssimo sector da opinião publica portuguesa), relativamente aos grandes problemas nacionais; suscitar os debates publicos que o País, ávido de informação veridica, ansiosamente aguarda. Numa palavra: contribuir para uma *mudança de estilo*, que possibilitasse, evolutivamente, a integração de Portugal na *ordem democrática* comum a todo o mundo ocidental.

V. Ex.ª não nos quis ou não nos pôde ouvir! O Governo, prisioneiro do seu imobilismo e que só acarinha e dá voz cantante aos *ultras*, revela-se, mais uma vez, incapaz de qualquer evolução. O diálogo, estabelecido em bases francas, leais e bem educadas, continua a ser impossível entre portugueses! Por quanto tempo? Não faremos profecias. Mas diremos: tanto pior, para todos...

Os signatários, sem meios de comunicar com a Nação e estando já a ser (como decerto continuarão!) insultados e vilipendiados pela propaganda do partido unico, confiam da honra do Supremo Magistrado da Nação este desagravo publico a que se julgam com direito, solicitando pois de V. Ex.ª — com o acto de renuncia que ora apresentam das suas candidaturas — uma intervenção pessoal do Presidente da Republica, no sentido de assegurar a divulgação integral da representação que neste momento lhe entregam.

A Bem da Nação, pelos candidatos da Oposição Democrática de Lisboa, do Porto, de Leiria e de Viseu, a) *Acácio de Gouveia, Armando Adão e Silva, Armando Félix Castanheira, Francisco Salgado Zenha, Gustavo Soromenho, Joaquim Catanho de Menezes, José Medeiros Ferreira, José Paradela de Oliveira, Mário Soares, Mário Sottomayor Cardia, Nuno Rodrigues dos Santos, Raúl Rego*».

Aspecto da manifestação de apoio á politica ultramarina do Governo português e de repudio á doutrina expendida acerca do futuro das nossas provincias ultramarinas, no manifesto dos candidatos oposicionistas ás eleições para deputados, na qual se calcula que tomaram parte cerca de duzentas mil pessoas, dez mil automóveis e quinze mil motocicletas. O comércio e a industria locais resolveram encerrar as suas actividades, permitindo assim que todo o seu pessoal se incorporasse no cortejo, o qual assumiu proporções nunca verificadas na capital de Angola. O governador-geral da Província assistiu ao desfile numa varanda do palácio, ladeado pelos seus mais próximos colaboradores

COM VISTA ÀS ELEIÇÕES

A SOCIEDADE PORTUGUESA

Uma das observações que formulam todos os que pretendem estudar a sociedade portuguesa, com o espírito da mais perfeita objectividade científica e o nítido sentido das realidades actuais, é a escassez de uma informação estatística conveniente, bem como a ausência de uma documentação sociológica adequada. Torna-se, na verdade, difícil caracterizar rigorosamente a estrutura da nossa vida social com os dados escassos de que dispomos, mas, mesmo assim, há aspectos que podemos considerar como um ponto de partida para o estudo que nos pareceu oportuno levar a efeito, neste momento, numa contribuição construtiva para um balanço dos grandes problemas nacionais, em que desejamos ser intérpretes fiéis do vasto sector da opinião com o qual nos identificamos.

Deixando, por agora, os aspectos gerais sócio-económicos que podem influenciar esse estudo e que terão cabimento na apreciação de outras perspectivas, debrucemo-nos hoje sobre um conjunto de problemas específicos que constituem, sem dúvida, um dos sectores mais importantes que se nos deparam na seriação da problemática da vida portuguesa — os problemas do trabalho no plano institucional.

Portugal, segundo os termos da Constituição política de 1933, é uma República unitária e corporativa. No decorrer de quase três décadas, foi posta em vigor uma «organização corporativa» que aberca todos os sectores de actividade da Nação, tendo atingido a sua ultima fase, há poucos anos, com a instituição das corporações. No entanto, durante todo este tempo, não se dissipou — antes, ao que nos parece, se agravou — uma crise latente do corporativismo, como regime que deveria assegurar a representação e a participação efectiva de todos os profissionais na resolução dos problemas do trabalho e na direcção da política económica e social do País.

Na realidade, muitos são aqueles que — nas próprias fileiras dos adeptos do sistema — têm chamado a atenção para os variados aspectos desta crise diversamente diagnosticada. A evidente anemia, ou letargia, dos órgãos primários — grémios e sindicatos — é por todos reconhecida. Para uns esta fraqueza persistente resultaria da incapacidade e falta de preparação dos dirigentes, para outros da falta de adesão e de confiança da massa dos profissionais, que se traduziria na inexistência daquilo a que se tem chamado o «espírito corporativo».

Outro aspecto muitas vezes posto em foco é a demasiada dependência e subordinação das associações profissionais ao Estado, de cuja vontade e de cuja acção, em ultima análise, tudo se espera. Os organismos corporativos aparecem assim, aos olhos da maioria dos trabalhadores, como meras engrenagens burocráticas através das quais se prolonga a actividade política e administrativa do Estado e dos seus serviços. A ambiguidade resultante da coexistência, no amago do sistema, de dois princípios antagónicos — o da autonomia e o da subordinação — não parece ter-se resolvido até hoje em termos claros. A doutrina, o ideal proclamado, continua a ser o de um corporativismo de associação, enquanto a prática efectivamente adoptada reproduz, nos seus traços essenciais, o figurino característico de um corporativismo de Estado.

Perante tal situação, é lícito perguntar se não estaremos em face de uma debilidade congénita, menos dependente dos homens que do sistema em si. Permanece, com efeito, a questão de saber se o corporativismo, tal como tem sido concebido e praticado entre nós, poderá radicar-se e encontrar estímulos vitais suficientes no condicionalismo da realidade concreta em que procura inserir-se, ou seja, no sistema económico em que vivemos.

As corporações, como se sabe, assentam fundamentalmente numa ideia de «bem comum», de comunhão ou de fusão de interesses entre patrões e trabalhadores que se dedicam ao mesmo ramo de actividade. Esta aliciante fraternidade de interesses resolveria, como é óbvio, todos os problemas e asseguraria vida perene e próspera ao sistema corporativo. Mas, se passarmos do ideal abstracto para a realidade concreta, é forçoso reconhecer que a história de todos os povos tem sido assinalada por uma longa série de lutas, de fundo económico, entre as diversas camadas sociais. Na época contemporanea, desde que se iniciou, nas grandes nações ocidentais, a era da industrialização e do grande capitalismo, a relação Capital-Trabalho tem sido essencialmente uma relação caracterizada pela oposição de interesses.

Ora, uma experiência já longa mostra-nos que, em toda a parte, os trabalhadores têm encontrado na sua associação em sindicatos o melhor meio e o melhor apoio para a formulação das suas reivindicações e para a defesa dos seus interesses. Tudo depende, porém, de ser ou não concedida aos sindicatos a possibilidade real de conduzirem, por si próprios, uma acção reivindicadora, sem a qual nunca poderão conquistar o interesse e a confiança dos seus associados. Nem se diga que, na intervenção arbitral do Estado poderão os trabalhadores encontrar, normalmente, amparo eficaz contra o poder discricionário da entidade patronal. Como escreveu, há anos, António Sérgio, «não sendo o Estado uma divindade abstracta, mas sim constituído por determinados indivíduos ligados a um sector da sociedade, apoiados em grupos donde lhes vem a força — quem garante a justiça do mesmo Estado...?».

No mundo moderno, e particularmente nos países que entraram no caminho da industrialização, o papel dos movimentos sindicais no que respeita á resolução dos problemas do trabalho tem sido decisivo. A sua acção incessante ficaram a dever os trabalhadores a maior parte das melhorias nas condições de trabalho e de remuneração de que hoje beneficiam. Mas não é apenas no que respeita á determinação das condições de trabalho e de remuneração que se torna necessária a intervenção activa das associações profissionais. As próprias condições de trabalho — nomeadamente o nível dos salários — depende, nos Estados modernos, de numerosos factores de política geral cujo ajustamento cabe nas atribuições normais dos governos. É neste plano que se põe actualmente, em numerosos países, um problema fundamental: o da participação, efectiva e institucionalizada, dos órgãos representativos do trabalho na elaboração e na execução dos planos de desenvolvimento económico. Trata-se de um problema comum a todos os Estados que adoptam um regime de planeamento económico, quer ele seja de carácter autoritário ou de índole democrática; mas é evidente que, neste ultimo caso, tal problema assume a máxima importancia, mesmo que se trate de uma planificação em larga medida indicativa.

O nosso País, que pôs em vigor um plano de desenvolvimento e que se acha empenhado num processo de industrialização, não poderá furtar-se, ao que cremos, ás exigências acima apontadas, para cuja satisfação temos que dispor de órgãos sindicais fortes e conscientes. Não é possível, neste lugar, referir em pormenor, os aspectos complexos de uma eventual reforma institucional, favorável a um decisivo robustecimento das organizações profissionais entre nós. Que se tenha, ao menos, presente que tal reforma implica, por certo, o abandono de algumas ilusões e abstracções paralisantes, e deveria principiar por uma transformação do contexto económico.

Só com a consciência perfeita destas realidades se poderá caminhar para uma verdadeira integração dos grupos profissionais, através dos seus organismos próprios, na sociedade e na estrutura do Estado, com vista a que o poder político e o poder económico deixem de pertencer, em exclusivo, a certas categorias sociais que tendem abusivamente a considerar-se representantes e intérpretes de toda a comunidade.